

Dileymárcio de Carvalho Gomes

**TERRITÓRIOS MIDIÁTICOS:
O Discurso do Globo Repórter e
os Movimentos Migratórios**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação *strictu sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce, como requisito obrigatório para obtenção do Título de Mestre em Gestão Integrada do Território.

Orientadora: Profa. Phd. Sueli Siqueira.

Governador Valadares/MG
2014

AGRADECIMENTOS

A construção de um trabalho nunca se faz sozinho. Cada etapa da nossa caminhada significa um “tanto” de pessoas envolvidas. Situações, certezas e incertezas nos fazem seguir ou parar. Prefiro seguir, mas não posso deixar de agradecer. Alias como é bom saber que não estamos sós. Em primeiro lugar a promessa veio do próprio Cristo que disse que “não nos deixaria só”. E isso é em si é suficiente. Mas, Ele próprio faz a nossa caminhada mais agradável com a presença de tantas pessoas especiais. O espaço aqui é pouco para expressar minha gratidão ao Meu Deus e a todos que me ajudaram nessa etapa. Alguns de perto mesmo, outros em momentos distantes, mas que foram fundamentais para esse passo aqui. A minha eterna professora de Português Conceição ainda no ensino médio, marcas de amor para sempre. Como não deixar de agradecer a Renata Neiva, minha primeira referência no jornalismo de televisão. Pessoa que busca sempre a excelência e já se vão 23 anos. Meu professor Paulo Henrique da UNITRI em Uberlândia, a primeira referência também de um professor de jornalismo, nem imaginava que fosse assim, mas descobri logo que se um dia eu fosse professor, só se fosse com amor e pelo menos um pouco parecido com ele. A Flavia Popov que pensamos lá em Uberlândia sobre fazer mestrado por causa de a Ana Carolina Temer, que alias foi minha primeira referência de pesquisadora, a vocês duas, depois de tantos anos passados muito obrigado.

Nas voltas da vida um presente chamado, Adriana Omena me fez ver que muitas definições da minha vida profissional passariam pela academia. Referências, tantas são que não dá para dizer que esse é um trabalho autoral. Persistência e garra no jornalismo agradeço a Luci Carvalho, Rede Minas, através de quem sempre penso que vale a pena o nosso jornalismo e por isso aprofundar-me nos estudos dos discursos da mídia também é uma contribuição à nossa profissão. Minha amiga e irmã de fé, de lutas, muitas lutas na Univale, Bethânia Jersey meu agradecimento na certeza de que só na eternidade é que de fato a generosidade terá sua completude, porque aqui somos muito falhos. Não posso deixar de agradecer aos meus companheiros da TV UNIVALE, nossa, todos são um pouco de mestres também, ao Dirceu, ao Carlos, ao Thiago Torres, David a Liliane, ao André, lógico que foi mais fácil com vocês por perto. Ao meu amigo Kassio Freitas, amigo de verdade, estagiário, funcionário, ungido, você recebeu a bênção e será potencializada. Ao Lauro Moraes, pensamos juntos e sonhamos juntos

nos tornarmos mestres, penso que até mais que sermos um dia doutores. Meu amigo intelectual de prosas infinitas que nem acredito que um dia foi meu estagiário, “Louro José” está aí, não sei se tão boa quanto a sua. Mas tem um tanto de nossas conversas aqui. A Nicoli Tassis, minha primeira estagiária a se tornar mestre e doutora, minha gratidão por tanto incentivo e a Juliana Vilela, compartilhamos o primeiro rascunho do seu mestrado que saiu primeiro, mas ajudou em muito pensar nesse projeto e agora a força nessa minha reta final, me recebendo em um domingo em sua casa. Na TV RIO DOCE, meu agradecimento ao Joaquim Júnior e ao Gereré por tantas concessões. Ao doutor Altair de Carvalho e Marli minha gratidão pelas palavras sempre de encorajamento. Aos meus estagiários e alunos de todas as épocas, aos que hoje são melhores que eu, como aprendo com vocês. Na nova safra, ao Menino Farley Vasconcellos que ainda dará muitos frutos, muito bom ter você por perto. Esse trabalho dedico a vocês meus alunos e estagiários e tenho dito, começaria tudo de novo no jornalismo só porque Deus me deu a oportunidade de ter estagiários comigo. Aos meus professores do curso de Psicologia muito obrigado por tantas concessões também, Valéria Chequer, minha gratidão. Líbia e Gilcimara sei que se preocuparam. Obrigado. A minha amiga e protetora na psicologia Adriana Portugal se pudesse teria inventado a palavra gratidão. Ao Júnior Slovac, que deixou de ser um personal training para ouvir meus lamentos diários. A Edina Néris, FPF não poderia deixar de agradecer, você sabe o quanto me ajudou. A minha família meu amor incondicional, Dilayne, Dilayniza nem preciso dizer que sei da alegria de vocês minhas irmãs. A minha mãe Eliza minha mestra com todas as letras, a vocês meu amor, grande amor, eterno e sempre em todos os tempos. A vitória é nossa!

Ao professor Haruf minha gratidão e o reconhecimento de que só a história dará conta da sua importância na construção desse projeto de curso. A todos os professores do mestrado, com reverência a Nadia Biavatti, Mauro Santos e Luiz Henrique Assis Garcia quanta competência e desprendimento. A professora Rita Santos, muito obrigada pela preocupação constante com o andamento da dissertação. Minha gratidão especial a professora Sueli Siqueira, sua discrição diante de tantos impasses na jornada na universidade e sua referência como a nossa maior expressão na pesquisa me fez saber que não poderia parar. Bênçãos especiais por certo virão sob você. A Deus minha gratidão e o reconhecimento de que nada, nada é possível sem Sua Graça.

RESUMO

CARVALHO, DILEYMARCIO GOMES. **Territórios midiáticos: o discurso do Globo Repórter e os movimentos migratórios.** Governador Valadares, 2013. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Gestão Integrada do Território)- Universidade Vale do Rio Doce- UNIVALE, Brasil.

Essa dissertação se propõe a investigar como o programa jornalístico da Rede Globo de Televisão, tido pela própria emissora, como referência no aprofundamento dos temas sociais a partir do jornalismo, constrói e apresenta seu discurso sobre os movimentos migratórios. O trabalho tem também a observação desse autor enquanto profissional do jornalismo em Governador Valadares que durante muito tempo divulgou informações sobre o contexto do fluxo migratório na cidade e região. Mas tais observações são feitas agora na perspectiva das pesquisas realizadas na Universidade Vale do Rio Doce que entre outros pontos, desmistificam dados não confirmados e a própria origem da migração na cidade e região. Em específico a temática passa pela análise através da metodologia da Análise Crítica do Discurso tendo como referência os estudos migratórios e as teorias migratórias. Configurou-se o Globo Repórter como um “território simbólico” e por isso, o mesmo tornou-se objeto de estudo dentro das temáticas de investigação nas quais se baseia o curso do Mestrado em Gestão Integrada do Território. A partir das investigações feitas com a análise de sinopses dos programas exibidos desde 1988 a 2006 e também com a análise específicas dos programas exibidos em e em março de 2006, foi possível identificar as relações de poder e a construção de representações das questões migratórias através dos discursos presentes nas “vozes” do Globo Repórter. Essa construção se dá numa relação de poder não só pelos papéis que ocupam os atores envolvidos nas produções, mas também pela própria relação de poder inerente às mídias e seus produtos. O jornalismo por si só goza da chamada “fé pública” e por isso, seu discurso define “práticas sociais” e estabelece identificação e construção de “identidades”. Em determinados momentos o programa através de seu discurso reforça o caráter das forças do capital a potencializar como positivo as migrações e trazer um apelo de consumismo para a audiência. As apresentações sobre as questões migratórias e a realidade social são em sua maioria tratadas sem uma contextualização específica. Uma vez que os estudos sobre migrações “pautam” hoje as grandes discussões sociais, o programa não apresenta em seu discurso um esforço para uma aplicação e ampliação do tema. Tal crítica se faz pertinente porque o Globo Repórter é tido como o jornalismo de profundidade e análise social na Rede Globo Globo. Também quando retrata temas “negativos” das migrações, como o caso do mineiro Jean Charles de Meses, morto pela Polícia Britânica em 2005, também não há um trabalho de contextualização das problemáticas que envolvem os fenômenos migratórios, mesmo quando esses tratam de casos brasileiros.

Palavras-Chave: Discurso, Mídia, Jornalismo, Território e Poder.

ABSTRACT

CARVALHO, DILEYMÁRCIO GOMES: **Media territories: the discourse of Globo Reporter and migration.** Governador Valadares, 2013 Dissertation (MSc in Multidisciplinary Integrated Land Management) -. Universidade Vale do Rio Doce-UNIVALE, Brazil.

This dissertation aims to investigate how the news program of the Globo Television Network, had the station itself as a reference in the deepening of social issues from journalism, builds and presents his speech on migratory movements. In particular the theme is an assessment using the methodology of Critical Discourse Analysis with reference to migration studies and migration theories. Globe reporter was configured as a "symbolic territory" and therefore it has become an object of study within the research themes on which to base the course of the Master of Integrated Land Management. From the investigations made with the analysis of synopses of the displayed programs from 1988 to 2006 and also with the specific analysis of programs displayed in and in March 2006 it was possible to identify the power relations and the construction of representations of migration issues through discourses present in the "voices" of the Globe Reporter. This construction gives it a ratio of power not only by the roles they occupy the actors involved in the production, but also because the power relationship inherent in the media and their products. Journalism itself boasts of the "public trust" and therefore his speech defines "social practices" and establishes identification and construction of "identities". At certain times the program through his speech reinforces the character of the forces of capital leverage as a positive migration and bring an appeal to the audience of consumerism. Presentations on migration issues and social reality are mostly treated without a specific context. Since the studies on migration "guided" Today the major social discussions, the program does not show in his speech an effort for an application and extension of the theme. Such criticism is pertinent because the Globe Reporter is taken as the depth journalism and social analysis in the Globo. Also when portraying "negative" themes of migration, as the case of Jean Charles de Months miner, killed by British police in 2005, there is also a work of contextualization of the issues involving migratory phenomena, even when they deal with Brazilian cases.

Keywords: Speech, Media, Journalism, Territory and Power

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Modelo Tridimensional do Discurso.....	22
Figura 2- Linke site Memória Globo- História do programa contada pela emissora.....	69
Figura 3- Logo Marca atual do Globo Repórter.....	70
Figura 4- Primeira fase Globo Repórter- lançamento oficial do programa.....	74
Figura 5- Terceira fase Globo Repórter- Programa totalmente gravado em fita.....	74
Figura 6- Quarta fase- Programa anuncia nova fase com reportagens maiores.....	75
Figura 7- Quinta fase- programa adota tema único- sugerindo aprofundamento das reportagens.....	75
Figura 8- Fase atual a partir dos anos 2000 - Cenário virtual e participação de jornalistas em estúdio.....	76
Figura 9- Placa de sinalização na entrada do município de Gonzaga.....	84
Figura 10- Foto e reportagem sobre Jean Carlos divulgado pelo site G1.COM.....	84
Figura 11- Reportagem Folha Online.....	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Temas: Sinopse do Globo Repórter.....	18
Quadro 2- Categorias de Território e Discurso.....	19
Quadro -3Enunciados: Reforço discursivo econômico sobre a migração.....	38
Quadro 4- Enunciados: “Lógica do Capital”.....	39
Quadro 5- Perfil dos programas sobre migração: 1988-2010.....	48
Quadro 6- As fases do Globo Repórter.....	73
Tabela 6- Descrição das entrevistas de personagens e especialistas.....	86
Tabela 7- Contextualização da morte de Jean Charles de Meneses.....	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I- METODOLOGIA: Mídia e discurso nos territórios midiáticos.....	15
1.1. O DISCURSO COMO FERRAMENTA PARA ENTENDER AS MÍDIAS.....	15
1.2. ANÁLISE DO DISCURSO.....	20
CAPÍTULO II- PERSPECTIVAS TEÓRICAS: Territórios Midiáticos e Migração e Teoria da Migração.....	25
2.1- TERRITORIALIZAÇÃO DO DISCURSO MIDIÁTICO.....	25
2.2- MÍDIA; TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E PODER.....	33
2.3- EM BUSCA DOS ASPECTOS ATUAIS DAS TEORIAS MIGRATÓRIAS: AS REDES.....	44
CAPÍTULO III- TEORIAS DA COMUNICAÇÃO.....	51
3.1- TEORIAS DA COMUNICAÇÃO E TELEVISÃO.....	51
3.2- O QUE É NOTÍCIA EM TELEVISÃO.....	56
CAPÍTULO IV- O CASO GLOBO REPÓRTER.....	63
4.1- Rede Globo: um contexto histórico de “força midiática”.....	63
4.2- Globo Repórter: uma história política.....	47
4.4- As fases atuais do GloboRepórter.....	73
4.5. Construção da linguagem no Globo Repórter.....	78
CAPÍTULO V- A DESCONTEXTUALIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO NO GLOBO REPÓRTER.....	81
5.1- Análise discursiva das Sinopses do Globo Repórter.....	81
5.2- A morte de Jean Charles de Menezes	83
5.3- Análise discursiva das entrevistas: quem fala o quê e de qual lugar	86
5.4- Contextualizações da morte de Jean Charles no Globo Repórter.....	89
5.5- Pré Julgamento do Programa sobre a morte de Jean Charles de Menezes.....	91
5.6- Território Simbólico, Identidades e Territorialidades: o município de Gonzaga....	94
5.7- Eu não migrante o dizer sobre o migrante.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104
ANEXOS.....	113

INTRODUÇÃO

O fazer midiático difunde relações de identidade territorial e discursiva quando destina espaço específico às questões das migrações vistas também como uma das consequências da Globalização. O presente trabalho traz uma reflexão sobre as relações entre Discurso Midiático, Globalização e Migração. Esses elementos são analisados e estudados a partir dos Estudos Culturais tendo como marco teórico para análise os Estudos Culturais e Teorias Migratórias, tendo como recorte temporal chamadas do programa exibidos entre 1988 a 2006 e em específico uma edição de 2005 com a repercussão do caso da morte de mineiro Jean Charles de Menezes.

A relação da mídia na história atual permite vivenciar mundialmente fatos que decorrem como consequência da Globalização e ao mesmo tempo evidenciar “recortes específicos” da sociedade nesse tempo. É sobre essa perspectiva que as migrações são vistas nesse trabalho e busca-se as relações possíveis entre os aspectos da Globalização que tomam forma de produtos na mídia, como o discurso jornalísticos. O palco para essa identificação é o programa da Rede Globo de Televisão Globo Repórter ao apresentar edições específicas sobre migrações contemporâneas.

Assim, esse trabalho se propõe a identificar as representações identitárias sobre migrações a partir do discurso do programa Globo Repórter em relação à temática migração. Uma vez que a mídia reproduz em seus mais diversos discursos aspectos da globalização, os atores sociais apresentados por esses programas são marcados e construídos pelas características da globalização. Nesse sentido, Guiddens (2002) propõe relação quanto a modernidade e a globalização:

A modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e, portanto com o eu. Uma das características distintivas da modernidade, de fato, é a crescente interconexão entre dos dois “extremos” da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro. (GUIDDENS, 2002, p. 9).

A mídia televisiva, enquanto um produto cultural, dentro do contexto da modernidade, constrói e reconstrói relações sociais, sejam elas no campo individual quanto no coletivo. Os elementos discursivos de um programa de televisão são reforçadores das

intencionalidades da globalização. Usando conceitos de Guiddens (2002) referentes à globalização é possível identificar elementos discursivos presentes no programa e através dos mesmos destacar a forma como o migrante é retratado com características da Globalização, podendo assim, analisar o contexto do o fenômeno da migração e possível relações com a Globalização.

A pesquisa investigou como a descontextualização por parte do programa Globo Repórter para as questões das migrações dificulta um entendimento para quem consome essa notícia. Essa descontextualização ao mesmo tempo vem marcada por aspectos comuns da Globalização, questão que são apresentadas ao longo desse trabalho.

Para um olhar sobre a mídia, tem-se nos Estudos Culturais de Mattelart (2004) como essa relação é construída e como ao descontextualizar uma informação, surgida de manifestações das dinâmicas sociais, o veículo de comunicação desconsidera a ordem histórica e social de como tais manifestações foram se construindo ao longo de um processo histórico:

Trata-se, portanto de considerar a cultura em sentido amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo cultura nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais. Mesmo que ela permaneça fixada sobre uma dimensão política, a questão central é compreender em que a cultura de um grupo, e inicialmente das classes populares, funciona com contestação da ordem social ou, contrariamente, como modo de adesão às relações de poder. (MATTELART, 2004, p. 13).

A dinâmica da Globalização já não pode ser vista apenas como a idéia de um mundo homogêneo sem limites em decorrência das possibilidades de uma tecnologia que avança e que diminuiria “fronteiras”. Castells (1999) trabalha o conceito de a *sociedade da informação* definida e constituída na Globalização. No sentido de que o mundo é midiaticizado, a Globalização pode na proposta dessa construção ser pensada também a partir da noção da Globalização Imaginada. Diante desse pensamento, busca-se identificar como se dão em termos de representação midiática as características identitárias que um determinado produto da mídia, mesmo que de cunho jornalístico, destaca quando, por exemplo, trata dos fenômenos migratórios em vista a garantir certa audiência para com o tema tratado. Tal proposta é trabalhada nessa pesquisa a partir dos conceitos da Análise Crítica do Discurso.

A mídia vista na perspectiva da Globalização torna-se um campo vasto para a análise das migrações. Uma vez que a Globalização representa a interseção entre presença e ausência, referindo-se ao entrelaçamento de eventos e relações sociais à distância, localmente contextualizados, segundo Giddens (2002). É nesse sentido que buscamos um desdobramento

para a proposta em relação ao Globo Repórter. Para Giddens (2002), a Globalização vai gerar resultados que se divergem e são em si também contraditórios. É a idéia da *dialética do local e global*. Assim, fatos que ganham forma em lugares distantes influenciam a vida dos indivíduos em especificidades e contextos espaciais diferentes.

Essa proposta traz em si uma nova perspectiva para se pensar as migrações, uma vez que a mídia possibilita a instantaneidade com a diversidade de mundos independente das barreiras de espaço e tempo, quando só se era possível essa relação no seio de uma determinada comunidade por sua proximidade, (RODRIGUES, 1994).

O papel da mídia deve ser levado também em consideração quando das identidades na dinâmica de suas próprias diferenças. É a perspectiva de ir além das barreiras de um determinado território e a própria influência em outros contextos. Assim, a mídia traz à experiência cotidiana os eventos, mesmo que distantes. Sendo assim, a essência dialética da Globalização: local e global, um perpassando o outro. E nesse processo têm-se as migrações recentes definidas a partir dos anos 50 com o pós-guerra.

Essas mudanças são significativas quando esses fluxos são estudados a partir dos países da América Latina para os Estados Unidos, pesquisadores como Siqueira (2009) chamam a atenção para a importância de se estudar a migração internacional a partir de uma visão da ação social, ou seja, “perceber a decisão de migrar e todo o processo presente na sociedade de origem e inserção na sociedade de destino como resultado da influência das relações sociais”. (SIQUEIRA, 2009, p.37). Toda essa relação e movimento são apropriados pela mídia gerando resultados na vida local quando a mídia vai apresentar uma idéia sobre a decisão de migrar ou não e a elaboração de informação conceitual que a mesma faz do fenômeno no cotidiano. E não se separam então os processos de Globalização e localização, quando esses são apresentados pela mídia.

De forma que no processo da Globalização as questões migratórias vistas na perspectiva da dialética global e local são reforçadas pela mídia como aspectos da cultura na contemporaneidade. É o discurso da mídia, como no produto Globo Repórter, que vai gerar esse trânsito entre o local e o global como referência daquele que emigra apresentado como esse indivíduo do global. Uma vez que a constituição do discurso se materializa no contexto histórico e social. Nessa construção a comunicação é da ordem da interação no momento histórico com um objetivo específico. A Análise do discurso a partir dessa ligação define que a linguagem não está separada do discurso. Orlandi (2001) considera essa relação ao afirmar que:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pela qual os sentidos se constituem nele. (...) o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. (ORLANDI, 2001, p.32).

No sentido que a visibilidade dada a esse migrante através de um programa de televisão, independentemente dos problemas gerados e enfrentados com as migrações, gera visibilidade dessa identidade de ser um migrante na contemporaneidade. É a narrativa jornalística que vai representar em seu aparato simbólico especificidades das características do indivíduo migrante no mundo globalizado. Para essa compreensão recorreremos à estruturação da notícia jornalística a partir das perspectivas das “narrativas” usuais no Globo Repórter. Essa questão é discutida no Capítulo IV a partir da análise das narrativas linguagem que se destaca como de aprofundamento dos fatos. Para tal discussão faz-se uma análise do programa de junho de 2005 que apresenta uma melhor possibilidade dessa identificação. As narrativas presentes evidenciam como a construção da notícia está diretamente ligada ao discurso apresentado sobre um determinado fato e como “símbolos” podem ser gerados sobre um assunto ou tema que ganha espaço midiático de acordo com Rezende (2000):

Em sua estruturação a TV escolhe símbolos comuns e relaciona os mesmo com um discurso definido pelo objetivo jornalístico ou tendência do veículo. Apresentadas separadamente da narrativa própria que o veículo construiu A TV não conseguiu firma seu discurso. Qualquer tema mesmo no efeito do fato ganha a audiência a partir das escolhas simbólicas do veículo. (REZENDE, 2000, p. 64).

Dessa maneira tem-se que a mensagem televisa multidimensional e multissensorial atua com mais intensidade sobre o receptor. Na comunicação audiovisual, registra-se o predomínio da sensação sobre a consciência dos valores emocionais sobre os racionais. Assim ao cumprir a função fática, o discurso na TV é organizado através da relação entre o emissor e o receptor, por meio de imagens, sons e depoimentos levados a esse espectador em uma situação de “passividade” no local onde assiste ao programa. Mas a preocupação discursiva é de outra ordem. O discurso constrói uma tentativa de explicar o real por meio de um diálogo que se dá entre a análise e a estruturação do conteúdo que vão evidenciar um determinado fato. De forma que a linguagem da televisão, nesse sentido, é vista em termos sensoriais, o que distingue a TV (e o cinema também) dos demais veículos de comunicação de massa é o

fato de dispor do código icônico como suporte básico de sua linguagem. Rezende (2000) afirma que:

A TV suplanta os demais veículos de comunicação, porque, além dos códigos lingüístico e sonoro (disponíveis também no rádio), utiliza o código icônico como suporte básico de sua linguagem. Por causa disso, as produções televisivas privilegiam às vezes em excesso, a forma expressiva da imagem, inclusive nos programas jornalísticos. (REZENDE, 2000, p. 40).

E para a construção da proposta aqui defendida o Globo Repórter como produto jornalístico televisivo também segue essa ordem e quando se faz um recorte específico, como das migrações, não é diferente. Destaca-se então o foco que a produção jornalística dá em suas edições, ressaltando especificidades, identidades, personagens e discurso. Tudo sob a organização da linguagem televisiva e seu poder de ampliar o local dentro de um contexto global nas relações midiáticas. Uma vez que a mídia vai dar visibilidade a estas identidades localizadas que ganham factualidade nacional e mundial no mundo globalizado, seja no país de origem ou de migração. Quando se tem a mediação como parte da cultura, segundo Mattelart (2005) é através da mediação que as identidades ganham visibilidade.

Questiona-se então como o discurso apresenta essa identidade. Há sempre uma intenção na criação do discurso. Fairclough (2001) fala das características construtiva e constitutiva do discurso. Ao construir identidades sociais e constitutivas quando forma socialmente e como também contribui para reproduzir a sociedade e até transformá-la. Ainda Fairclough (2001) apresenta a proposta teórico-metodológico da Análise Tridimensional do Discurso em três fases analíticas: o discurso enquanto texto, prática discursiva e enquanto prática social.

No recorte desse trabalho, os discursos midiáticos sobre processos migratórios são apresentados pela mídia, em específico o programa Globo Repórter, dentro de uma lógica de produção cuja distribuição se efetiva no consumo dessas informações através da exibição do programa, fortalecendo diante do público um discurso definido pelo programa.

E o discurso midiático vai então reproduzir e expandir essas identidades. Seja na televisão, no rádio, no jornal e na internet as culturas tornam-se conhecidas fazendo da mídia o lugar da mediação cultural no mundo Globalizado. Martin-Barbero (1997, p. 258) considera que no eixo do debate sobre comunicação deve-se colocar dos meios para as mediações, isto é: *para as articulações em práticas e de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais* (p. 258). Na

relação mediação os meios massivos, como a televisão, geram uma territorialização do espaço midiático. Uma vez que a escolha dos conteúdos e definições de importância dos papéis apresentados, sempre são feitos a partir da construção daquele que organiza tais conteúdos.

Para Martín Barbero (1997), mediação implica sempre em negociação. Para que haja a mediação é preciso reconhecer os atores, uma vez que o poder está sempre posicionado em alguém. Nesse sentido os atores em apresentação no conteúdo de um programa como o Globo Repórter potencializam essa identificação. Ou seja: a mediação. *“O campo daquilo que denominamos mediações é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade.”* (Barbero, 1997, p. 262). Tem-se o sentido da hegemonia na comunicação onde a imposição se dá através da sedução, organizada no conteúdo, sem que aquele que recebe se dê conta desses “controles”.

Esse trabalho foi organizado em cinco capítulos. O primeiro apresenta o objeto de estudo e a metodologia definida a análise crítica do discurso. O uso dessa proposta metodológica se dá pelo fato de a mesma possibilitar a identificação de práticas sociais advindas dos discursos sobre um determinado tema. Uma vez que no espaço jornalístico em questão o discurso é fator preponderante da relação de poder exercido pela mídia.

No segundo capítulo trabalhamos a apresentação dos campos teóricos das migrações, tendo especificação os conceitos teóricos de território e territorialidade como proposta central do programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território. É, portanto sob esse olhar que se torna possível identificar os “Territórios Midiáticos” e trazer o programa Globo Repórter da Rede Globo de Televisão para análise. As discussões sobre teorias da comunicação, envolvendo os Estudos Culturais, a produção da notícia e as especificações da comunicação quando aplicadas ao campo da mídia televisão são realizadas no terceiro capítulo. O quarto capítulo discute as características estruturais do programa Globo Repórter. Seu contexto histórico ligado a questões políticas e suas diversas fases que são modificadas através da linguagem e formatos ao longo de décadas de existência. O quinto e último capítulo trabalha a análise do programa Globo Repórter e sua relação midiática através do discurso sobre os fenômenos migratórios. A apresentação da temática migração no programa foi analisada a partir das sinopses do programa no período de 1988 a 2006, como recurso de identificação e escolha de temas a serem analisados. Para tanto, foram definidos dois programas específicos, relacionados ao caso do Mineiro Jean Charles de Menezes, morto pela polícia de Londres em 2005. As duas edições receberam categorias específicas de análises a partir de uma proposta de Análise Crítica do Discurso.

Assim, apresentamos o programa Globo Repórter da Rede Globo de Televisão como um território midiático e em si entrelaçado de relações de poder que se dão e se constituem através de territorialidades nas práticas discursivas organizadas na estruturação do mesmo e na apresentação e representação da temática migração pelo programa.

CAPÍTULO I- O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

1.1 O discurso como ferramenta para entender as mídias

A produção de notícia é um fenômeno da sociedade contemporânea. No sentido de que essas produções representam as práticas sociais e as mesmas são as manifestações de discursos construídos na relação dessas práticas. Ao se pensar os movimentos migratórios no mundo como um recorte da sociedade atual, busca-se à luz da Análise Crítica do Discurso um entendimento de como as notícias sobre esses movimentos são apresentadas.

A base teórica construída para esse trabalho: teorias migratórias e comunicação, vistas a partir da Análise Crítica do Discurso, fundamenta a análise do discurso tendo o programa Globo Repórter da Rede Globo de Televisão como foco dessa análise. Tal recorte se dá na produção pelo programa de diversas edições que retratam questões migratórias em diversos momentos históricos.

Os meios de comunicação social constroem relações cada vez mais mediadas e essas são seguidas de discursos construídos por essas mediações e acabam por gerar representações e apreensões sobre um determinado fato. Seja no contexto local, nacional e até mesmo internacional os significados dados pela mídia são construídos pelos discursos midiáticos na contemporaneidade.

Esse trabalho parte inicialmente das concepções da análise do discurso e suas relações para com a linguagem na tentativa de compor através de teorias migratórias respostas para a questão central desse trabalho que questiona justamente como as questões migratórias são apresentadas dentro de um “território-simbólico midiático” como o programa Globo Repórter da Rede Globo de Televisão. Questiona-se justamente a possibilidade de o programa, mesmo se apresentado como espaço de “aprofundamento” de fatos, não trazer em sua construção discursiva uma contextualização social da problemática dos movimentos migratórios na contemporaneidade.

Esse trabalho tem em sua amplitude maior as perspectivas teóricas que envolvem as migrações e as territorialidades, vistas a partir de uma proposta discursiva que pode ajudar a sustentar uma leitura mais abrangente desses “territórios” apresentados, ou representados no discurso midiático e em específico no Globo Repórter, dentro do que representa a Rede Globo de Televisão no contexto nacional de mídia.

Assim, através dos discursos é possível compreender como são configurados os territórios midiáticos e que nesse “lugar-discursivo” têm-se referência para leituras de

diversos acontecimentos da sociedade atual. No caso desse recorte, os movimentos migratórios e quando esses são apresentados e representados num programa de televisão. E é à luz da Análise Crítica do Discurso que esse trabalho visa formar subsídios teóricos para ajudar na reflexão da relação da mídia na construção dos sentidos, e em específico no Globo Repórter focando a construção desses através do discurso.

Da preocupação com a linguagem e seus significados encontra-se a formação da Análise do Discurso como campo de estudo, onde o próprio discurso é o objeto desse estudo. Fairclough (2001) especifica o discurso enquanto a linguagem falada ou escrita na perspectiva da prática social. Tendo-se um contexto sócio-histórico a ser definido. Chamam a atenção também à forma de significar a experiência a partir de uma perspectiva específica, como o discurso político e suas particularidades. Não se tem na Análise do Discurso a compreensão de uma separação entre língua e discurso, como também entre a história e a sociedade. No sentido de que os sujeitos que utilizam a língua dentro do contexto histórico darão significado às relações sociais. Fairclough (2001) define essa relação imbricada:

Discurso, para mim, é mais que apenas o uso da linguagem: é o uso da linguagem, seja ela falada ou escrita, vista como um tipo de prática social. [...] o discurso constitui o social. O discurso é formado por relações de poder e investido de ideologias. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 125).

Faz-se necessário a interação entre as pessoas e a compreensão dos outros nas intenções daquele que fala. É a concepção de que as palavras não possuem um sentido único e acabado. Elas valem quando permitem a interação entre os sujeitos e são compreendidas.

O entendimento é de que o estabelecimento da linguagem só se dá quando usado pelas pessoas e assim, a Análise do Discurso dá conta da linguagem em uso. É uma prática do campo da lingüística e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas presentes num texto. O discurso é a prática social de produção de textos, significando que o discurso reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada à de seus autores e à sociedade em que vivem.

Há sempre uma intenção na criação do discurso. Fairclough (2001) descreve características construtivas e constitutivas do discurso. Ao construir identidades sociais e, constitutivo quando forma socialmente como também contribuiu para reproduzir a sociedade e até transformá-la.

Fairclough (2001, p. 101) apresenta a proposta teórico-metodológico da Análise Tridimensional do Discurso em três fases analíticas: o discurso enquanto texto, prática discursiva e enquanto prática social.

Atenta-se nesse trabalho para o discurso enquanto prática discursiva como possibilidade de compreensão dos processos de produção, distribuição e de consumo do texto. Nessa configuração a prática discursiva compõe um dos três níveis do quadro tridimensional da ACD. Vê-se a prática social ligada à política, aos aspectos ideológicos ligados ao poder. Fairclough (2001) estabelece as ideologias no seguinte sentido:

(...) significações/construções da realidade (mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

Nesse sentido os discursos contêm de forma geral ideologia uma vez que as pessoas vivenciam situações diferentes e compreendem e estruturam as realidades sob diversos aspectos. Thompson (1998, p.186) afirma que as mensagens, quando mediadas, podem ser ideológicas, e são incorporadas de maneira a gerar significados específicos a cada um. De forma que, mesmo os textos apresentando os traços e as estruturas ideológicas da fonte, Fairclough (2001, p. 118) destaca que não é possível ler essas ideologias nos textos, porque os sentidos são produzidos na interpretação dos textos e essas são abertas a redefinir as intenções ideológicas.

Dessa forma o texto, por sua vez, é o produto da atividade discursiva, o objeto empírico de análise do discurso. Não basta apenas fazer a demarcação e classificar as palavras e interpretar, torna-se necessário levar em consideração as variáveis presentes no contexto.

Metodologicamente, a análise desse trabalho foi constituída de duas partes: A primeira apresenta as Sinopses que serviram de chamadas para as edições do Globo Repórter, relacionadas ao período de 1988 a 2010 que trataram da temática migração. A relação foi enviada por e-mail pela empresa responsável pelo arquivo digital da TV Globo. (Anexo 1-p.123). A solicitação feita por esse pesquisador foi generalizada de forma a se obter a listagem de todos os programas. De posse dessa lista, definiu-se pela aquisição da edição do caso da morte de Jean Charles de Menezes. No site do programa, (<http://globoreporter.globo.com>) também consta uma lista de alguns programas sobre a temática: “Brasileiros no Exterior”. Verifica-se que alguns programas não fazem parte da lista fornecida pela empresa que cuida do arquivo do programa. Mas, a identificação nas sinopses mostra os temas levantados pelo

programa sobre as migrações. Identificados, e catalogados por tema, período e abordagem, conforme apresentados no quadro 01.

TÍTULO	ANO	ABORDAGEM
Brasileiros em Portugal	1988	O sucesso do projeto de emigrar.
Clandestinos nos EUA	1991	O esforço pela migração, mesmo que clandestina.
Dentistas Brasileiros em Portugal	1991	A competência e dedicação do trabalho de brasileiros profissionais.
Brasileiros no exterior Parte I	2003	A naturalização da migração e a vida economia dos migrantes.
Brasileiros no exterior Parte I	2004	A não desistência do projeto de migrar.
Futuro no exterior parte I	2005	A vida em Gonzaga depois da morte de Jean Charles e a continuação da migração.
Migrantes Brasileiros	2006	A economia regional com a crise nos EUA e a referência do fenômeno migratório pós-morte de Jean Charles.

Quadro 01- Temas das Sinopses do G.R

A segunda parte da análise estrutura a Análise Discursiva das edições de 2005 e 2006 que trataram da questão das migrações a partir do caso do Jean Charles de Meneses, o Mineiro de Gonzaga morto pela polícia Britânica, em Londres, para uma análise com categorias específicas, definidas na metodologia desse trabalho. O trabalho de análise específico para essas duas edições se dá pelo fato da repercussão internacional do caso e por ser possível encontrar nessas edições, mesmo quando não tratadas especificamente da prosperidade, características, através do discurso, que possibilitam a análise do objeto desse estudo. Ou seja: da não contextualização social a partir de análise mais aprofundada do fenômeno das migrações e ao mesmo tempo o reforço do discurso do fato acontecido como um “produto”.

Dentro do modelo tridimensional do discurso essa análise categoriza então três momentos de territorialidade nas práticas discursivas do Globo Repórter que aqui terão efeito de especificação: o texto, a prática discursiva e a prática social. Definimos as mesmas como categorias bases para a análise do geral do programa da edição de 2005 e 2006.

Assim, a categoria *Marcas de Territorialização* especificada no texto traz primeiramente as identificações na produção do texto produzido pelo repórter. É o chamado *off* a narração do texto escrito sobre o relato do fato. A prática discursiva definida aqui como categoria *Efeitos de Realidade e Poder* e a prática social como *Reforço de Naturalização* e

está na absorção por parte dos personagens e como as falas dos mesmos reforçariam o discurso textual a partir do texto jornalístico confirmando ou não a naturalização¹ da realidade social da qual fazem parte. Ou seja, o programa pode tornar questões complexas, como a migração e suas consequências como algo comum. É o que chamamos de naturalização do discurso. De forma que na Categoria Discurso foram levados em consideração o Discurso do Repórter, a Fala dos Personagens e a Fala dos Especialistas. Para cada uma dessas categorias, trabalhou-se aspectos chamados aqui de Categorias de Territorialidade. Sendo as mesmas identificadas como: Marcas de Territorialização, Efeitos de Territorialidade e Poder e Reforço de Naturalização. O quadro 02 exemplifica os campos que serem preenchidos no decorrer da análise.

Quadro 02- Categorias de Territorialidade e Discurso

CATEGORIA DISCURSIVA	CATEGORIA TERRITORIALIDADES
Discurso do Repórter	Marcas de Territorialidades
Fala dos Personagens	Efeitos de Territorialidade e Poder
Fala dos Personagens	Reforço de Naturalidade

Ao se definir pela ACD como base metodológica desse trabalho, tem-se a possibilidade de escolhas específicas no que tange a identificação de práticas sociais dentro do universo pesquisado. De forma que estruturalmente são essas categorias que vão ajudar a compor o campo analítico do discurso dentro da temática proposta e do recorte temporal aqui definido.

Assim, no campo das ciências sociais tal metodologia contribui para um fazer crítico das observações e “leituras” possíveis de serem identificadas nos discursos dos elementos categorizados. Uma vez que essa organização possibilita a prática de um dos princípios da Análise Crítica do Discurso que é de justamente identificar as relações de poder existentes nessas práticas sociais

¹ no sentido de tornar algo comum, corriqueira no cotidiano desse território

1.2 Análise do discurso

A Análise do Discurso vista a partir da perspectiva da crítica social (Fairclough 2003-2008) se fundamenta como linha de investigação de práticas sociais em que a atuação do pesquisador também se constrói ao longo do processo investigado. Assim, leva-se em conta que o analista crítico do discurso se posiciona politicamente em termos de identificação com o seu objeto de estudo. Em uma “leitura” do autor, Emília R. Pedro constrói definições metodológicas sobre a proposta de Fairclough:

A Análise Crítica do Discurso, perspectiva que recusa a neutralidade da investigação e do investigador, que define os seus objetivos em termos políticos, sociais e culturais e que olha para a linguagem como prática social e ideológica e para a relação entre interlocutores como contextualizada por relações de poder, dominação e resistência institucionalmente constituídas. (PEDRO, 1998, p.15)

Para Fairclough (1995), tal posicionamento possibilita desvendar as naturalizações dessas práticas ideológicas desvendando os efeitos desses discursos aos próprios envolvidos. Nesse sentido também há de se pensar para esse trabalho que quando o programa reproduz sem contextualização um determinado tema está naturalizando o fato social e também reforçando os discursos dominantes. O texto-discurso jornalístico, dependendo do seu uso e aplicação, pode-se configurar então como ação de reforço de poder. Em relação a essa argumentação, Van Dijk (2008) ressalta que:

Se o discurso controla mentes, e mentes controlam ação, é crucial para aqueles que estão no poder controlar o discurso em primeiro lugar. Como eles fazem isso: se eventos comunicativos consistem não somente de escrita e fala “verbais”, mas também de um contexto que influencia o discurso, então o primeiro passo para o controle do discurso é controlar seus contextos. Isso significa que precisamos examinar em detalhes as maneiras como o acesso ao discurso está sendo regulado por aqueles que estão no poder. (VAN DIJK, 2008, p. 19).

A Análise Crítica do Discurso tem então esse compromisso de “examinar” em detalhes a maneira como o acesso ao discurso está sendo regulado por aqueles que estão no poder. No sentido que se trata de uma hegemonia que define e sustenta as relações de poder e ao mesmo tempo de dominação e reproduz uma ordem social que identifica o poder, naturalizando assim suas práticas entre os dominados. Para o contexto que se amplia, o migrante, por sua condição social, assujeitado ao discurso midiático, no contexto das migrações aqui já apresentadas estaria então assujeitado a esses discursos midiáticos, mesmo quando são ouvidos como

personagens em reportagens. Esses “textos” como objetos de investigação das práticas sociais, podem ser identificados em muitos momentos e estruturas, como na política e na economia. Para Hanks (2008, p. 172-173), esses são os textos do “racismo, a propaganda e a mídia, e os ambientes institucionais como a burocracia e a educação”. Na mídia têm-se os programas jornalísticos, tal qual o Globo Repórter como objeto desse trabalho.

Teóricos sociais como Giddens (1989), na Teoria da Estruturação, trabalham a força do discurso. Essa teoria dá conta de que o sujeito sofre e gera transformações sociais resultantes do discurso.

Aspectos da Teoria da Estruturação de Giddens (1989) prestam-se à discussão sobre o papel dos agentes sociais, e seus discursos, na manutenção e transformação da sociedade. Segundo essa teoria, a constituição da sociedade se dá de maneira direcional, ou seja, há uma dualidade da estrutura social que a torna o meio e o resultado de práticas sociais. (RESENDE & RAMALHO, 2006, p 41).

A construção teórica de Fairclough (2008) está em que a ACD entende o discurso como um momento das práticas sociais como atividade produtiva, meios de produção, relações sociais, identidades sociais, valores culturais, consciências e semioses são elementos que constituem essas práticas. Interessa a esse trabalho o modelo de análise desenvolvido por Fairclough (2008): Modelo Tridimensional do Discurso, que abarca três dimensões: o texto, a prática discursiva e a prática social.

Quando recorremos ao Território Midiático, já definido aqui, como o Globo Repórter e seus discursos é possível então trabalhar nessa perspectiva que se tornam categorias de análise através das diversas territorialidades identificadas nos textos e seus elementos. Uma vez que os textos são produzidos, distribuídos e consumidos como prática presentes nessas territorialidades. Ainda sobre o modelo de Fairclough (2008) *apud* Hanks (2008), afirma que:

Nessa abordagem (ADC), o discurso é tratado sobre três perspectivas: como texto dotado de forma lingüística, como ‘prática discursiva’ por meio do quais o social que tem vários efeitos ideológicos, incluindo normatividade e hegemonia. (FAIRCLOUGH *APUD* HANKS, 2008, p. 172).

Tem-se então o modelo Tridimensional do Discurso em Fairclough (2008):

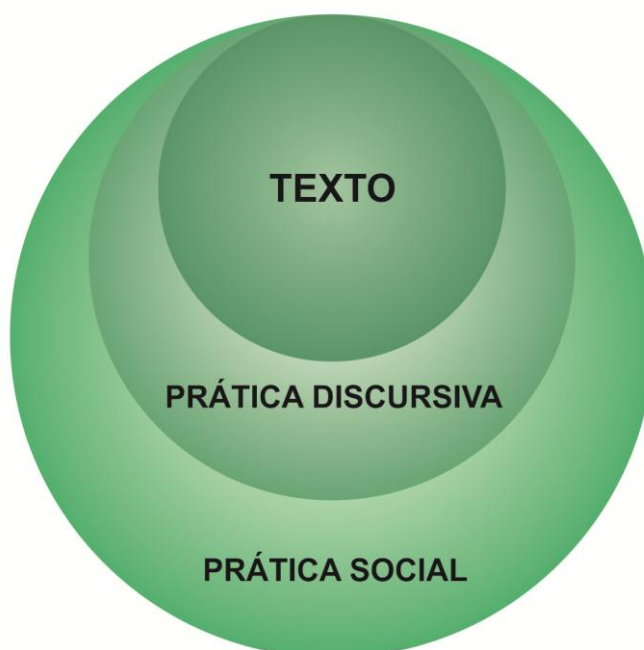


FIGURA 01- Modelo tridimensional do Discurso

Esse trabalho propõe então a identificação de relações de poder, através das territorialidades identificadas nos discursos produzidos pelo Globo Repórter. Assim, torna-se fundamental o entendimento estrutural metodológico proposta da ACD para as configurações que se pretende analisar.

No caso do *texto-off* que nada mais é que a narração do texto na lido pelo repórter, as edição de 2005 e 2006 que trataram especificamente de um caso envolvendo migração, será feita a descrição de palavras e termos usados pelo repórter como forma de identificar e analisar como o jornalista em seu texto nomeia o migrante. Tem-se em Caldas-Coulthard (2008) um questionário de identificação para termos e palavras que estruturam a análise textual a partir dessa proposta:

- 1- Há palavras no texto que são ideologicamente contestadas (sexistas recistas etc.);
- 2- Há algumas que permitem classificar as pessoas no texto quanto ao tipo de profissão e de papéis sociais.
- 3- Há palavras formais ou informais no texto (formas de tratamento, por exemplo)?
- 4- Que valor expressivo é dado às palavras (como as palavras avaliativas são usadas, por exemplo)?
- 5- Que metáforas são usadas? (CALDAS-COULTHARD, p. 33-34).

Diante de tais configurações Fairclough (2008) aponta as “condições da prática discursiva” com a finalidade de apresentar aspectos sociais e institucionais que envolvem produção e consumo de textos. O que para essa pesquisa será utilizado em sua base metodológica, pelas questões sociais em que estão inseridos os processos migratórios em seus aspectos históricos e das relações sociais desenvolvidas por conta dos fenômenos migratórios.

Como análise social do discurso procura-se entender quais efeitos a prática discursiva, trazida pelos diversos discursos de um determinado acontecimento, tem sobre as práticas sociais. Para Fairclough (2008), interessa analisar as circunstâncias institucionais e organizacionais do discurso e como o mesmo define e reforça ideologias e hegemonia.

De forma que ainda em Fairclough (2008) é possível definir o seguinte quadro para efeito de base das categorias que nortearão a análise desse trabalho:

a) *Matriz social do discurso*: especificar as relações e as estruturas sociais e hegemônicas que constituem a matriz dessa instância particular da prática social e discursiva; como essa instância aparece em relação a essas estruturas e relações e que efeitos ela traz, em termos de sua representação ou transformação.

b) *Ordens do discurso*: explicitar o relacionamento da instância da prática social e discursiva com as ordens de discurso que ela descreve e os efeitos de reprodução e transformação das ordens de discurso para as quais colaborou.

c) *Efeitos ideológicos e políticos do discurso*: focalizar os seguintes efeitos ideológicos e hegemônicos particulares: sistemas de conhecimento e crença, relações sociais, identidades sociais (eu).

Na análise das práticas sociais, o discurso é então construído e tem força para naturalizar as práticas sociais hegemônicas, uma vez que seu uso e aplicação, e nesse caso as mídias fazem essa aplicação, como no recorte proposto do programa Globo Repórter, e esse “naturalizar” torna aceitável as condições sociais de sujeitamento. Van Dijk (2008, p. 21) vai dizer sobre essa questão que “*a ilusão de liberdade e diversidade pode ser uma das melhores maneiras de produzir a hegemonia ideológica que servirá aos interesses dos poderes dominantes na sociedade*”. Assim, dentro do processo de construção da notícia, a narrativa jornalística pode apresentar a ideia ou a condição de “estar migrante”, como única alternativa para fazer parte do sistema econômico, independentemente do preço e das conseqüências do processo migratório historicamente.

E é por essas conjunturas que a Análise do Discurso a partir da sua corrente crítica pode ser empregada para uma melhor compreensão de como se dá essa prática social. O programa faz recortes específicos e com isso materializa uma ideia também específica do contexto escolhido pelo programa para apresentar a temática. Assim, metodologicamente a ADC se aplicam a investigação proposta para o *“Discurso do Globo Repórter e os Movimentos Migratórios”* porque busca a análise das estratégias discursivas que reafirmam o controle e a “naturalizam” os acontecimentos na ordem social, em especificamente quando se identificam as desigualdades e suas relações no contexto social. Interessa a essa pesquisa também entender num determinado período de tempo quais os temas sobre migração “ganharam” pauta no programa e em que frequência os mesmos ocorreram e quais as relações sociais envolvidas foram destacadas. Tais observações são significativas para a proposta do questionamento quanto a necessidade de contextualização dos fatos a partir de um entendimento mais aprofundado do que se trata um fenômeno migratório na atualidade.

No capítulo seguinte trabalhamos as perspectivas teóricas que definem os conceitos de território, territorialidades e migrações. A construção teórica da próxima fase desse trabalho busca os marcos das Teorias da Comunicação que se aplicam a proposta dessa pesquisa. Tais construções seguidas das técnicas metodológicas dessa proposta ajudarão a compor o campo de análise no último capítulo desse trabalho.

CAPITULO II: PERSPECTIVAS TEÓRICAS: TERRITÓRIOS MUDIÁTICOS, MIGRAÇÕES E TEORIA DA MIGRAÇÃO.

2.1 A Territorialização do Discurso Mudiático

Tem-se na mediação uma justificativa da “territorialização” na mídia. Uma vez que segundo Martín Barbero (1997) a televisão vai ordenar “lugares” de mediação. E esses organizam a territorialidade através dos discursos apresentados em cada programa. Assim, o Globo Repórter ao tratar das questões migratórias também estaria configurando e reforçando essa relação, que seja através do lugar, da mediação no “cotidiano” da família através da apropriação dos discursos apresentados bem como dos símbolos gerados sobre migrações dentro do programa e seus personagens.

Martín Barbero (1997) trabalha a televisão a partir das mediações não sobre apenas a perspectiva das lógicas de produção e recepção, mas procura suas relações de imbricação e enfrentamento e propõe a partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais as construções delimitam e configuram a materialidade social bem como a expressividade cultural representada pela televisão². O autor apresenta a proposta de três lugares de mediação: Primeiro do *Cotidiano Familiar*, argumentando que a família ainda é a unidade básica da audiência. Como sendo a situação primordial de reconhecimento. “*Um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações*”. (Barbero, 1997, p. 293).

O segundo ponto mediação dá conta da *Temporalidade Social*: enquanto em nossa sociedade o tempo produtivo, valorizado pelo capital, é o tempo que “transcorre” e é medido, o outro, constituinte da cotidianidade, é um tempo repetitivo, que começa e acaba para recomeçar, um tempo feito não de unidades contáveis, mas sim de fragmento. E a matriz cultural do tempo organizado pela televisão não seria esta, a da repetição do fragmento? E não seria no tempo do ritual e da rotina que a televisão inscreve a cotidianidade no mercado? (BARBERO,1997).

E o terceiro ponto da mediação pela televisão se dá ainda segundo o autor pela Competência Cultural. Em que a dinâmica cultural da televisão atua pelos seus gêneros, que ativam a competência cultural e ao seu modo dá conta das diferenças sociais que a

² o perfil de público e audiência divulgados pelo portal de comercialização da emissora em www.comercial.redeglobo.com.br. (acesso em 20/09/2014) mostra que a classe ABC representa 41% da audiência de 24 pontos no IBOP, o Instituto Brasileiro de Opinião Pública preconiza que cada ponto no IBOP corresponde a 217 mil domicílios nas principais regiões metropolitanas.

atravessam. Assim: “o gênero é antes de tudo uma estratégia de comunicabilidade, e constitui uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos”. (Barbero, 1997, p. 299). De maneira que a organização do conteúdo do Globo Repórter como um programa televisivo estabelece a mediação nas relações dos três momentos aqui registrados a partir das construções discursivas ao tratar de um determinado assunto. E no caso do programa, as migrações são apresentadas e representadas a partir de um discurso construindo dentro de uma lógica definida pelo programa.

Dessa forma a representação da migração e do sujeito migrante elaborado no discurso, com a visão e os objetivos que um determinado veículo da mídia tem sobre a temática, pode ganhar outros contornos e outras elaborações em detrimento da informação. Uma vez que a construção do sentido do discurso relaciona-se sempre com as questões ideológicas, quem participa dessa relação age através da linguagem segundo seus valores, crenças e interesses, com posição e relação social especificada.

Sendo que a relação social e o reconhecimento do sujeito mudam de acordo com as interações que vão se estabelecendo. Ao se apropriar do discurso da mídia para as questões da migração como recorte nesse trabalho, tem-se que esse telespectador vai não só construindo conceitos, bem como identificações para com o tema. Sobre isso, Fairclough (2001) consideram que: “em uma comunicação interativa as pessoas não representam o mundo abstratamente, mas sim de acordo com suas relações sociais e com outros e sua construção das identidades sociais”. (Fairclough, 2001, p. 41). Nessa proposta torna-se importante o conceito de identidades ou identidades, uma vez que uma das questões é saber que identidades são construídas sobre os migrantes no discurso do Globo Repórter.

Os autores que vão definir identidade relacionam os conceitos de identidade e diferença como relação direta e que os mesmos se dão na construção dos atos da linguagem. A definição da identidade se faz de negações, de diferenças que fazem os conceitos serem determinados em si. Na abordagem dos Estudos Culturais, Hall (2000) e Silva (2000) têm a identidade e a diferença enquanto atos de criação lingüística e que são produzidos no discurso e nas interações sociais. E como construções simbólicas e produtos do discurso, identidade e diferença são instáveis, submetidas às relações de poder e compreensão do próprio discurso.

Castells (1999, p.23) afirma que “toda e qualquer identidade é construída” e que o foco dessa construção está no “como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece”, e que isso vai sendo especificado pelo conteúdo simbólico da identidade.

Essas identidades apresentadas dos sujeitos migrantes pela mídia levam também a conceituação do território vivenciado pelo migrante seja na origem ou no país de migração. Sendo que os mesmos também apresentam através dos discursos materiais e símbolos que representam o que é território. De maneira que essa pesquisa trabalha na perspectiva de uma construção de um ou vários territórios simbólicos que são apresentados na mídia e pela mídia. Mas ao mesmo tempo e também é foco de questionamento do trabalho, torna-se fundamental, para aquele que narra sobre esses territórios o entendimento de conceitos específicos sobre as noções de população, circulação, composição, estrutura e o próprio território simbólico em si como é a proposta do recorte desse trabalho.

Os discursos midiáticos muitas vezes devido ao enfoque não especificam a natureza apresentada de cada relação territorial. Assim, na perspectiva dos movimentos migratórios no mundo, há de se pensar nas especificidades de cada movimento narrado não o discurso unificador como se as práticas fossem as mesmas para cada nação.

Assim, parte-se da compreensão da necessidade que tem o Globo Repórter, através de seus repórteres, editores na construção de sua linha editorial de uma conceituação assertiva quando o espaço midiático é simbólico, mas pode ser socialmente apropriado, produzido e dotado de significado. E as relações de poder são ou não reforçadas justamente pelo discurso construído a partir do entendimento de tais conceitos. O produto midiático faz as representações desses territórios ao apresentar como definido por Raffestin (1993) a idéia de relação. Ou seja, simbolicamente através da construção dos diversos discursos apresenta-se essas relações em que são configurados papéis específicos para os atores retratados no e pelo discurso do programa.

É a mídia ou discurso que possibilita “estar” nesse espaço territorial com a formatação de espaços-temporais. São identificados os atores e suas ações através das chamadas fontes oficiais que são apresentadas em cada programa que definem o ator sintagmático. Essa relação possibilita a compreensão do território midiático do Globo Repórter, uma vez que mesmo o programa sendo produzido e gravado em locais diferentes, ao trazer para o conteúdo do programa, essas localidades são apresentadas na perspectiva de um território. Onde sujeitos se relacionam, sofrem ações das práticas sociais possíveis apresentadas na organização textual do programa. Esses atores são importantes para a compreensão, mesmo que a partir de um discurso construído, daquilo que é de fato ou não o movimento migratório apresentado, configurando assim, um campo das relações dissimétrica, por exemplo, entre o movimento em si e o apresentado na mídia. Nesse sentido em Raffestin (1993) é possível pensar na noção de poder aplicado ao contexto

desse trabalho uma vez que para o autor o poder se dá no campo do discurso e a proposta de análise discursiva do foco da pesquisa possibilita a aplicação do conceito. O programa visto nessa perspectiva mostra as relações sociais que determinam o movimento das populações dentro do território. E quanto da sua aplicação para uma configuração do midiático, essa pode ser feita e compreendida a partir da análise do discurso construindo no programa exibido. Assim, a própria linha editorial do programa configura um processo de poder ao envolver atores específicos do tema e seus mediadores.

Ainda em Raffestin (1993) têm-se dois conceitos fundamentais para o entendimento teórico desse trabalho: *Espaço e Território* – Estes são dois conceitos chave. Primeiramente, é preciso compreender que estes não são termos equivalentes. O espaço é anterior ao território. Este, se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático³, que territorializa o espaço ao apropriar-se dele, seja de forma concreta ou abstrata (representações). Conforme afirma o autor, “ao se apropriar de um espaço concretamente ou abstratamente (...) o ator territorializa o espaço” (p. 143). Nesse sentido são as imagens do programa e sua construção com as ações desses atores, sejam eles migrantes ou não que vão gerando a ideia de um território e específico e ao mesmo tempo mostrando suas relações de poder.

Nesse contexto atenta-se novamente para a dialética do global e local como uma via de interpretação do discurso que na contemporaneidade diz da força da globalização ao apresentar no migrante essas relação e interações entre o global-local. Uma vez que a globalização mostra lugares e territórios como oferta de consumo com objetivos de lucro, tem-se em Rabaça & Barbosa (2001) que os públicos atingidos por uma informação vão se interessar através do discurso apresentado pela visibilidade desse território e despertar o interesse em expectativas diferentes, entre as quais, da ideia do que é a identidade de um migrante em determinado território. Ou seja, o programa constrói e apresenta em suas edições, através dos pontos que lhe interessa destacar um conceito próprio visto a partir de duas definições de quem é um migrante e o que ele representa, dentro do contexto social apresentado e configurado pelo programa. De forma que o “olhar” do telespectador para a migração está sujeito e depende de como essas imagens são construídas pelo Globo Repórter e vão circular gerando um imaginário a partir do conjunto de formulações simbólicas que compõe um determinado programa. Nessa construção, Clanlini (2003) descreve o papel-chave que o imaginário desempenha no cultural. Para ele, esse

³ Segundo Raffestin (1993) é o ator que realiza um programa em qualquer nível.

imaginário intercultural não é um mero suplemento daquilo que cada cultura local representa do vivido na sociedade a que pertence. Para o autor:

As imagens representam e instituem o social, como tantas vezes se demonstrou ao examinar o papel dos imaginários urbanos e midiáticos. Hoje é evidente que representamos e instituímos em imagens aquilo que nossa sociedade experimenta em relação a outras, porque as relações territoriais como o próprio são habitadas pelos vínculos com aqueles que residem em outros territórios, falam conosco e enviam mensagens que deixam de ser alheias na medida em que muitos de nossos vivem lá. (CLANCLINI, 2003, p. 57).

De maneira que, as experiências sobre um determinado território ou identificadas nas falas dos migrantes ao serem apresentados num programa como o Globo Repórter reificam-se, ou seja, tornam-se produtos e desenvolve o interesse da audiência sobre migração como idéia de oferta. É a ideia de que os aspectos que são escolhidos pelo programa para apresentar a migração geram o desejo de migrar. Ou seja, migrar pode ser um produto a ser consumido dentro da lógica reforçada pelo programa e que apresentamos no decorrer desse trabalho, quando o apelo das notícias favorece em primeiro lugar a ideia de quem migra consegue se “enquadrar” melhor no mundo do consumo. “Essas formas de organização do imaginário que são as metáforas e as narrativas buscam a ordenar o que há de dispersão de sentido no próprio imaginar, o que se acentua num mundo globalização”. (Clanclini, 2003, p. 57).

É o que Bauman (2008) conceitua de *kits identitários fornecidos pelo mercado*. Quando a audiência tem possibilidade de optar por identificar diferenças e formar uma idéia sobre a migração e o próprio migrante apresentado. É a cultura do consumo reforçada pelo discurso midiático. As pessoas tornam-se mercadorias, sendo oferecidas e também apresentadas enquanto mercadoria. Não é possível diferenciar ‘coisas a serem escolhidas’ e ‘os que as escolhem’. Mostra-se assim, a transformação dos consumidores em mercadorias. (Bauman, 2008). Uma vez que no contexto da migração a idéia do “projeto de migrar” é também estar inserido na sociedade do consumo: “*O projeto de migrar passa, em grande parte, também, pela perspectiva de retornar e se estabelecer na região, montando um “negócio” que permita auferir renda suficiente para viver*”. (Siqueira: 2006 em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/>)

Bauman (2008) vai trabalhar a idéia do “fetichismo da subjetividade” gerado nessa sociedade do consumo tendo a subjetividade relacionada aos símbolos ligados a identidade daquele que é apresentado pela mídia. A audiência então pode ser extraída no discurso por esses símbolos. Uma vez que a construção do sentido do discurso relaciona-se sempre com

as questões ideológicas, quem participa dessa relação age através da linguagem segundo seus valores, crenças e interesses, com posição e relação social especificada.

Nessa perspectiva a relação social e o reconhecimento do sujeito mudam de acordo com as interações que vão se estabelecendo e ao se apropriar do discurso da mídia, no recorte aqui apresentado sobre as questões da migração, tem-se que esse telespectador vai não só construindo conceitos, mas também identidades representativas para com o tema. Sobre isso, Fairclough (1999) considera que: “em uma comunicação interativa as pessoas não representam o mundo abstratamente, mas sim de acordo com suas relações sociais e com outros e sua construção das identidades sociais”. (Fairclough, 1999, p. 41). Nessa proposta torna-se importante o conceito de identidades ou identidades, uma vez que uma das questões é saber que identidades são construídas sobre os migrantes no discurso do Globo Repórter. .

Castells (1999, p. 23) afirma que “toda e qualquer identidade é construída” e que o foco dessa construção está no “como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece”, e que isso vai sendo especificado pelo conteúdo simbólico da identidade.

De forma que é possível, nesse sentido, pensar como a mídia constrói essa relação de identidade a partir do conteúdo exposto. Guiddens (2002) considera que tanto a mídia impressa quanto eletrônica desempenha um papel central na formação dessas identidades: “A experiência canalizada pelos meios de comunicação, desde a primeira experiência da escrita, tem influenciado tanto a auto-identidade quanto à organização das relações sociais” (Guiddens, 2002, p. 12). Nesse sentido é pertinente pensar que a experiência da migração também passa pelo apelo midiático. E no caso do Globo Repórter isso se torna ainda mais específico, porque o programa não se apresenta como uma ficção, mas como verossimilhança da vida “real” e das “possibilidades” trazidas pela migração. Essas imagens do Globo Repórter vão também ajudar a produzir o conceito de território para aquele que migra, gerados por ‘novas formas de fragmentação e dispersão’. Ainda em Guiddens (2002) tem-se que:

Um universo de atividade social em que a mídia eletrônica tem um papel central e constitutivo, entretanto, não é um mundo da “hiper-realidade” no sentido de Baudrillard. Tal idéia confunde o impacto generalizado da experiência transmitida pela mídia com a referencialidade interna dos sistemas sociais da modernidade - o fato de que esses sistemas se tornam amplamente autônomos e determinados por suas próprias influências constitutivas. (GUIDDENS. 2002, p. 12).

De forma que a mídia, no contexto da globalização, enfatiza nesse migrante, aspectos para o consumo e faz isso no discurso como oferta do que é ser um cidadão que migra. Uma vez que a migração vista sem análise de suas conseqüências pode ser vista apenas como a

possibilidade de “mobilidade social”. E esse aspecto reproduzido na mídia torna-se um reforço para decisão socialmente construída com aspectos da possibilidade de melhoria de renda. A migração é então entendida por Siqueira (2007) como um projeto:

A emigração é permeada pela idéia de ir para o país estrangeiro, trabalhar, fazer poupança e retornar para o local de origem em melhores condições. Nesse projeto a pessoa é incentivada pela perspectiva de abreviar o tempo para realizar os planos de comprar a casa própria, o carro ou montar um negócio próprio, pois se permanecesse no Brasil, o tempo para realizar este projeto seria bem maior e para alguns impossível. Ao longo dos últimos 30 anos, muitos conseguiram ir, formar uma poupança e retornar para tornarem-se micro, pequenos e médios empreendedores locais, estimulando, assim, a continuidade do fluxo. (SIQUEIRA, 2007, p. 5).

O avanço dos meios de comunicação gera mudanças e adaptações na organização e produção da mensagem, bem como na divulgação. É relevante pensar no contexto atual do papel da mídia na determinação dos fluxos informativos sobre migrações. Rodrigues (1994, p. 98) destaca que “A esfera da informação integra o conjunto dos acontecimentos que ocorrem no mundo formando o meio ambiente do indivíduo”. É a ideia que a audiência tenha na visibilidade midiática a garantia da existência pública dos fenômenos.

Essa construção ajuda a pensar também que “a apropriação dos produtos da mídia” é sempre um fenômeno localizado, no sentido de que ela sempre envolve indivíduos específicos situados em um contexto sócio-histórico particular que contam com recursos disponíveis para dar sentido às mensagens da mídia e as incorporar em suas vidas. (THOMPSON 2008).

De forma que os produtos da mídia têm objetivos específicos e se estruturam para chamar a audiência a partir da identificação. É a mídia a mediadora das representações das identidades na estruturação de padrões previamente elaborados com intensão e dimensão pretendida. No caso de um programa como o Globo Repórter, enquanto produto jornalístico, seu discurso e narrativas são diferentes das propostas de um anúncio publicitário ou mesmo de um programa de debates. Isso porque trabalha com histórias e personagens “reais” que ao se pronunciarem geram na audiência uma identificação com as histórias e seus personagens. Mas a audiência não tem acesso à forma como essas histórias são selecionadas e estruturadas dentro do discurso social e ideológico do veículo. É importante realçar que apesar da força das histórias reais dos personagens a audiência não é passiva, conforme destaca dialogismo no telejornal.

Nesse contexto, a mídia no campo da Globalização dá visibilidade às identidades e aos fenômenos locais como a própria migração. A Globalização ampliou o espaço das identidades

e tem na mídia a evidenciação das manifestações de um determinado grupo e seus movimentos, sejam eles políticos, econômicos e sociais. O que reforça a diferença e as possibilidades de se identificar. Tem-se aqui um papel preponderante da mídia ao “retratar” os fenômenos das migrações. Assim, os meios de comunicação desempenham um papel central, visto serem eles os mais diretamente responsáveis pelo desenvolvimento do espaço público para a população (CANCLINI, 2007).

Assim ação midiática define para a audiência uma “ideia” do que para o veículo é o fenômeno migratório. E essa ideia é potencializada diante da dinâmica da cobertura jornalística, definindo representações de realidades. Tem-se em Charaudeau e Mainguineau (2006), uma definição de representação para a proposta aqui desenvolvida e definida pelos autores em três etapas: 1- O discurso de informação é uma atividade de linguagem que permite que se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não há reconhecimento identitário; 2- as mídias são partes interessada nessa prática social, mas de forma organizada, instituindo-se em empresa de produzir informação através do que se pode chamar de máquina midiática; e por último, 3- tais empresas acham-se em concorrência num mercado que as força a desenvolver estratégias de diferenciação para vender mais e melhor seu produto. Nessa construção, o programa Globo Repórter não está distante do que Foucault (2008) vai dizer do discurso enquanto consequência da relação de poder que mostra ações a partir de estratégias e essas, de produção e também de consumo como objetivo fim.

De forma que as identidades e culturas são apresentadas através do discurso e esse, expressa em si intenção e o lugar da fala dos indivíduos. De forma que o discurso midiático tem suas especificidades:

Nesse sentido, ao tratar da temática migração a mídia segue a mesma estruturação por ter o discurso midiático como um produto, independentemente de uma contextualização sobre o fenômeno, no caso dessa abordagem o fenômeno das migrações na mídia. Quando Foucault (2008) vai chamar a atenção para o fato de que o discurso é reflexo de relações de poder e reflete práticas concebidas a partir de certas estratégias de produção e de objetivos. Uma construção na qual o discurso midiático se faz da correlação de forças entre diferentes agentes com objetivos distintos.

O discurso gerado dessas relações objetiva a venda de informação. Um programa de televisão ao dar visibilidade midiática ao fenômeno da migração reforça a própria existência da informação com objetivo fim de consumo dessa informação dentro do contexto da sua cobertura e alcance. Registra-se que a Rede Globo de Televisão cobre hoje 99,8% do território nacional (MANUAL REDE GLOBO 2010). Mesmo que a mídia não gera o

fenômeno migratório, a sua visibilidade potencializa a recepção do fato já existente em uma determinada realidade social.

De forma que a visibilidade midiática sobre a migração, ganha status de dimensão continental no caso da cobertura da Rede Globo de Televisão. Nesse contexto de massificação a visibilidade, dentro da perspectiva do veículo sobre o tema, é também da ordem do consumo. Ou seja: o fenômeno migratório é apresentado na lógica da Globalização e seu reforço para o consumo não só de produtos, mas também de ideias, representações e conceitos sobre uma determinada realidade social.

Nesse sentido, verifica-se que o discurso midiático é consumido como produto independentemente de seu conteúdo. Para quem assiste ao Globo Repórter, o consumo sobre as migrações é primeiramente de ordem simbólica, uma vez que sensibiliza o telespectador sobre a realidade do informado pelo programa em si. E ao se apropriar dessa informação o telespectador se torna um consumidor que por sua vez reproduz o discurso do programa sobre o fato mostrado.

Assim, a mídia nessa relação é um marco estratégico da Globalização. Uma vez que o discurso midiático é consumido enquanto informação também como um produto. E como a visibilidade midiática possibilitada pela Globalização, os movimentos territoriais das comunidades que migram chamam a atenção dos consumidores e a mídia reforça essa relação pelo discurso.

2.2-Mídia: Território, Territorialidade e Poder

A mídia ao abordar as territorialidades tem em si características específicas porque os discursos das notícias estão ligados ao capital. Essas territorialidades podem ser identificadas na relação entre o discurso jornalístico e o olhar das teorias migratórias. Mas o texto jornalístico é apenas uma representação da realidade. O que para alguns autores se configura em um “espelho deformante” por deixarem de apresentar a realidade social e sim construírem essa realidade. Assim, *“a maior parte do material que a imprensa oferece ao público tem algum tipo de relação com a realidade. Mas essa relação é indireta. É uma referência indireta á realidade, mas que distorce a realidade”* (Abramo, 2003, p. 23).

No contexto proposto para esse trabalho, tendo como análise do programa Globo Repórter da Rede Globo de Televisão, interessa apresentar de que forma o discurso do programa constrói territorialidades. A perspectiva é que essa construção ou representação se

estruturam através de enunciados nos textos das reportagens e na organização das falas dos entrevistados. Essa “mecânica” de domínio do programa são em si uma configuração de poder e apresentam possibilidades de identificar como o programa gera representações de territorialidades.

Para questão de configuração das territorialidades no discurso midiático, no caso do Globo Repórter, a discussão analisa a relação de poder e dominação e o próprio discurso elaborado dentro da estrutura do programa através de seus textos, imagens e depoimentos. Torna-se importante elaborar o território midiático como esse espaço simbólico, mas real dentro da dinâmica da mídia, enquanto produto e também processo de sustentação do capital. Uma vez que o discurso jornalístico sobre as migrações compõe uma forma discursiva e em si o discurso vai pautar a prática discursiva e a sociedade por sua vez constrói os conceitos de migração, quanto ao caso Globo Repórter, a partir de seu discurso. Essa prática se materializa na produção do discurso dentro de uma temporalidade e espacialidade. Características e conceitos fundamentais para se definir território e territorialidade. *O território só se efetiva quando os indivíduos são e estão em relação com outros indivíduos; significa, por isso, interação plural, multiforme; relação, reciprocidade e unidade, significa territorialidade (s) (Saquet 2007, p. 163).*

Autores como Cruz (2006), Haesbaert (2005), Santos (1993), Saquet (2005-2007) Raffestin (1993), conceituam o território através das relações de processo de dominação e apropriação e são os atores sociais que vão dá forma a esse território simbólico ou não. A territorialidade nasce então da dominação-apropriação num envolvimento direto com a cultura em todas as suas esferas. Assim:

A territorialidade, como componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado (SACK *apud* HASBAERT, 2005, p.76).

A mídia e seus produtos então fazem parte dos processos de territorialidades porque a produção social em suas diversas instancias se correlacionam o tempo todo “poder de dominação” e “poder de apropriação”, Hasbaert (2005). As práticas sociais advindas então dos discursos se relacionam ao “poder de apropriação” a partir das definições do poder de dominação. Tem-se aí as experiências vividas através das representações simbólicas tal qual “proporcionam” as mídias e seus produtos. Nesse sentido, território em Hasbaert (2005) tem as seguintes considerações:

Portando, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para “significados”. O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo, seja como recursos naturais. (HASBAERT, 2005, p.76).

Hasbaert (2005) também apresenta a territorialidade enquanto “imagem” ou símbolo e que essa pode ser ligada a uma definição cultural. *“O poder no seu sentido simbólico também precisa ser devidamente considerado em nossas concepções de território.”* Experiência essa possível através da mídia e seus discursos produzidos sob “fé pública” do jornalismo. Ao se pensar nas territorialidades a partir do discurso do programa Globo Repórter sobre os movimentos migratórios, torna-se estratégico considerar o poder de dominação no discurso jornalístico. Assim, no contexto dos discursos midiáticos sobre os movimentos migratórios é preciso levar em consideração que:

Quer se trate de relações existenciais ou produtivas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele. (RAFFESTIN, 1993, p. 158-159).

Busca-se então no discurso de o Globo Repórter a identificação de representações que o mesmo faz das migrações, dos migrantes e do contexto social vivido. É da ordem, portanto de uma relação de poder característica do próprio discurso do jornalismo *“as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”* (FOUCAULT, 2004, p. 10). Vale ressaltar também quem em Foucault (2004) o discurso é uma prática discursiva que se constitui através de relações de poder: *“o poder funciona como uma rede que se espalha na estrutura social com suas micro e poderosas ações, que estão em toda a parte da estrutura social”*. (SILVA, 2004, p.172).

Nessa construção, têm-se a relação de poder em todas as instituições. E são muito mais que palavras e por determinar a prática discursiva, deixa a mídia em lugar de poder. Para Foucault (1972), a elaboração do discurso é feita na seguinte estrutura social:

Um conjunto de enunciado, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal indefinidamente repetível e cujo aparecimento e utilização poderíamos assimilar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e porque ele pode emergir e tomar corpo, num

determinado ponto; é, de parte a parte, histórico-fragmentado de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplidades do tempo. (FOUCAULT, 1972, p. 135-136).

Os discursos das mídias e suas relações de poder têm então esse sentido: o de está nas formações discursivas através das práticas discursivas, e aí estão o apresentado sobre um determinado fato, e registrados sobre um determinado fato em tempo e espaço também identificados. Assim, é o poder quem vai direcionar o discurso como uma verdade sobre o acontecimento e na prática discursiva a sociedade se apropria desses discursos, seguindo assim, a organização do poder. Para Foucault (1972) as práticas discursivas então podem ser consideradas como *“um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiriam, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa”* (1972, p. 136).

Assim, quando se têm o discurso midiático é possível levar em consideração também que esse discurso gera a visão de um determinado acontecimento por parte da sociedade e a mesma configura a sua representação do espaço simbólico através do conteúdo apresentado. Bourdieu (1998) considera que o discurso midiático tem uma voz “educador” da sociedade. Mas o que é anunciado precisa ser analisado na perspectiva de que a mídia faz parte de um sistema econômico que tem em si sempre a definição de poder e comando e que representa em seus conteúdos aspectos da Globalização e por isso, a informação tem o papel de mercadoria. É a definição para indústria cultural. *“Precisamos afirmar não penas, como supunha Marx, a determinação econômica dos processos simbólicos, mas sua ‘absorção’ pelo processo econômico”* (CHAUI, 2006, p.64).

Houve absorção do simbólico pelo econômico, também compreendemos por que essa absorção dá origem à expressão “sociedade do conhecimento”. Com ela, pretende-se indicar que a economia contemporânea se funda sobre a ciência e a informação, graças ao uso competitivo do conhecimento, da inovação tecnológica e da informação nos processos produtivos e financeiros, bem como de serviços como educação, a saúde e o lazer (CHAUI, 2006, p. 64-65).

Dessa forma, os discursos produzidos na mídia e pela mídia estão comprometidos pela lógica do capital. E a interpretação dos fatos também segue essa lógica como se fosse uma apresentação da realidade social. Mas, Lefort (1990) considera que se trata de uma estratégia de divulgação ideológica de “discurso sobre o social” e a sociedade tem suas representações

construídas a partir dessas relações de poder também na mídia e no discurso produzido por ela e construindo sua “representação de espaço”.

A eficácia do discurso, tal como o rádio e a televisão o veiculam, deve-se a que ele explica apenas parcialmente como discurso político - e é, justamente por esse fato, que adquire uma significação política geral. São coisas do cotidiano, as questões da ciência, as de cultura, que sustentam a representação de uma democracia consumada onde a palavra circula sem obstáculo. Os signos desta circulação são produzidos com ostentação, enquanto os estatutos permanecem cristalizados em função das oposições de poder. (LEFORT, 1990, p. 337).

Assim, o poder da mídia está no controle e produção dos discursos deixando a sociedade sujeita a sua construção. É o que Foucault (2004) chama de “apropriações sociais dos discursos”. Também Lefort (1990) trabalha a idéia de que o “discurso social” se mostra como algo social. Mas em sua prática reforça ideologicamente as relações de poder do capital.

As territorialidades do Programa Globo Repórter através do seu discurso se dão a partir da identificação da estrutura de produção do programa e suas representações com características sócio-políticas e construídas historicamente nas “fases” do programa⁴. Essa organização no modo de fazer o programa o configura com uma reestruturação aos moldes dos processos econômicos. *A territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; ela é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a ‘face vivida’ da ‘face agida’ do poder.* (Raffestin, 1993, p. 162).

O Programa Globo Repórter é territorializado simbolicamente na medida em que sua estrutura segue uma ordem de produção. Como referência para o “fazer jornalístico” da Rede Globo, a partir do conceito de aprofundamento das reportagens de grande elaboração, o programa assume um “lugar” de domínio frente aos outros programas jornalísticos da emissora: Jornal Nacional, Jornal da Globo, Jornal Hoje e Bom Dia Brasil, são telejornais que privilegiam a factualidade e não o aprofundamento das reportagens. Percebe-se que dentro do contexto jornalístico da Rede Globo em relação aos telejornais diários que um fato trabalhado no Globo Repórter tem um peso significativo diante da ideia de aprofundamento de um assunto que muitas vezes é apenas apresentado superficialmente em uma edição diária de um telejornal da emissora. Assim, como referência de domínio jornalístico o Globo Repórter passa a controlar em relação aos demais programas jornalísticos ao trazer o conceito popular de que “se ganhou edição no Globo Repórter” tal tema é de fato estratégico nas relações

⁴ As fases do programa são os períodos tanto de evolução de linguagem e formatação do programa quanto às fases políticas sociais do país em relação a esses períodos

sociais da sociedade e no contexto econômico. Essa posição de o GR configura as relações no “espaço-público”. Mas como um produto midiático e seu envolvimento com o capital, o Globo Repórter também constrói representações simbólicas sempre a partir do “olhar econômico”.

De forma que a identificação de características econômicas no GR, enquanto “território simbólico” gera um sentido discursivo localizado historicamente. *“As condições de possibilidade do discurso, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica. O espaço-temporalidade desvenda os dizeres e os sujeitos socialmente organizados em um momento histórico específico”* (Fernandes, 2007, p. 58).

Assim, enunciado como *“Em busca de melhores condições de vida”*, refere-se ao posicionamento e visão do programa para as questões da migração. *“Revela o lugar do sujeito enunciativo e as vozes constitutivas de sua voz, de uma formação discursiva na qual se inscreve”* (Fernandes, 2007, p. 77).

Mas as referências históricas dão conta das condições das migrações recentes em que e necessidade de contextualização quando se aborda o assunto. Para Siqueira (2006):

Os fluxos migratórios são fomentados não apenas pelos fatores de expulsão, nos países de origem, mas são, também, conseqüências de como os países desenvolvidos resolvem os seus problemas de escassez de mão-de-obra, criando programas de recrutamento de estrangeiros, dando início, assim, aos fluxos migratórios. (2006, p. 33).

Assim, num primeiro momento entre as análises propostas para esse trabalho, torna-se possível identificar marcas de territorialização no discurso do GR através das vozes constitutivas do programa que reforçam a dinâmica do capital. De forma que as questões sócio-culturais, políticas e ideológicas identificadas no discurso do programa mostram a tendência histórico-social da base de construção do discurso sobre a temática aqui abordada.

O quadro a seguir apresenta uma descrição dessa unidade discursiva especificamente nas sinopses dos programas listados como tendo a abordagem do tema migrações no período pesquisado:

SINOPSE GLOBO REPÓRTER MIGRAÇÕES 91/2006

<p>A migração de brasileiros para Portugal. Em busca de melhores condições de vida, a atual prosperidade da economia portuguesa conheça a história de brasileiros bem-sucedidos em Portugal. Porque eles trocaram o Brasil por Portugal? PROGRAMA EXIBIDO EM: 03/05/1991</p>
<p>O drama dos mexicanos que tentam atravessar ilegalmente a fronteira americana em busca de melhores condições de vida nos EUA. Imagens feitas com lentes especiais que dispensam a luz para filmar a noite. PROGRAMA EXIBIDO EM: 22/11/1991</p>
<p>A vida dos dentistas brasileiros em Portugal. Por que eles deixaram o país? Como vivem e os problemas da legalização da profissão. O trabalho dos brasileiros é melhor? Como os portugueses convivem com os brasileiros e a repercussão no Brasil. PROGRAMA EXIBIDO EM: 14/11/ 2003</p>
<p>Como vivem os brasileiros nos EUA o trabalho, a ambientação da América com a cara do Brasil. O trabalho de uma manicure que virou dona de um salão de beleza em Nova Iorque por que as americanas preferem o trabalho das brasileiras. As mansões construídas em Governador Valadares. o caminho da ilegalidade: valadarenses pagam até 10 mil dólares na montagem de documentos e as imagens de brasileiros atravessando ilegalmente a fronteira com o México a noite. PROGRAMA EXIBIDO EM: 16/11/2004</p>
<p>Os valadarenses presos nos EUA por causa da ilegalidade. As condições das prisões. A falta de informação das famílias. Mas quem foi deportado ainda pretende voltar para continuar o projeto da migração. Os filhos que nasceram enquanto os pais estavam nos EUA. PROGRAMA EXIBIDO EM:</p>
<p>Para além dos EUA na região de Governador Valadares as pessoas não param de emigrar. Os planos frustrados, quem perdeu tudo. As filas intermináveis na Polícia Federal para tirar passaporte. E a cidade de Gonzaga onde nasceu o mineiro Jean Charles de Meneses. Uma cidade consternada. O cortejo de Jean Charles em Gonzaga ,amigos dizem que é possível vencer sem deixar o país. PROGRAMA EXIBIDO EM</p>
<p>A repressão aos imigrantes nos EUA. O que mudou na cidade de Gonzaga depois da morte de Jean Charles. As dificuldades dos brasileiros em antigos trabalhos nos EUA e a economia em Governador Valadares com menos dólares. O pedido de justiça dos mineiros pela morte de Jean Charles. Minas Gerais o Estado com maior concentração de brasileiros nos EUA. PROGRAMA EXIBIDO EM</p>

Quadro 03- Enunciados: Reforço Discursivo de Valor Econômico na Migração

A partir do mapeamento dos enunciados das sinopses dos programas é possível identificar a essência da lógica do capital, especificada nas apresentações das situações de migração como relação de ganha e perda. E o perder sempre para o mais “fraco”, no caso o migrante. Nominamos tais enunciados de “lógica do capital”, com referência a forma como o

programa anuncia termos relacionados ao consumo que sugerem uma motivação para migrar baseada assim numa lógica do capital conforme quadro 04.

LOGICA DO CAPITAL NO GLOBO REPÓRTER

“Em busca de melhores condições de vida”.
“Conheça a história de brasileiros bem-sucedidos em Portugal”.
“Em busca de melhores condições de vida nos EUA”.
“O trabalho dos brasileiros é melhor?”
“A ambientação da América com a cara do Brasil”
“O trabalho de uma manicure que virou dona de um salão de beleza em Nova”.
“As mansões construídas em Governador Valadares.”
“Valadarenses pagam até 10 mil dólares na montagem de documentos”.
“Mas quem foi deportado ainda pretende voltar para continuar o projeto da migração”.
“Para além dos EUA na região de Governador Valadares as pessoas não param de emigrar.”
“O cortejo de Jean Charles em Gonzaga, amigos dizem que é possível vencer sem deixar o país.”
“A economia em Governador Valadares com menos dólares.”

Quadro 04- Enunciados “lógica do capital” (As frases são destacadas nas sinopses dos programas do período de 1988-2006)

Os enunciados a partir das sinopses do programa mostram ainda na origem, ou seja, no resumo central o que o Programa Globo Repórter pensa e constrói sobre os fenômenos migratórios. E esses enunciados dizem também do conteúdo construído dentro do programa. Os mesmos tematizam e definem a abordagem que será possível encontrar em cada programa. Os sujeitos sociais vão ser apresentados no programa a partir das definições temáticas, aqui notadamente reconhecidas como reforço do capital. O reconhecimento da idéia de migrar e do que é “estar migrante” é assim definido nesse território simbólico, em que as histórias a serem apresentadas geram identificações e reconhecimentos. O programa então é esse território, o espaço de reconhecimento com força discursiva a partir da narrativa jornalística e a apresentação de situações “reais” que são definidas nos relatos, histórias e vivências de personagens. Foucault (1972) constrói para a análise do discurso a seguinte elaboração:

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. (FOUCAULT, 1972, p. 3).

De forma que a produção do discurso liga-se ao processo histórico que desenvolveu e reforçou determinado enunciado em detrimento de outro. Historicamente para a micro região de Governador Valadares migrar é um processo cultural vivenciado e experimentado nas ruas, no comércio e nas famílias. As falas agora dentro do espaço midiático ganham assim esse reconhecimento. De forma que mesmo as edições do Programa Globo Repórter serem ou não especificamente sobre a cidade, ao serem exibidos, e dentro do contexto vivido por quem é da região, constroem a imagem de cidade como lugar-território de migração. Assim, a construção de enunciados como: *“As mansões construídas em Governador Valadares.”*, *“O trabalho de uma manicure que virou dona de um salão de beleza em Nova York”* ou mesmo *“Para além dos EUA na região de Governador Valadares as pessoas não param de emigrar”*, estão presentes no discurso atual do Globo Repórter.

Essa relação se dá a partir do entendimento da mídia de forma geral das questões econômicas que envolvem relações diretas com o capital. Mas ao mesmo tempo, deixa de fora outras maneiras de enunciados do contexto, histórico, social, econômico e político que reproduz as práticas sociais e que envolve a relação migrante, economia e a força da globalização. Não se percebe nesses enunciados nenhuma tentativa esclarecedora como possibilidade de reflexão ou mesmo de contextualização de como tais processos migratórios se constituíram na história. A “factualidade” é uma das características da notícia dentro da Indústria Cultural e não leva a emancipação dos sujeitos receptores da notícia, mas sim a conformação com o fato e até mesmo com o reforço. É mais uma vez a estratégia de naturalização da situação apresentada e essas voltam para os territórios vividos como práticas sociais.

Assim, o discurso jornalístico torna público e gera ao mesmo tempo um “espaço público” sobre uma determinada situação com escolhas definidas. Charaudeau (2006) chama essa construção de “discurso circulante”:

É uma soma empírica de enunciados com visada definicional sobre os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados. Esses enunciados tomam uma forma discursiva que, por vezes, fixa em fragmentos textuais (provérbios, ditados, máximas e frases feitas) por vezes varia em maneira de falar com fraseologia variável que se constituem em socioletos. (CHARAUDEAU, 2006, p. 118).

Ainda para o autor, o espaço público é formado pelas práticas sociais e suas representações e não individualmente. A mídia e seus produtos como o jornalismo tem em si a

força de configurar então o espaço público sempre através das relações sociais, descritas e apresentadas por ela, da cultura, economia e política. Legitimando assim o que define como público. “*Nas mídias, os jogos de aparência se apresentam como informação objetiva, democrática, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade*”. (Charaudeau, 2006, p. 29), mas sempre com uma intencionalidade definida.

Uma vez que a mídia configura o espaço público através das forças econômicas, culturais e políticas essas forças estão ligadas as transformações territoriais que por sua vez vão determinar as territorialidades através do que a mídia e seus produtos divulgam como espaço público. É a idéia de territorialização como ressalta Saquet (2005):

É substantivada por diferentes temporalidades e territorialidades, resultado e condição dos processos sociais em interação com a natureza exterior ao home; é marcada pelo movimento de re-produção de relações sociais e por uma complexidade cada vez maior nas forças produtivas (máquinas, redes de circulação e comunicação (...)) o real é efetivado por relações e contradições, historicamente condicionado; é produto de condições estruturais e conjunturais; é movimento da relação idéia-matéria (SAQUET, 2005, p. 138).

Têm-se então o discurso midiático publicizando as representações sociais e definindo as práticas sociais. Esse movimento pode ser identificado nas unidades discursivas dos produtos das mídias. No caso dessa pesquisa, do conteúdo dos programas Globo Repórter. Assim, a unidade discursiva traz representações sociais de um determinado fato e por isso gera a territorialização por definir tempo e espaço de forma específica. Para Foucault (1972) “*não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionados a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar*” (1972, p. 31).

De forma que o “discurso circulante” do Globo Repórter, a partir de enunciados como: “*Conheça a história de brasileiros bem-sucedidos em Portugal*” (03/05/1991) e de “*Valadarenses pagam até 10 mil dólares na montagem de documentos*”(29/07/2005) como também em “*O cortejo de Jean Charles em Gonzaga, amigos dizem que é possível vencer sem deixar o país*” (22-09-2006), intencionam que os atores sociais veiculados ao processo migratório sejam identificados como grupo social específico. E por isso, e fazem parte de uma determinada realidade socio-econômica. Na construção histórica da realidade vivenciada sobre as migrações, principalmente da região de Governador Valadares, tais enunciados

geram sempre identificação. Uma vez que essas histórias em todos os seus aspectos, positivos e negativos foram sendo registradas nas memórias da sociedade, em sua organização social, em seus investimentos e em suas relações sociais de forma direta pelo contexto de décadas de migração já vivenciada. Destaca-se que a cidade é um dos primeiros pontos do território brasileiro a vivenciar experiência migratória internacional (SIQUEIRA, ASSIS, CAMPOS, 2010)

Esse discurso ocupa lugar tal que não possibilita a presença de outro discurso. Assim, o discurso do Globo Repórter apresenta as territorialidades das migrações, mas na perspectiva do veículo de comunicação. Abramo (2003) defende a existência na mídia de quatro Padrões de manipulação: *Padrão de ocultação; Padrão de fragmentação; Padrão de inversão e Padrão da indução*. Aqui nesse contexto é possível pensar no filtro do padrão de inversão da opinião pela informação. “*O leitor/expectador já não tem mais diante de si a coisa tal como existe ou acontece, mas sim uma determinada valorização que o órgão quer que ele tenha de uma coisa que ele desconhece, porque o seu conhecimento lhe foi oculto, negado e escamoteado pelo órgão*” (ABRAMO, 2003, p. 31). O autor ainda trabalha o conceito do fato jornalístico. Para ele existem “fatos jornalísticos” e “fatos não jornalísticos”, na ideia de ausência, quando se tem o padrão de ocultação. Porque a imprensa determina cobrir e expor o que considera como “fato jornalístico” e o que a mesma não considera jornalístico estará ausente no discurso midiático.

A definição e seleção do que é fato jornalístico da realidade social apresentada é característico de como os veículos vêem o mundo e das linhas editoriais que formatam os conteúdos. De forma que a ausência de outros enunciadores em contrapartida com as “vozes” sociais das migrações no Globo Repórter presentes no “discurso circulante” do programa identifica-se e revela a própria visão de mundo do programa e também a linha editorial do mesmo.

Ao se buscar as territorialidades presentes no Globo Repórter através do discurso midiático, identifica-se a existência do poder de dominação na estruturação desse discurso jornalístico. Aqui especificamente e num primeiro momento, no recorte das sinopses do programa. Em outra etapa da análise essa pesquisa trabalha especificamente as diversas relações dos “atores sociais” presentes no conteúdo de duas edições escolhidas e a análise do cruzamento das vozes dos mesmos, o que permitira uma melhor visualização da força do discurso determinando as práticas sociais no espaço do “território simbólico”, no caso o Globo Repórter.

Conhecer o discurso, das mídias torna-se importante na identificação das territorialidades uma vez que o processo de territorialização acontece na construção do espaço público, apresentado com características de poder e dominação. Mas esse espaço por sua vez se dá na “representação do espaço”, mas também no “espaço representado”. E a elaboração desse espaço se dá nas práticas sociais em que a mídia e seus produtos criam representações através do discurso produzido.

De forma que o espaço simbólico do Globo Repórter cria representações sobre as relações sociais presentes no fenômeno migratório. Assim, a “ordem do discurso” possibilita a análise e interpretação não só enunciador midiático, mas também do não dito nas vozes do discurso. Uma vez que o discurso dominante, *“veicula e produz o poder, reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barra-lo”* (Foucault, 1982, p. 96). O autor abre assim a possibilidade da análise do discurso fazer essa identificação.

A descrição dos enunciados das sinopses do programa Globo Repórter, como unidade discursiva, encontra-se o dizer “socioideológico” do programa para com o tema migrações. Para Charaudeau (2006), uma vez que o discurso da mídia é um espelho, o mesmo não mostra a realidade “real”, mas apenas um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo, sempre a partir do poder que está no domínio, no caso a mídia e toda a sua relação com a lógica do “sistema econômico” que em si reproduz uma lógica ‘globalizante’. E no contexto dessa pesquisa a Rede Globo de Televisão configura-se como uma das principais forças de atuação do poder econômico midiático na atualidade, tendo no Globo Repórter uma das formas de atuação.

Nesse contexto o programa Globo Repórter traz em sua estrutura um dizer social de impacto. Por isso, ao falar da temática migração, há de se pensar numa construção por parte do programa contextualizada. Nesse sentido, conhecer a forma como se configuram os movimentos migratórios deveria passar pelo discurso do programa. No campo da análise aqui proposta, dentro das teorias migratórias, faremos no capítulo seguinte uma pequena contextualização das redes sociais a partir da perspectiva das migrações como tentativa de melhor contextualizar a importância dos sujeitos que aparecem no conteúdo dos programas e não são identificados nessas relações de rede social. De forma que os conceitos de redes sociais representam na atualidade um dos caminhos para se entender esses processos. Tais conceitos serão trabalhados no tópico a seguir na perspectiva teórica das migrações.

2.3 Em busca dos aspectos atuais das teorias migratórias: as redes sociais

Entre as diversas possibilidades de recorte teórico sobre as migrações, esse trabalho optou por apresentar um breve panorama específico de construção teórica a partir dos conceitos de redes sociais. No entendimento de que os processos migratórios apresentados em um programa de televisão como o Globo Repórter evidenciam sem explicação e contextualização as práticas que se dão nas redes, isto é: através dos personagens e suas ações ao longo das reportagens como serão apresentadas nessa pesquisa. Num primeiro momento nos atentaremos para a problemática da migração na perspectiva das migrações recentes, ou seja, final do século XX início do século XXI que configuram contextos mundiais representativos da globalização e suas interferências na vida social. (Ortiz, 2009, p. 231).

São os fluxos migratórios recentes do qual o Brasil faz parte e Governador Valadares tem um significado especial no contexto das pesquisas sobre a temática. Os fluxos migratórios do Brasil para os Estados Unidos e esses vistos a partir da realidade de Governador Valadares, se configuram como um ponto significativo para os estudos e a identificação do processo das redes sociais na consolidação do fenômeno migratório na região. Sales (1999) define esse início: *“A emigração iniciou-se na década de 1960, de modo pouco expressivo, (0,6%), e acentuou-se a partir do ano de 1985. Destaca-se que 52,6% emigraram para os EUA exatamente no período de 1985 a 1989, anos de crise e desalento”*. (p. 67).

Assim teoricamente em Richmond (1988) tem-se que a migração na virada do Século XIX para o XX era abordada teoricamente como consequência do capitalismo e o impacto da industrialização e urbanização. Mas a partir dos anos 50 como resultado das mudanças políticas e econômicas do pós-guerra, há uma mudança nos fluxos migratórios. E nessa configuração os migrantes passam a serem vistos como integrantes de um novo fluxo migratório, onde se amplia para o olhar de que os mesmos estão inseridos em grupos étnicos e nas redes sociais como possibilidade de migração. Sasaki & Assis (2000) propõem que:

Embora seja inegável que a pobreza, desemprego e super-população possibilitam as migrações, é também necessário identificar os processos que transformam essas condições, criando uma situação que leva à migração. Tais processos estão relacionados com a reorganização da economia mundial nas duas últimas décadas resultando na formação de um espaço transnacional, onde a circulação de trabalhadores é apenas um fluxo dentro outros, como os de capital, mercadorias, serviços e informações. (SASAKI & ASSIS, 2000, p. 8)

As autoras argumentam ainda que através da “internacionalização da produção e da própria reorganização da economia mundial, o investimento estrangeiro é uma das variáveis para se entender os fluxos das migrações internacionais”. É esses podem ser visto a partir do recorte atual das migrações e os padrões recentes que vão configurar esses novos conceitos. Entre eles o das redes sociais, do qual fazemos apenas referência a fim de contextualizar esse pensamento teórico dentro da discussão que se desenvolve ao longo desse trabalho:

As redes sociais também transformam as categorias existentes. Os emigrantes levam consigo suas identidades étnicas que se alteram no contexto de migração, nas relações com a sociedade de destino e com os grupos de migrantes. Assim, alguns elementos de identidade do país de origem são eleitos, negociados e reconstruídos no contexto da migração. (IBIDEM, 1990, p. 86).

Ao se falar de movimentos migratórios recentes há se pensar que essas próprias redes se apresentam como uma nova organização social e que vão influenciar diretamente a forma de migrar na atualidade diante dos contextos gerais de um processo de migração. Uma vez que a migração não é um fenômeno recente. Mas as práticas podem ser analisadas a partir de novos conceitos como define Siqueira (2009) ao avançar na proposta dos clássicos que “compreendiam este fenômeno como parte do processo de urbanização e metropolização”.

Tais mudanças atuais têm marcos a partir dos anos de 1950 quando aos fluxos migratórios deixam de ser apenas da Europa para a América passando a ser dos países da América Latina para os Estados Unidos.

Mas a migração não pode ser entendida apenas como a ação dos indivíduos que migram por conta de renda. Siqueira (2009) mais uma vez chama a atenção para a importância de se estudar a migração internacional a partir de uma visão da ação social: “ou seja, perceber a decisão de migrar e todo o processo presente na sociedade de origem e inserção na sociedade de destino como resultantes da influência das relações sociais.” (2009, p. 37).

No caso específico da região de Governador Valadares em Minas Gerais e o fluxo migratório para os Estados Unidos é de considerável exemplo para se entender o estabelecimento e o papel das redes no processo migratório:

Devido à atuação das redes, é possível para uma pessoa que não saiba inglês, não tenha viajado além de 500 km de sua cidade natal e não conheça as grandes cidades brasileiras, como São Paulo, Rio de

Janeiro e Belo Horizonte, desembarcar no aeroporto de Nova York, chegar a Summerville e, dois dias depois esta trabalhando como *housecleaner* ou na construção civil. Essa rede começou nos anos de 1960 e possibilitou o boom imigratório da região para os Estados Unidos nos anos de 1980. (SIQUEIRA, p.4, 2009)

Assim a verificação das redes sociais enquanto entendimento teórico se torna significativo para melhor compreensão do fenômeno migratório atual. Assim, recorreremos à conceituação de Siqueira (2009) para os estudos das redes sociais: “*As redes são formadas pelos primeiros migrantes que se fixam em determinadas regiões, matam estreitas relações com o país de origem e percebem, constroem ou descobrem mecanismos facilitadores do processo de migração*” (Siqueira, 2009, p. 46). Não se pode deixar de levar em conta as questões estruturais dos países de origem na fomentação das condições da migração.

Percebe-se o quanto as “redes” apropriam-se dos discursos e se orientam também por eles como uma espécie de capital social para as suas próprias movimentações dentro dessas redes. “Os migrantes vão para lugares e setores específicos do mercado de trabalho do país de destino, razão pela qual acessam os recursos das redes sociais. Quando configuradas, as redes direcionam esses fluxos para determinados espaços geográficos e para certos setores do mercado secundário” (Siqueira, 2009, p. 46).

Siqueira (2009) propõe uma ampliação nos estudos teóricos das migrações justamente para se compreender o fenômeno na perspectiva da atualidade. Nessa visão ampliada pelo foco da sociologia levam-se em conta alguns conceitos tradicionais, mas não se define por eles apenas a problemática atual. Entre as teorias migratórias a neoclássica conceitua a decisão de migrar apenas pela “maximização” de ganhos. Os próprios novos economistas são vistos pela autora como “incompletos” no sentido de que ao terem uma visão focada nas relações de mercado não abarcam todas as relações geradas pelos fluxos migratórios. Outro aspecto que não se completa para a análise atual das migrações é o esquema histórico-estrutural ao reduzir o fenômeno migratório como a um mercado de trabalho que exige pouca qualificação daquele que migra e um outro mais exigente. Mas não explicam em si as questões dos valores sociais em relação a esses perfis de migrantes. Tais aspectos podem ser considerados também na perspectiva das redes sociais e como as mesmas entrelaçam as relações dos contextos migratórios do fenômeno na atualidade:

Considero que a teoria das redes sociais que dá ênfase aos aspectos sociológicos importantes, como o das relações sociais que formam as redes sociais e a noção da transnacionalidade, que se apresenta como um instrumento teórico, eminentemente sociológico, para a compreensão dos fluxos migratórios, são os instrumentos teóricos mais adequados para a

compreensão e a explicação do fenômeno da migração internacional. (SIQUEIRA, 2009, p. 51)

Nesse sentido ao apresentar o tema migrações como notícias em um programa de televisão as questões das redes sociais podem ser identificadas a partir de um “olhar teórico”, mesmo que não explicitado na narrativa jornalística. Tal entendimento se faz necessário no recorte dessa pesquisa, uma vez que as redes surgem do próprio desenvolvimento dos fluxos migratórios e não podem deixar de serem analisadas no contexto da notícia. Ao falar sobre os migrantes, suas atividades e as relações econômicas e sociais que os envolve estará sempre falando na perspectiva da rede por isso a importância da elaboração teórica.

Mesmo que a partir da contextualização das redes sociais e do seu papel no processo da migração, percebe-se que ao apresentar através de suas sinopses uma ideia do que estaria acontecendo em cada período ao longo das edições do programa, não se vê a identificação das redes e sua explicação por parte do Programa Globo Repórter. Essa ausência de informação é um ponto reforçador da lógica mercadológica que permeia a informação sobre migração no conteúdo analisado. O quadro a seguir apresenta um perfil de cada programa exibido entre 1988 a 2006 que trataram da questão das migrações. As relações das redes podem ser identificadas no conteúdo de cada edição mesmo quando não são conceituadas como uma relação de rede social. Nesse sentido, têm-se a possibilidade de atualização desses movimentos apresentados e representados discursivamente pela Rede Globo de Televisão e a sua “visão” internacional dos movimentos migratórios. Tendo em vista que o programa se nomeia como um conteúdo de aprofundamento das questões sociais dos temas abordados, podemos considerar que essa é uma fragilidade do objetivo proposto.

TÍTULO	ANO	SINOPSE
Brasileiros em Portugal	24/04/1988	A migração de brasileiros para Portugal. Em busca de melhores condições de vida, a atual prosperidade da economia portuguesa conheça a história de brasileiros bem-sucedidos em Portugal. Porque eles trocaram o Brasil por Portugal?
Clandestinos nos EUA	03/05/1991	O drama dos mexicanos que tentam atravessar ilegalmente a fronteira americana em busca de melhores condições de vida nos EUA. Imagens feitas com lentes especiais que dispensam a luz para filmar a noite.
Dentistas Brasileiros em Portugal	22/11/1991	A vida dos dentistas brasileiros em Portugal. Por que

		eles deixaram o país? Como vivem e os problemas da legalização da profissão. O trabalho dos brasileiros é melhor? Como os portugueses convivem com os brasileiros e a repercussão no Brasil.
Brasileiros no exterior-Parte I	14/11/2003	Como vivem os brasileiros nos EUA o trabalho, a ambientação da América com a cara do Brasil. O trabalho de uma manicure que virou dona de um salão de beleza em Nova Iorque por que as americanas preferem o trabalho das brasileiras. As mansões construídas em Governador Valadares. o caminho da ilegalidade: valadarenses pagam até 10 mil dólares na montagem de documentos e as imagens de brasileiros atravessando ilegalmente a fronteira com o México a noite.
Brasileiros no exterior – Parte II	14/11/2003	Os valadarenses presos nos EUA por causa da ilegalidade. As condições das prisões. A falta de informação das famílias. Mas quem foi deportado ainda pretende voltar para continuar o projeto da migração. Os filhos que nasceram enquanto os pais estavam nos EUA.
Futuro no exterior – Parte I	29/07/2005	Para além dos EUA na região de Governador Valadares as pessoas não param de emigrar. Os planos frustrados, quem perdeu tudo. As filas intermináveis na Polícia Federal para tirar passaporte. E a cidade de Gonzaga onde nasceu o mineiro Jean Charles de Meneses. Uma cidade consternada. O cortejo de Jean Charles em Gonzaga, amigos dizem que é possível vencer sem deixar o país.
Migrantes Brasileiros	22/09/2006	A repressão aos imigrantes nos EUA. O que mudou na cidade de Gonzaga depois da morte de Jean Charles. As dificuldades dos brasileiros em antigos trabalhos nos EUA e a economia em Governador Valadares com menos dólares. O pedido de justiça dos mineiros pela morte de Jean Charles. Minas Gerais o Estado com maior concentração de brasileiros nos EUA.

Quadro 05 - Sinopse dos programas GR sobre migração (1988-2006)

Os programas aqui elencados, segundo registro do acervo da emissora, trazem essa representação de como a migração é vista pela Rede Globo. Mas para uma contextualização

entende-se que os movimentos migratórios internacionais quando apresentados no Globo Repórter falam especificamente, pela listagem apresentada, de momentos de tensões factuais das migrações como reflexo das mesmas na contemporaneidade dentro de questões sociais e conflitos, ou seja, ganha destaque não como um processo contínuo e atual da sociedade globalizada, mas, como essa factualidade de tensão. Mas como a própria migração os mesmos se mostram como uma das facetas da globalização.

Dentro desse raciocínio, as migrações internacionais recentes são midiaticizadas porque são fruto dessa globalização que entre outros pontos geram mudanças na forma de produção do capital em todos os países.

Assim, através do “olhar” para o discurso produzido na mídia, poder-se-ia também explicar e entender mais das migrações internacionais no mundo.

Patarra (2006) define esses questionamentos das relações e produções da globalização:

Enfim, há que considerar que os movimentos migratórios internacionais constituem a contrapartida da reestruturação territorial planetária basicamente relacionada à reestruturação econômico-produtiva em escala global. (PATARRA, 2006, p. 8).

A autora toma marco também os atentados de 11 de setembro de 2001 nos EUA para falar de um novo momento dos movimentos migratórios e a necessidade de atualização da abordagem teórica. Estes, vistos por ela, como uma “explosão” de movimentos dos migrados pelo mundo. Ressalta a questão do racismo e xenofobia ao falar dos conflitos no Oriente Médio e a relação dos imigrantes mulçumanos.

Patarra (2006) ainda chama a atenção para a necessidade do entendimento dos processos sociais envolvidos nos fluxos de pessoas entre países. Segundo ela “passa pelo entendimento de que sobre a rubrica migração internacional estão envolvidos fenômenos distintos, com grupos sociais e implicações diversas”. (Patarra, 2006, p. 9).

Mais uma vez tem-se dentro desse contexto a inclusão da teoria das redes para se entender os movimentos migratórios atuais. Mais uma vez citando Patarra (2006), a mesma recorre a Simmos (1987) quando se torna possível fazer essa relação da necessidade do entendimento do papel e configurações das redes sociais no contexto das migrações. “Nesse contexto, a migração é: descentralizada, temporária, circular, responsiva, de riscos calculados, geradora de conflitos, global e regulada”. (Patarra, 2006, p.11).

De forma que os fluxos internacionais de migração implicam hoje mais que disponibilidade de uma força de trabalho para o capital. Os mesmos fariam parte de um

fenômeno global e universal. Kurz (2005) também citado por Patarra (2006) dá essa dimensão ao dizer que:

Se dirigem dos leste para o oeste, do sul para o norte; em direção à União Européia e a toda Europa ocidental, passando a fronteira oriental; do norte da África e das áreas além do Saara do Sul, ultrapassando o Mar Mediterrâneo; em direção aos Estados Unidos partindo de toda a América Central e da América do Sul. (IBIDEM, p. 31).

Não significando que essas relações são pacíficas ou mesmo naturais nas dimensões políticas e econômicas que envolvem essas fronteiras e as questões políticas e sociais que geram os movimentos migratórios. Mas tal compreensão se torna fundamental para a análise da necessidade de atualização dos conceitos teóricos que permeiam os estudos sobre migração. Entre os quais ressaltamos mais uma vez o destaque que Siqueira (2009) apresenta para o entendimento das redes sociais que se configuraram nas relações de migrações e como a abordagem teórica permite essa atualização.

No próximo capítulo abordaremos os aspectos teóricos da comunicação. Uma vez que as teorias da comunicação se apresentam num campo específico e possibilitam fundamentos importantes para o recorte do objeto dessa pesquisa. Especificamente as teorias da comunicação ajudaram num entendimento mais claro dos mecanismos do veículo televisão na contemporaneidade. Assim, como o entendimento teórico das migrações, já especificados nas redes sociais, as teorias da comunicação, enquanto conceitos de reflexão sobre o fazer social das mídias se faz necessário e agregam valores interdisciplinares ao campo geral dessa pesquisa.

CAPÍTULO III: TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

3.1 Teorias da Comunicação e Televisão

Os meios de comunicação, em especial a televisão, tornaram-se poderosos instrumentos de persuasão e de manipulação das massas, transformando-se nos maiores formadores não só de opinião como de atitude e comportamento. A comunicação foi a grande revolução do século XX, o que a tornou uma importante ferramenta para a manutenção da democracia ou de regimes totalitários dentro das sociedades.

Na atualidade é impossível imaginar o mundo sem a comunicação. Segundo Guareschi (1993, p. 16) *os meios de comunicação estão sempre presentes e são fatores indispensáveis tanto na criação como na transmissão, mudança, legitimação e reprodução de determinada cultura*. E é essa ferramenta que consolida, e muita vez legitima a existência dos mais variados grupos.

Não seria exagero dizer que a comunicação constrói a realidade. Um mundo todo permeado de comunicação – um mundo de sinais – num mundo todo teleinformatizado, a única realidade passa a ser a representação da realidade – um mundo simbólico, imaterial (...) a conclusão a que chegamos é a de que uma coisa existe, ou deixa de existir, à medida em que é comunicada, veiculada (GUARESCHI, 1993, p.14).

A comunicação é um campo teórico novo. Os primeiros estudos começaram a ser desenvolvidos em 1923, com a *Escola de Frankfurt*, em especial com a fundação do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. O objetivo dos colaboradores da escola era manter uma reflexão crítica de assuntos relacionados à sociedade, a economia e a cultura. Foram os teóricos da escola de Frankfurt quem estabeleceram o conceito de *indústria cultural*, divulgado por Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985) no livro *a Dialética do Esclarecimento*. Para os teóricos *a indústria cultural, ao pretender a integração vertical dos seus consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas em larga medida, determina o próprio consumo*, ou seja, ao mesmo tempo em que a indústria cultural produz os bens culturais, ela cria demanda nos interlocutores em relação aos discursos produzidos. De forma que, o sentido de comunicação de massa, e principalmente, o de indústria cultural, implica em um primeiro momento reconhecer que os produtos estão disponíveis para todos e não mais para um público restrito. Segundo Vizeu (2003, p. 23), “o

conceito indústria cultural é o resultado do primeiro confronto teórico entre a cultura européia das luzes e a cultura produzida para milhões”.

Apesar de muitos teóricos criticarem a indústria cultural, alguns pesquisadores acreditam que a industrialização dos bens culturais não é nenhum dragão devorador de mentes manipuladas. Para eles, a indústria cultural é um meio de promoção e difusão das artes e da cultura.

As indústrias culturais se converteram, nos últimos decênios, nos meio de maior impacto para a difusão e promoção da cultura e das artes, sem que seja um impedimento para o seu crescimento econômico. Além disso, elas possibilitam um intercâmbio cultural entre as nações e no interior de cada comunidade (VIZEU, 2003, p. 28).

Entre a indústria cultural, o veículo de comunicação de massa que mais se destacou desde o seu surgimento em 1940 nos Estados Unidos, foi a televisão. Em relação ao veículo, Prado (1987, p. 3) o define como *o mais vigoroso meio de comunicação que o homem produziu*. Mas com a criação dessa ferramenta os media (meios de comunicação) passaram a encontrar-se em um competição frenética para atrair a atenção dos receptores. Porém, nessa arena *a televisão, a caçula, rivaliza com seus irmãos mais velhos (cinema, rádio e imprensa) e disputa a audiência das massas* (Kientz, 1973, p. 5), e sai na frente.

A televisão começa a expandir-se a partir dos anos 50 e vai rapidamente conquistando o público e ocupando um lugar importante no lazer das pessoas até que se torna, no final do século, o meio de transmissão de imagens absolutos em toda a cultura. Domina todas as outras formas de transmissão de imagens assim como todos os demais media (MARCONDES FILHO, 1994, p. 16).

Segundo Maciel (1995), *a televisão é o único veículo de comunicação que mobiliza dois sentidos humanos ao mesmo tempo: a audição e a visão. Um deles, a visão, certamente o mais importante dos sentidos humanos*. Por causa de suas características fundamentais englobarem ao mesmo tempo imagem, som e informação, a televisão é um veículo de comunicação pleno.

De acordo com Marcondes Filho (1994, p.25)

A televisão, como dizia Marshall McLuhan, um dos primeiros e mais brilhantes teóricos da comunicação na era eletrônica, é um “meio frio”. Ele dizia isso, por que diante dos outros meios de comunicação, ela absorve todos os sentidos: a visão e a audição, que eram trabalhadas separadamente no rádio, no jornal, na literatura são aqui envolvidos de uma forma plena mais do que no teatro e mais do que no cinema.(...) A televisão não: ela

extrapola esses outros meios frios, abrangendo muito mais do que a visão e audição.

No Brasil a televisão chegou em 1950. Nos primórdios de sua instauração no país, o novo meio de comunicação surge de forma precária. A TV começou a funcionar absorvendo os profissionais do rádio, do cinema, do teatro e do jornalismo. Sem uma linguagem própria a nova ferramenta de comunicação causava estranhamento a televisão *era apenas um meio de comunicação além dos já consagrados e com posição mais ou menos definida, buscando encontrar espaço especialmente entre o rádio e o cinema* (Marcondes Filho, 1994, p. 27), ou seja, nem de perto lembrava a atual configuração que assume nos dias atuais.

Marcondes Filho (1994) na tentativa de compreender a televisão divide a evolução desse veículo de comunicação em duas fases. A primeira fase da televisão no Brasil, engloba as décadas de 50 à 70, marcadas exclusivamente por um início de contato e familiaridade com o meio de comunicação. Até o ano de 1960, a TV Tupi de Assis Chatobriand detinha o monopólio da televisão no país. Mas em 1960 esta primazia da Tupi sofre um baque com o aparecimento de novas emissoras concorrentes. Começa assim a surgir no país a competição entre as emissoras de televisão. É nesse momento que o novo veículo se firma e se consolida como um meio de comunicação para grandes massas. Acontece assim, *um desabrochar da indústria televisiva marcado pelo aumento das expectativas comerciais em relação a televisão*, afirma Marcondes Filho (1994).

Esta consolidação se prolonga até os anos 70, época em que a TV Globo assume a liderança absoluta da audiência. Segundo Marcondes Filho (1994, p. 29) *a televisão deixa de ser um meio de comunicação que apenas dá uma nova roupagem as peças teatrais, ao humor radiofônico, ao jornal, para ser um sistema que cria sua própria forma de dizer as coisa. A linguagem da televisão nasce aqui.*

A segunda fase da televisão brasileira começa na década de 80 quando ocorre uma mudança de paradigma na relação veículo/receptores.

A nova fase da televisão, dos anos 80, é aquela em que ela se coloca na posição de domínio total no mercado de informação, mas modifica a relação que tem com seu público, assim como modifica a maneira como passa a produzir seus programas. A nova época é marcada pela fragmentação, dispersão, atomização do controle do sistema televisivo (MARCONDES FILHO, 1994, p. 31).

Nesse contexto é importante focar o estudo na evolução das formas de comunicação inseridas na sociedade.: *“Praticamente tudo na sociedade passa a girar em torno dos meios de comunicação, em especial, da televisão”* (MARCONDES FILHO, 1994, p. 35). Nas

atuais conjunturas é inegável admitir o poder legitimador que a televisão consegue dentro dos grupos. Ainda para o autor: “*Se é a televisão que é a verdade, se ela que é a única realidade, nada acontece que não tenha sido por ela legitimado*”. (MARCONDES FILHO,1994, p.35).

Este avanço dos meios de comunicação, levando em conta o crescimento da televisão no Brasil e no mundo, e a informação por ela veiculada, está claramente *desbancando e revitalizando o controle exercido por outras instituições, como escola, as igrejas, a família etc* (GUARESCHI, 1993, p. 19).

Entretanto, ao se pensar a televisão brasileira como o maior, e mais eficiente meio de comunicação para mais de 180 milhões de brasileiros, é imprescindível levar em consideração as questões ideológicas desse veículo, e a sua instauração na sociedade, pois o novo veículo nasce com objetivos bem definidos.

Segundo Prado (1987)

Aqui se encontra o traço mais importante do processo-TV, isto é, que não se está diante de uma comunicação “abstrata” ou individual mas sim de uma comunicação que se enquadra numa forma determinada de produção, mantendo-se sempre dentro dos limites do sistema social. (PRADO, 1987, p. 9).

A televisão em quase todo o mundo possui um imenso poder de influenciar os receptores que decodificam seus conteúdos e informações. Porém, é a sociedade onde o veículo esta inserido que refletirá as características do processo de construção da TV. De acordo com Guareschi (1993)

Não há como negar a evidência de que os meios de comunicação, ao qual evidencia-se a televisão, passaram a envolver os indivíduos num novo espaço acústico denominado por McLuhan de “mundo retribalizado”, onde eles passam a ser bombardeados por variadíssimas e inúmeras informações. (GUARESCHI, 1993, p. 20).

De maneira que cada vez mais a relação de comunicação vai se reduzindo a comunicação eletrônica, dos grandes meios. E neste contexto, a televisão se mostra soberana. Segundo Marcondes Filho (1993), *a televisão não é um meio de comunicação a mais, é o único*. Para o autor, a televisão foi liquidando seus adversários entre os media em direção a supremacia.

Porém, essa supervalorização da televisão que Marcondes Filho (1993) apregoa deve ser contesta. Segundo Vizeu (2003, p. 33) numa época em que a todo o momento novas tecnologias são criadas, a área das comunicações impõe constantes mudanças. O autor

acredita não ser possível afirmar que um veículo aniquile os demais. No entanto, parece-nos evidente que a televisão detém uma hegemonia sobre os demais mídia.

Essa superioridade da televisão em relação aos demais meios de comunicação transformou o veículo na maior fonte de informação das sociedades massa. *No Brasil a televisão ocupa um papel de fundamental importância na formação da identidade nacional* (Vizeu, 2003, p. 37). Nesta configuração da televisão, como a maior e mais importante meio de comunicação, o telejornalismo possui papel de destaque. Todos os dias milhões de famílias se reúnem em frente a TV para receber as notícias mais importantes do dia. Esse recorte, o telejornalismo, é tratado no capítulo seguinte.

3.2- O que é notícia em televisão

Definir o conceito de notícia é algo difícil, já que a palavra – do latim *notitia* – encerra em si um conjunto de definições amplas que vão desde uma lembrança, ao relato de um acontecimento atual, de interesse público geral.

O termo é tão amplo, que Cunha (1990, p. 12), lançou mão de uma extensa lista de conceituações, justificando que “(...) fazendo juízo, confrontando os elementos, as circunstâncias e suas particularidades, assim como opiniões tecendo um modo de ver, livre e pessoal, que não repousam às vezes em fundamento certo, relatamos aqui várias definições feitas por diversos autores (...)”.

Dentre os relatos que para CUNHA (1990) definem notícia, alguns são de ordem filosóficas para quem “as notícias são comunicações sobre fatos novos surgidos na luta pela existência do indivíduo e da sociedade”, outras definições são de ordem política quando “pode definir-se a notícia como a narração de uma troca de relações entre o indivíduo e o meio que o rodeia”.

No que se refere ao contexto jornalístico, a definição que melhor reflete a importância da notícia é encontrada no Dicionário Aurélio - Século XX (ed. 2002), onde o termo é definido como relato de acontecimento atual, de interesse público geral, ou de determinado segmento da sociedade, publicado ou apresentado em jornal, rádio, televisão ou revista.

Ou seja, para efeito de produção jornalística, notícia é a descrição detalhada ou mesmo simplificada de um acontecimento recente, que seja do interesse de um público, podendo ser ele segmentado ou genérico, já que certos acontecimentos, mesmo intimamente ligados a setores definidos, podem ser do interesse de todos.

A notícia ou acontecimento de interesse público é segmentada quando o fato em si está intimamente ligado a um segmento específico da coletividade. Notícias esportivas, por exemplo, em sua maioria são dirigidas ao público intimamente ligado ao esporte. Por sua vez, dentro do mesmo segmento esportivo, há grupos que só se interessa por notícias de uma determinada modalidade (futebol, corrida entre outros).

Isso significa que a notícia, no conceito jornalístico, não é apenas a simples técnica de relatar um acontecimento. Em tempos de alto nível na capacidade de retransmitir informações, a notícia tornou-se um produto, captado, trabalhado e direcionado conforme o interesse do mercado a que se destina. Lustosa (1996) esclarece bem tal definição, ao citar que:

A notícia é um produto colocado à venda e que atende à lógica e às exigências do mercado. “A mensagem jornalística, como um produto de consumo da indústria cultural (...) desenvolveu uma componente verbal específica, que serve para chamar a atenção e conquistar o leitor para o produto. A notícia é um produto cuja essência é a informação.” (LUSTOSA, 1996, p. 17).

A partir da concepção de Lustosa (1996) podemos entender que a notícia tem o seu valor. Como produto, a notícia é vendida (nem tanto nos aspectos mercantis), mas em seu atributo. CUNHA (1990) esclarece este conceito, analisando que a notícia, para ser um produto aceitável pelo público, “depende do público o seu interesse, a sua existência, além de que os propósitos de sua veiculação.”.

Isso significa que a notícia para ter valor deve ter tributos que avaliados diante da expectativa e da necessidade do público, torna-se noticiável ou não. Segundo Cunha (1990), fatos noticiáveis são classificados, pela teoria clássica, como os de atualidade ou proximidade temporal, proeminência (notoriedade ou celebridade), conseqüências (importância ou transcendência), raridade/Novidade e interesse humano, conflito (ação, luta), entretenimento/diversão, mistério, amor (romance ou sexo),(CUNHA, 1990, p.15).

Os tributos definem bem o que é noticiável, porém é necessário critérios para que se possa determinar o que será retransmitido ao público. Ou seja: uma vez captado o tributo do fato, utiliza-se de critérios que vão determinar se a notícia deve ou não se tornar pública. “Revista, analisada quanto a sua repercussão, fugirá ao simplesmente comum para ser mais importante, sensacional ou extraordinária”. (CUNHA, 1990, p. 15).

Em Cunha (1990) entendemos que os critérios sobre o valor dos tributos de uma notícia são amplos. Vão desde a linha editorial do veículo em que a notícia será veiculada, ao cerne da legislação de imprensa, passando naturalmente pelo código do jornalismo.

Mas além dos critérios éticos e legislativos, a produção e veiculação de uma notícia, também envolve o estabelecimento do seu discurso dialético. Cunha (1990) ensina que em uma notícia não se deve questionar e sim afirmar.

Não pode contrapor formulações contraditórias, se bem que pode apresentá-las. Não busca investigar causas ou conseqüências, mas conseguir o resultado em uma investigação. Não cria avaliações empíricas. Toda notícia pode ser contestada, dependendo da relativa situação em que se encontre o seu emissor. (CUNHA, 1990, p. 16).

Nesse contexto, entendemos que a prática jornalística automatiza a notícia. O jornalista se vale de princípios que o norteiam no momento de evidenciá-la, o que leva à

possibilidade da “manipulação”, como define Cunha (1990), quando o preceito de ajuizamento e escolha se faz acolhendo princípios ideológicos ou administrativos.

Em Cunha (1990) também é importante a concepção da notícia como axioma, ou verdadeira, sem necessidade de comprovação. Ou seja, cabe ao noticiador, ter como critério básico que a notícia deve ser verdadeira de fato ou de razão, que não admite contestação, quando captada em fonte segura e confirmada pela investigação.

E finalmente, sobre a concepção de notícia, seus tributos e discernimento, vale ressaltar os critérios ideológicos e técnicos da notícia. Sobre os primeiros (ideológicos), a falta deles é fator preponderante para o surgimento da massificação, “ou ação maciça dos meios de comunicação criando certas ondas de opinião, histerias públicas e movimentos de massa que pressionam o povo para convencê-lo de sua posição.” (

CUNHA, 1990, p. 18).

Nesse aspecto, entendemos que tanto vale a posição ideológica do repórter, quanto do veículo, capazes de remodelar a realidade segundo suas pretensões, às vezes fazendo com que incidentes relativos se tornem grandes fatos nacionais, menosprezando os importantes em assuntos menores.

Percebe-se que o telejornalismo não realiza a função de noticiar, nem divulgar fatos que interessem a sociedade, mas a de moldar, esticar ou comprimir imagens com textos que reproduzam a vida política, social, cultural e econômica à sua maneira, conforme critérios ideológicos e particulares do momento, não só entre os jornalistas, mas também segundo os proprietários de emissoras e seus patrocinadores da indústria e do comércio. (CUNHA, 1990, p. 18).

Quanto aos critérios técnicos, compreende-se que a notícia, antes de ser captada pela audiência, necessita ser ordenada, alinhada a critérios técnicos que permitam sua clareza, organização e compreensão. Tais critérios, como ensina Cunha (1990), vão desde a disposição do texto (em veículos impressos) ou da postula de voz e imagem (nos telejornais), aos detalhes de uma notícia. Um fato é composto de pormenores que se negligenciados, alejam a notícia. Na notícia tecnicamente mal construída, “ninguém se informa seriamente de nada; só se tem a impressão de ficar informado pela metade, pois faltam pormenores”. (CUNHA, 1990, p. 19).

Finalmente em Cunha (1990), compreendemos que noticiar, no contexto jornalístico é um ato de informar, de anunciar, de comunicar, com dados de alguém (fontes) ou de algo, com conhecimento amplo e bem fundamentado, resultante da análise e combinação de critérios que possam promover o esclarecimento, a instrução, com a intenção de confirmar,

comprovar, apoiar e contribuindo para esclarecer uma situação ou descobrir novos fatos. Com os avanços da modernidade, e os novos mecanismos de transmissão, o trânsito das informações acelerou. A vida contemporânea passou a ser recheada de fatos e acontecimentos instantâneos. A todo o momento são irradiados pela mídia notícias que interferem diretamente no cotidiano da sociedade.

Segundo Vizeu (2003) são através das notícias que as pessoas ficam sabendo o que acontece a sua volta, e a partir das informações recebidas tomam atitudes, e através de suas ações constroem uma identidade comum.

Para Pena (2005), *a notícia é a matéria-prima do jornalismo*. Sendo assim, uma forma de ver, perceber e conceber a realidade. Um autêntico sintoma social, e a análise de sua produção lançam muitas pistas sobre o mundo que nos cerca. Segundo Vizeu (2003) “a função da notícia é orientar o homem e a sociedade em um mundo real. Na medida em que consegue, tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência da sociedade”. (p.60)

Todos os dias nas redações de todo o mundo, chegam milhares de assuntos e fatos, mas apenas uma parte deles são publicados ou veiculados, ou seja, se transformam em notícias. De acordo com Pena (2005), *revelar o modo como as notícias são produzidas é a chave para compreender o seu significado*.

Muitos estudos ressaltam que o processo de elaboração de uma notícia cede lugar a significados ideológicos implícitos em seus conteúdos. Para explicar este paradigma pode-se tomar como referência o estudo realizado por Miquel Rodrigo Alsina, no livro *La Construcción de la noticia*, que classificou a notícia como sendo um produto da indústria cultural. A notícia é uma apresentação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível (Alsina, 1996, p. 185).

Para compreender o processo pelo qual um fato passa a ser notícia, é necessário levar em consideração questões que por princípio estão ligadas à interesses políticos – econômicos. Ou seja, sobre a cabeça de quem seleciona o que vai ser ou não notícia pairam motivações econômicas, políticas, ideológicas, sociais e culturais. Neste sentido os veículos de informação realizam o processo caracterizado por Pierre Bourdieu no livro *Sobre Televisão* (1997) de censura as avessas. Este processo de censura as avessas constitui o processo de seleção que os jornalistas fazem do que deve ter ou não espaço na mídia.

Vizeu (2003) afirma que nas conjecturas atuais os meios de comunicação estão incorporados a lógica econômica de maximização dos mecanismos de mercado, deixando de contemplar as conveniências culturais do conjunto da sociedade, para limitar-se a fazer os

interesses imediatos das entidades ligadas ao negócio da informação. Dessa forma, evidencia-se que as empresas de comunicação atendem primeiro aos interesses corporativos, ficando a escolha do que venha a se tornar notícia diretamente relacionado com o capital.

Para se entender como é realizado a escolha do que vai ser ou não notícia, torna-se necessário compreender a teoria do *Gatekeeper*, que privilegia a ação pessoal no momento da seleção dos fatos que se transformaram em notícia. O conceito refere-se à pessoa que tem poder de decidir se deixar passar a informação ou se a bloqueia. De modo que só viram notícias os fatos que passam por uma cancela ou portão (PENA, 2005, p. 133).

Segundo Pena (2005) o conceito de *gatekeeper* passou a ser aplicado ao jornalismo em 1950, pelo teórico David Manning White, que estudou o fluxo das notícias dentro dos canais de organização dos jornais com o objetivo de individualizar os pontos que funcionam como cancelas. A pesquisa de White focou a observação do trabalho de um jornalista com 25 anos de experiência profissional, residente de uma cidade de 100 mil habitantes, e cuja a função era determinar as notícias que deveriam ser publicadas no dia seguinte. Após uma semana, o pesquisador concluiu que os motivos que levavam o jornalista a definir o que seria ou não noticiável estavam relacionados à questões subjetivas e arbitrárias, dependentes do juízo de valor, baseado no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*.

Seguindo este modelo, pode-se afirmar que o processo de produção da notícia vem carregado de significados ideológicos implícitos, que na maioria das vezes os conteúdos são moldados para se adequar as táticas mercantis, com o objetivo de atingir o sucesso mercadológico. É evidente a preocupação com ser bem - sucedido junto ao público, o que o leva a procurar formulas de consumo. O caminho mais imediato é o uso de apelos mais imediatos da publicidade, sobre tudo na linguagem e envolvimento da reportagem (MEDINA, 1988, p. 87);

Dessa forma, a utilização do paradigma da produção da notícia supera os modelos impostos da manipulação da notícia, a impressão que se têm é a de que os produtores da informação não exercessem qualquer influência pessoal ideológica sobre o material que é produzido.

O paradigma da manipulação da notícia tende a favorecer um enfoque moral/psicológico da imparcialidade da cobertura noticiosa – na medida que atribui uma intenção manipuladora – e dificulta enormemente sua compreensão como um processo histórico e culturalmente situado (VIZEU, 2003, p. 69).

Para uma melhor compreensão do processo de construção das notícias o referencial teórico do *Newsmaking* é o mais indicado, já que se baseia na idéia de que a mensagem é um produto socialmente produzido (Vizeu, 2003, p. 70), demonstrando que o jornalismo está longe de ser o espelho da realidade cotidiana, más antes de tudo, é a construção de uma suposta realidade. É no trabalho da enunciação que os jornalista produzem os discursos, que submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chamam de notícia (Pena, 2005, p.128).

Na busca de respostas para esclarecer o processo de produção da notícia através da teoria do *newsmaking*, se destaca o estudo da socióloga Tuchman(1993). Segundo a socióloga, o processo de produção da informação noticiosa articula-se em três vertentes: a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e os processos produtivos. Para Tuchman a falta de organização do ofício jornalístico seria impossível produzir notícias, já que nas redações chegam a todo o momento um imenso contingente de fatos, a espera de se transformarem em notícias, e conseqüentemente, o motivo de conversa de homens e mulheres. Neste ponto, é importante ressaltar a hipótese da *Agenda Setting* que defende a idéia de que os assuntos cotidianos dos indivíduos são pautados pela mídia.

O agenda - setting é consideravelmente mais do que a clássica asserção que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias também nos fazem pensar nisso, tanto a seleção de objetos que despertam a atenção como seleção de enquadramento para pensar esses objetos são poderosos papéis do agenda-setting. (MCCOMBS E SHAW *apud* VIZEU, 2003, p. 73).

Deixando de lado a hipótese do agendamento, Tuchman (1993) informa que um dos processos de elaboração da notícia esta relacionado a produção da informação. De acordo com a socióloga, os órgãos produtores devem cumprir três obrigações na produção do noticiário:

1. Tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido como acontecimento notável,
2. Elaborar formas de relatar os acontecimentos que tenham pretensão de dar a cada fato ocorrido o tratamento idiossincrático,
3. Organizar temporalmente e espacialmente de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planejada.

Em outras palavras, pode-se dizer que o processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial: “baseando-se na etnografia dos ‘mass media’, essas análises

articulam-se e individualizam empiricamente os numerosos níveis de construção dos textos informativos de massa”(WOLF, 1994,p. (226).

Neste contexto é importante ressaltar a questão dos critérios de noticiabilidade, que consiste em uma das práticas vigentes do modelo newsmaking.

A noticiabilidade de um fato é plural, varia de acordo com cada veículo produtor de informação. Sua aplicação baseia-se nos valores-notícia, os critérios de operações usados para e definir quais acontecimentos são significativos e poderão se transformas em notícia.

A noticiabilidade está diretamente relacionada com os processos de rotinização e estandarização das práticas produtivas estáveis, numa matéria-prima (os fatos que acontecem no mundo) que são por natureza variáveis e difíceis de prever. (VIZEU, 2003, p. 85).

Vizeu (2003), define sete critérios de noticiabilidade para um fato se tornar notícia: ser factual, despertar interesse do público, atingir o maior número de pessoas, coisa inusitada, novidades, personagens e boas imagens.

Contudo, no momento de pensar a construção das notícias é necessário levar em consideração os valores - notícia que estão presentes ao longo de todo o processo de produção. Estes valores - notícia se fazem presentes no processo desde o momento em que o repórter sai da redação e vai à rua apurar os acontecimentos, até a apresentação do jornal. Assim: *“o elemento fundamental das rotinas produtivas, isto é, a substancial escassez de tempo e de meios acentua os valores- notícia que se encontram, assim, profundamente organizados no processo produtivo”* (WOLF, 1994,p. 195)

Observar-se assim, que o processo de seleção vai além das questões meramente informacionais. A seleção da notícia é um processo complexo e implica questões ideológicas, aos quais os padrões de noticiabilidade dos fatos estão intimamente ligados a experiências, atitudes e expectativas de quem escolhe o que vai ser ou não notícia. (PENA, 2005)

Nessa construção dos conceitos de notícia aplicados ao veículo televisão tem-se no programa Globo Repórter elementos para se entender como a notícia é trabalhada em um programa de “aprofundamento” da notícia. Tais questões específicas dessa abordagem são trabalhadas no capítulo seguinte quando apresentamos a estrutura do programa dentro do seu contexto histórico e jornalístico, bem como o recorte dessa proposta quando o mesmo passa a ser analisado a partir de suas coberturas sobre a temática migração.

CAPITULO IV: O CASO GLOBO REPÓRTER

4.1- Rede Globo: Um contexto histórico de “força” midiática

O cotidiano do brasileiro é perpassado pela televisão e grande parte dessa relação está ligada à cultura histórica do desenvolvimento midiático da Rede Globo de Televisão. Para Bucci (1996) a televisão forneceu ao brasileiro sua auto-imagem a partir dos anos 70. O autor também critica o momento atual da TV o retratar as realidades sociais do Brasil, como a distribuição de renda, mas que ao mesmo tempo “vibra unido na integração imaginária na Copa do Mundo, no final da novela, na morte do ídolo do automobilismo, na “festa cívica” das eleições presidenciais e não por acaso, todos esses momentos de confraternização são espetáculos de TV “(BUCCI, 1996, p.76)

Mesmo quando a tecnologia permite a TV por assinatura, quando cada um pode ter dezenas de canais diferentes dentro de casa, e a própria internet, o contexto histórico de informação dos brasileiros se deu através dos modelos de emissoras de televisão aberta, tendo na Rede Globo ao longo de décadas a concentração de audiência. E com isso, por muito tempo a autoimagem da sociedade brasileira foi dada por esse modelo. Uma vez que a cultura de massa passou a fazer parte do imaginário das pessoas, no caso do Brasil, o meio de comunicação que tem maior influência sobre as pessoas é a televisão. Em “Brasil em tempo de TV”, Bucci (1996) explica como a televisão configurou-se como o meio de comunicação hegemônico da indústria cultural brasileira. Segundo o autor, no Brasil, o espaço público está intrinsecamente ligado à televisão e a influência da Rede Globo sobre o público. Ele afirma que o espaço público do país começa e termina nos limites impostos pela televisão, “*vai desde onde chegam à luz dos holofotes e as objetivas das câmaras até onde se desmancha a luminescência que sai dos televisores*”, ou seja, no público. É a idéia de que quem não é captado pelas objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro.

Nesse sentido é importante pontuar que como instrumento de comunicação de massa a TV é sem dúvida um importante meio de formação de opinião e de construção da identidade como afirma Bucci (1996), contudo é importante ressaltar que não é o único e nem o mais importante, pois outras instituições, grupos e a própria cultura popular são componentes desse processo. Mas dentro do recorte aqui apresentado especificamos a televisão enquanto foco das análises aqui construídas.

Traçando um panorama mais atual da televisão brasileira, Priolli *et al* (2001), relatam que, durante décadas, a TV Globo protagonizou, em território nacional, uma vasta e abrangente educação de nossos sentidos, desempenhando papel marcante no palco em que se encena a articulação entre imagens e imaginário. Já em seus primeiros anos de vida, penetrava em casas e praças públicas com a sólida proposição de nos emocionar e informar em unísono.

A consolidação, em 1968, deu-se a partir de uma proposta de Walter Clark, primeiro executivo que levou a profissionalização Rede Globo de Televisão enquanto empresa. Clark participou de todos os processos de consolidação do “Padrão Globo de Qualidade”, de uma grade de programação que teve por princípio a localização de um telejornal, o Jornal Nacional, entre duas telenovelas, as conhecidas e denominadas novelas das sete e das oito. “*Criou-se o hábito de ver TV em família, com programações e horários reforçando-se mutuamente e garantindo uma fidelidade de público e um aumento vertiginoso dos índices de audiência*”. (PRIOLLI, 2001, p.98)

Para fazer parte da vida das pessoas é mais que obrigatório estar na TV. Dentro desse espaço, todo o país se informa sobre si mesmo, situa-se dentro do mundo e se reconhece como unidade. Para Bucci (1996), a vida privada brasileira se alimenta da mesma luz. “É pela TV que as crianças aprendem a desejar mercadorias, ingressando no mundo do consumo”. É por meio dela que os jovens aprendem a namorar, que as donas de casa vêem como suas casas podem ficar como as da novela. A televisão consolida opiniões, gostos, trejeitos e moda, em novelas, noticiários e programas de auditório. Para o autor, o que não aparece na televisão perde espaço e não é reconhecido:

O Brasil que se via fora da TV foi perdendo sua legitimidade no espaço público, como se tratasse de um Brasil menos importante, menos conseqüente, menos verdadeiro. Pouco a pouco, a linguagem audiovisual da TV, perpassando os domínios diversos do debate público, monopolizou-o do jeito próprio que a televisão inventou para ver o mundo, ou melhor, de ver o país, contaminou o modo de olhar dos cidadãos. Políticos querendo chamar atenção do público, passaram a ter de aparecer na TV. Em caso contrário, eram simplesmente ignorados. O expediente de “criar um fato” para despertar o interesse da opinião público (esse mito liberal que se diluiu na noção da popularidade produzida pelos meios de comunicação de massa) virou sinônimo de “dar um jeito de aparecer na TV”. Em poucos anos, o Brasil fora da TV começou a inexistir (BUCCI, 1996, p. 14).

O autor aponta a influência que a televisão tem em países com problemas sociais, como educação, saúde e trabalho em detrimento de países desenvolvidos nesses aspectos. “Em

países mais desenvolvidos, existe ao menos a possibilidade de que outras instituições, como a imprensa escrita ou mesmo a escola e a família, possam mediar a influência da televisão e a lei (que é cumprida) estabelece limites mais claros para o poder nas grandes redes” (BUCCI, 1996, p. 15).

Priolli *et al.* (2001) afirmam que o movimento dos índices de audiência alcançados pela programação da Globo sugere, para o período entre o final dos anos 60 e o final dos 80 do século XX, a existência de um cenário de quase-monopólio. Em dois momentos significativos para a história da televisão no Brasil, fim da Rede Excelsior (1969) e da TV Tupi (1980), a Globo consolidou, nessas duas décadas, seu quase-monopólio, produzindo, prioritariamente, telenovelas e telejornais e alcançando elevados e imbatíveis índices de audiência com sua veiculação.

Cabe observar, segundo Priolli *et al.* (2001) que a competência tecnológica, característica do padrão televisivo da Globo, é bastante reconhecida e legitimada por parte do público receptor que se informou através da Rede Globo no período dos anos de 1980 a 2000, pois era a emissora, de longe, o maior índice de audiência⁵.

Conforme relatório da pesquisa qualitativa realizada por um grupo de pesquisadores e publicada na obra desses autores, o público valoriza a qualidade técnica assim como acabamento visual, figurinos, cenografia, locações, qualidade dos atores. A Rede Globo aparece, nesse caso, como a emissora que sabe fazer novela e jornalismo, que propicia ao telespectador usufruir produtos com acabamento técnico de Primeiro Mundo, modernos, que por vezes se parecem com filmes estadunidenses. Preenche, assim, a demanda da audiência por excelência tecnológica, reforçando, ademais, a sensação de se possuir, no país, um padrão imbatível no trato desse tipo de material ficcional.

Priolli, *et al.* (2001) descrevem do padrão de qualidade da Globo. Os produtos, agentes culturais, autores, diretores, atores, fotógrafos, editores, cenógrafos, iluminadores, sonoplastas, estilistas e modelistas, profissionais, enfim, profissionais do campo audiovisual, constituem um segmento fundamental para a compreensão do campo e da relação que se estabelece entre produção e produtos, índices de audiência e fidelidade do público receptor. Os altos índices e a fidelidade de audiência que resultaram de um projeto que articulou com sucesso, durante duas décadas, dimensões administrativas, econômicas e tecnológicas em torno de um padrão de qualidade, aliados a uma histórica e bem-sucedida matriz cultural de

⁵ Nos de 1980 a Rede Globo chegava a 80% de audiência (Jornal Nacional), já no final dos anos de 1990 até os anos 2000 a Rede perde cerca de 50% de audiência (BORELLI & PRIOLLI, 2010)

narrativa popular, pareciam, entretanto, enfrentar sérios problemas na década de 90, de acordo com Priolli, *et al.* (2001).

Mas na atualidade segundo estudos de HAMBURGER (2005,2010) não é possível mais falar de uma audiência passiva, uma vez que essa mesma audiência que assiste a programação de emissoras como a Rede Globo de Televisão tem outras referências de informação, como as próprias emissoras de canal aberto concorrentes a Globo. Assim, a autora defende que os mecanismos convencionais de produção e recepção da programação televisiva na história recente do país, “captam e expressam as mudanças em curso na sociedade; as relações entre histórias privadas de personagens do melodrama e também da informação”. (Hamburger 2005. p. 92). Assim não é possível pensar num determinismo da televisão e sim num aspecto de influência. Ou seja: a autora questiona:

Até que ponto se torna referência para definir tipos ideais nacionais de comportamento; as relações entre produtores, criadores, Estado e receptores; os significados que vão sendo produzidos e definidos numa relação de cumplicidade entre consumidores e produtores. Elas nos permitem, como leitores, refletir não só sobre o dinamismo da cultura brasileira em torno do fenômeno da televisão num contexto de sociedade globalizada, como perceber o fôlego do trabalho, que expressa esse dinamismo também na escrita e na análise realizada, longe das explicações lineares de um fenômeno tão complexo.(2005,p. 94)

Desde a consolidação do seu padrão de qualidade, concorrência foi uma palavra que praticamente desapareceu do dicionário da Rede Globo de Televisão. Aliás, uma de suas estratégias sempre foi atuar como se desconhecesse tudo o que se referia às outras emissoras. Desde o início dos anos 70, a Globo ditou um modelo de televisão e as outras emissoras tentaram, sem sucesso, imitá-la. TV Globo tornou-se sinônimo, no Brasil, de televisão, de qualidade, de audiência. No contexto de sua programação jornalística apresentamos a seguir o programa Globo Repórter, objeto de análise dessa pesquisa.

4.2- Globo Repórter: Uma história política

A história da origem do Globo Repórter começa quase dez anos antes da estréia do primeiro programa ainda com o jornalista Amaral Neto na Rede Globo com o programa que levava o próprio nome do jornalista. A produção foi exibida nas décadas de 1960 e 1970. O jornalista, na época produzia reportagens especiais que afirmavam o tom “desenvolvimentista” do Governo Militar. É partir da década de 60, principalmente sob o comando dos regimes militares, que o governo busca através TV passar a ideia de país unificado enquanto nação, território e cultura.

Destacamos que não nos cabe aqui fazer nenhuma análise política da contida ideológica da Rede Globo, estamos apresentando um instrumento da mídia televisa, seu alcance e suas influências na formação de opinião, é nesse sentido que consideramos que a Rede Globo contribuiu significativamente na formação simbólica do país desse momento. A Embratel, Empresa Brasileira de Telecomunicação foi estruturada pelo Governo Militar e possibilitou a Rede Globo, através de uma transmissão nacional, a ideia de uma coesão sobre as realidades enfrentadas pelo país. Mas essa coesão era apresentada sobre o olhar do Regime Militar. E os temas do governo vão pautar parte da programação. Segundo H. S. Borelli & Priolli (2000):

Os mais importantes, são, sem dúvida: a inserção do cenário e do debate político nacional; a priorização do investimento tecnológico como o padrão casado de qualidade e confiabilidade; e a promoção da identidade nacional (seja no que há nela de específico, seja em sua contextualização global. Importantíssimo ressaltar, na composição do perfil do informativo, a relação decisiva com a publicidade e, por supostos, com os interesses de anunciantes. (BORELLI & PRIOLLI, 2000, p. 50).

É possível configurar o Globo Repórter como o programa brasileiro de origem documental que está há mais tempo no ar. Periodicidade também é uma das marcas o jornalístico e que gera a identificação com o público. João Batista de Andrade (2004) trabalhou implantação e destaca a elaboração do programa como sendo responsável pela entrada, pela primeira vez de documentaristas na TV brasileira.

Nos primeiros anos de programa quase não se via a participação de repórteres nas externas. Configurando assim, a busca pela linguagem documental. Eduardo Coutinho *apud* Lins (2004) relata que o nome foi criado por Paulo Gil Soares e Armando Nogueira.

Os repórteres que trabalhavam Globo Repórter faziam pesquisa e tinham uma presença bastante discreta nos programas mais relacionados à atualidade. O diretor não podia aparecer nas imagens e muito menos a equipe – só em casos excepcionais e inevitáveis, mas jamais falando para a câmera (LINS, 2004, p. 21).

O projeto visava mesmo uma elaboração mais documentarista, independentemente das questões políticas que pudessem fazer parte do cenário nacional. Por isso, a equipe inicial do Globo Repórter reuniu nomes com grande experiência no cinema. O que também foi um diferencial para a televisão naquele momento.

Foi o confronto cotidiano e a soma dessas experiências que construíram, penso eu, a primeira linguagem de documentário na televisão brasileira, acessível a todos os segmentos de uma audiência imensa e muito diversificada. Uma linguagem que ainda está aí, na maior parte das produções. (MACEDO, 1988, p. 102).

Andrade (2004) em relação à origem do nome do programa também não sabe a origem do nome do programa, mas propõe que: *“Talvez tenha nascido com uma idéia de reportagens especiais ou grandes reportagens, mas, como caiu nas mãos dos cineastas, eu levanto essa hipótese, não sei, os cineastas transformaram aquele trabalho em documentário e não em reportagem”*. (Andrade, 2004)

Parte dessa história está registrada no site www.memoriaglobo.com (figura 02) onde a emissora apresenta um histórico sobre o programa Globo Repórter. É possível identificar desde a logo marca inicial do mesmo bem como a evolução e os chamados “fatos principais” que foram então cobertos pelo Globo Repórter.

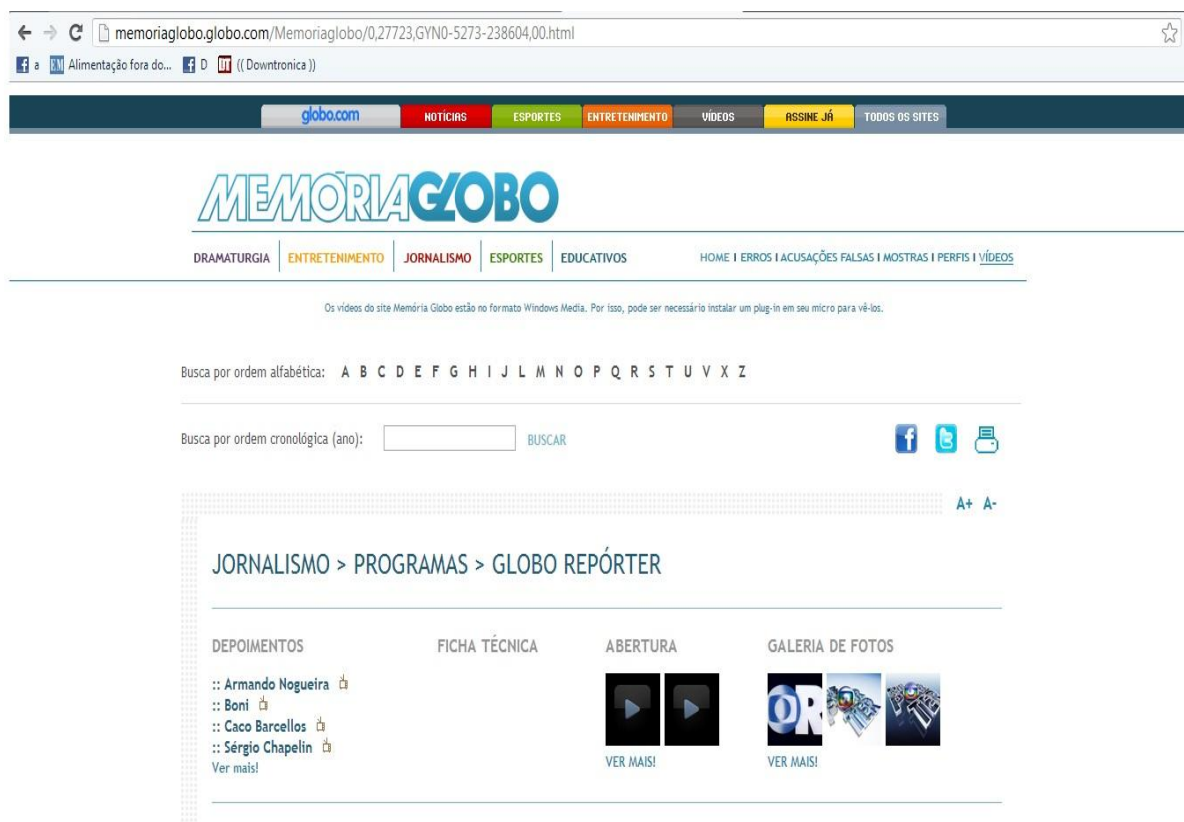


Figura 02: Link site Memória Globo com a história do programa contada pela emissora.

O nome do programa e sua construção plástica audiovisual garantem não só o sucesso do Globo Repórter, como também a sua identificação junto ao telespectador ao longo de quatro décadas. A trilha sonora é um desses marcos que foram mantidos. É um trecho da trilha sonora de um filme americano, um violento *cult film*: *The vanishing point*. Quando a música *Freedom of expression* foi lançada no Brasil, surgiram os anônimos *The J B. Pickers*. Segundo Creedance Kiddo 4, a versão original do instrumental prevaleceu durante os primeiros anos do programa.

Quarenta anos depois o programa ainda usa o mesmo tema. As imagens e efeitos visuais da vinheta de abertura mudaram, mas sempre mantendo o logotipo da emissora. Adaptada com o uso da tecnologia musical com sintetizador. Segundo Andrade (2004) “o curioso foi inaugurar um programa cuja vinheta fazia apologia à liberdade de expressão, no governo mais repressivo da ditadura militar de Ernesto Médici (1969-1974)”. Andrade (2004) ainda ressalta que, nesse período “O comportamento dominante nas TVs era, pois, prático,

realista e antiético, guiando-se mais pelos interesses empresariais”. A figura 02 mostra a logo marca atual do programa na assinatura final da vinheta de abertura.



Figura 03 - Logo Marca atual Globo Repórter (www.globo.com/globoreporter 22/08/2012)

A descrição no site da Rede Globo explica a criação do programa: “criado para suprir uma carência do público de se aprofundar no conhecimento de assuntos polêmicos ou de interesse geral”. Para Bucci (1997), a proposta era desafiadora para o momento devido à censura no governo do presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Mas é preciso considerar o comprometimento da televisão brasileira, mesmo enquanto concessão pública, como o governo. Para ele:

A tevê brasileira se pôs como o prolongamento do Estado autoritário, incumbindo-se do trabalho que ele, Estado, não poderia realizar sozinho. Uma boa representação dessa parceria (Estado e televisão privada) pode ser encontrada no tom oficial que adquiriu o telejornalismo. Para o Estado, não bastava ter, no rádio, *A voz do Brasil*. Era preciso ter na TV o *Jornal Nacional* (que foi ao ar pela primeira vez em 1o de setembro de 1969), e era preciso que ele fosse produto de uma emissora privada, uma representante da sociedade civil. (BUCCI, 1997, p. 19).

E esse foi o contexto político de uma televisão que “*forneceu ao brasileiro a sua auto-imagem a partir dos anos 70 (Ibidem, p. 15)*”. Para a equipe do início do programa, principalmente os cineastas, a meta era construir programas pautados na realidade sem chocar os interesses do governo.

O Globo Repórter surge num momento de “profissionalização” da programação da Rede Globo de Televisão em que saem os patrocinadores que dão nomes aos programas. Como é o caso do Globo-Shell. O patrocinador no final do ano de 1972 deixou de patrocinar os especiais. Segundo Muniz (2001) Paulo Gil Soares, então diretor de criação da Globo na época, se inspirou no sucesso da revista Realidade, publicada pela Editora Abril. O trabalho era de jornalismo investigativo e a idéia era trazer para televisão a mesma profundidade.

O repórter escalado para o “especial” foi Paulo Gil Soares, que entrevistou José Hamilton Ribeiro o único repórter brasileiro que participou da cobertura da Guerra no Vietnã e chegou a perder uma das pernas ao pisar em uma mina terrestre em março de 1968 (Ribeiro, 2006). Logo depois, José Hamilton Ribeiro faria parte da equipe de o Globo Repórter.

O programa foi ao ar no dia 28 de novembro de 1972 com o título de “Vietnã, o preço da paz”. O programa trazia imagens de agências de notícia internacional e a profundidade dos textos era o diferencial do novo projeto (MUNIZ, 2001). Assim, nascia o Globo Repórter: a abordagem de acontecimentos marcantes da história e o uso de entrevistas especiais com especialistas, analistas, cientistas dentro de trabalho rico de pesquisa e documentação.

Ainda segundo Muniz (2001) a emissora apostou no formato, porque do ponto de vista econômico com o foco voltado para o internacional, o material comprado de agências ajudaria nos custos finais. No Brasil, foi criado um núcleo com redatores, jornalistas e diretores e diversificar com produções locais e outras feitas no próprio núcleo. Era o início experimental do Globo Repórter com exibição mensal, sendo a primeira oficial em 03 de abril de 1973. O *Globo Repórter* era exibido uma vez por mês dentro do programa *Terça Global*, que apresentava um rodízio de quatro programas entre os quais estavam o *Globo Gente* (um programa de entrevistas ancorado por Jô Soares), musicais e especiais.

O primeiro *Globo Repórter* abordou quatro temas: as eleições no Chile, Argentina e França; a revolta dos índios Sioux (norte-americanos); Emerson Fittipaldi e a Fórmula 1; e as Escolas de Samba. Os programas analisam os temas jornalísticos do mês com um “tom” mais editorialista, fugindo do modelo da notícia nos telejornais. A referência para o Globo Repórter veio do programa 60 Minutes, um programa americano da CBS News criado em 1968. Muniz (2001) relata que:

Em 1973, foi programado um novo jornalístico e numa reunião [Boni] me pediu para ver um cassete do programa americano *60 Minutes* que poderia ser um formato que se queira. A partir da experiência do *Globo-Shell Especial*, insisti que poderia fazer um programa de jornalismo aprofundado com formato documentário. Boni topou a ideia e pediu que se fizesse um piloto. Fizemos, mas ele não se convenceu de que aquele formato deveria

ser usado de imediato e ordenou que, nas primeiras experiências, num programa de 43 minutos e quatro intervalos comerciais desenvolvêssemos quatro temas diversos. (MUNIZ, 2001, p. 117)

Mas o Globo Repórter seguiu adaptações de um projeto próprio. Ao contrário do modelo Norte Americano que apresentava um repórter o tempo todo como um mestre de cerimônias e com edição em ritmo acelerado. O jornalístico especial da emissora pautou-se pelo modelo documentário.

A ideia era que o *Globo Repórter* seguisse a mesma linha editorial do programa norte-americano, o que não aconteceu. A diferença é que o programa norte-americano usava o repórter como mestre de cerimônias em toda a matéria e a edição era num ritmo acelerado. O modelo adotado ficou estabelecido à época então com quatro blocos com duração de 10 a 12 minutos e sem a presença do repórter, como um documentário.

Muniz (2001) ainda traz um relato de como a emissora definiu as características jornalísticas do Globo Repórter. Segundo a autora, sobre o *Globo Repórter*, o Boletim de Programação da emissora destacou as novas características de sua linguagem:

Adotando uma linguagem clara e concisa e procurando estabelecer um contato mais direto do jornalismo com o grande público e com a responsabilidade maior de documentar e interpretar. Obedecendo a um rodízio semanal, assuntos de interesse geral passaram a ser mostrados semanalmente, focalizando desde os acontecimentos cotidianos às grandes experiências científicas do presente e do futuro. (BOLETIM, nº 63, 27/03/1974, p. 21 *apud* MUNIZ, 2001).

4.3 As fases do Globo Repórter

A legitimação do programa Globo Repórter como referência de jornalismo junto ao público telespectador também é acompanhada por mudanças em sua estrutura de linguagem e formatação. A idéia sempre é a aproximação com o público⁶. Isso significa muito, quando se tem o jornalístico como base para essa pesquisa. O público não só acompanha, mas, através dos índices de audiência, divulgados pela própria emissora, confirma a aceitação dos discursos e verdades apresentadas pelo programa.

Macedo (1988) especifica essas fases que são registradas também pela própria emissora e servem para entender um pouco mais dessa dinâmica de linguagem. Assim, se dá a divisão das fases:

FASES	CARACTERÍSTICAS
Primeira Fase (1973 a 1975)	Programa mensal até agosto de 1973, passando depois a semanal, enfocando atualidades, assuntos diversos, sem participação de repórter.
Segunda Fase (1975 a 1983)	Programa semanal até 1981, com os selos Atualidade, Aventura, Documento e Pesquisa. De 1977 a 1981, o programa passa a ser tema único, sem participação de repórter. A partir de 1981, ganha formato variado.
Terceira Fase (janeiro a março de 1983):	Programa especial sobre tema único, apresentado eventualmente, sem participação de repórter.
Quarta Fase (outubro de 1983 a 1986)	Programa mensal, apresentado em formato variado com participação de repórter.
Quinta Fase (1986 a 1990):	Programa semanal apresentado por repórter

Quadro- 06 Fases do Globo Repórter

As figuras de 04 a 10 são usadas pelo próprio site Memória Globo como um resgate histórico dessas fases que marcam o desenvolvimento do programa e algumas de suas coberturas jornalísticas ao longo das décadas de 70 a 2000.

⁶ Destacamos que o “público” aqui considerado é o público de modo geral e não o perfil dessa audiência.



Emerson Fittipaldi e escolas de samba.

1973 – Anunciado como parte da programação da "Terça Global", o primeiro Globo Repórter foi ao ar no dia 3 de abril de 1973, às 23h. O programa se destinava a analisar com mais profundidade os principais acontecimentos jornalísticos nacionais e internacionais do mês, que, por uma questão de tempo, não podiam ser detalhados nos telejornais. O programa de estreia tratava de temas bem diversos: eleições no Argentina, Uruguai e Chile, a revolta dos índios Oglala Sioux,

Figura 04 Primeira Fase (informações sobre o lançamento oficial do programa)

Fonte: Memoria Globo (site: www.memoriaglobo.com)



1982 – O primeiro Globo Repórter completamente gravado e editado em fita vai ao ar no dia 10 de junho de 1982. A reportagem de abertura foi feita em Serra Pelada por José Hamilton Ribeiro, primeiro repórter do programa a aparecer no vídeo. Ele acompanhou o duro trabalho de 20 mil homens vindos de todas as regiões do país em busca do sonho do enriquecimento rápido.

1983 – O Globo Repórter sofre uma grande transformação. O repórter Robert Feith, correspondente da Rede Globo em Londres, deixa a chefia do escritório internacional para assumir o cargo de editor-chefe do programa, que passa a contar com a participação de repórteres especiais que faziam também os telejornais da emissora.

Figura 05 Segunda Fase (destaque para o lançamento do primeiro programa totalmente gravado em fita)

Fonte: Memoria Globo (site: www.memoriaglobo.com)



1986 – O Globo Repórter inicia uma nova fase, com reportagens mais longas. O primeiro programa neste formato foi ao ar no dia 20 de março. Com direção de Jotair Assad e reportagem de Pedro Bial, mostrou os mistérios, as lendas e o povo da região do Rio São Francisco.

1991 – No dia 12 de abril de 1991, o programa exibe uma reportagem sobre a violência no estado do Pará. Com direção de Jotair Assad, a reportagem ganhou o Prêmio Rei de Espanha em 1992.

Figura 06 Quarta Fase (programa anuncia o início de uma nova fase com reportagens maiores)Fonte: Memoria Globo (site: www.memoriaglobo.com)



1993 – O programa começa a adotar um único tema por edição. "A princípio, acreditávamos que, ao abordarmos três assuntos em um programa, estaríamos atingindo a três grupos distintos. Mas, na prática, a história é outra. Um grupo assiste à reportagem que interessa, muda de canal quando começa a outra e assim sucessivamente. Optamos, então, por explorar bem um tema apenas. E vem dando certo", explicou o então editor-chefe, Jorge Pontual, ao jornal "O Globo",

em junho de 1993. Um dos programas neste formato relatou a morte da atriz Daniela Perez e denunciou a violência contra a mulher no Brasil.

1995 – Jorge Pontual deixa o Globo Repórter para assumir a chefia do escritório de Jornalismo da Rede Globo em Nova York. Silvia Sayao, que fazia parte da equipe desde 1985, assume a coordenação editorial do programa.

Figura 07- Quinta Fase (Programa adota tema único nas edições sugerindo aprofundamento das reportagens)Fonte: Memoria Globo (site: www.memoriaglobo.com)

4.4- Fases atuais do Globo Repórter a partir dos anos 2000

A estrutura do Globo Repórter na atualidade pode ser caracterizada como uma variedade de pautas de assimilação mais fácil e com linguagem menos documental. Essa é ainda a continuidade da Quinta Fase da estrutura do programa que transita entre o gênero documentário e o de reportagem para televisão. Em que a característica mais fundamental foi a participação do repórter nas matérias. Um elemento significativo também para as categorias analíticas a que pretendemos nesse trabalho, tomando a participação do repórter como parte do elo construtor dos discursos sobre a temática aqui apresentada.

Assim, conforme já definido, tal estrutura está mais para a grande reportagem, do que para as origens do programa que se apresentava como produto documentário. Os grandes acontecimentos mundiais, a natureza e a relação com a saúde das pessoas vão pautar o programa numa nova fase. *“O próprio Globo Repórter, nas suas fases mais recentes, tenha optado por outra linguagem, que não é o documentário de televisão”*. (Macedo, 1988. p.102).

A idéia é trabalhar um assunto de destaque em um pouco mais de profundidade em relação aos telejornais diários. É assim, por exemplo, que assuntos e acontecimentos diversos sobre migração vão ganhar espaço em edições do Globo Repórter. Conforme será trabalhado em outras partes dessa descrição..



2011 - O Globo Repórter ganha casa nova. O cenário reformulado traz um ambiente mais arrojado e interativo. O apresentador Sérgio Chapelin pode andar e dar as informações de forma descontraída. Telões instalados mostram as imagens que trazemos do mundo diretamente para a tela da sua casa.

Figura 08- (Fase atual anos 2000 Cenário Virtual e participação de jornalista em estúdio)

Torna-se importante levar em consideração que o Globo Repórter, pode ser considerado a forma, como não apenas se populariza a idéia da migração e seus personagens, mas também como através do discurso jornalístico em profundidade, essa temática é reforçada no imaginário do telespectador brasileiro. Ao buscar um determinado tema dos acontecimentos sociais já existentes, no caso a migração, o programa então potencializa em

termos de exposição esses fatos. Uma vez que o programa alcançou em 2010 - 54,3% de audiência entre os domicílios com aparelhos de televisão ligados na região metropolitana de São Paulo (www.globo.com/globoreporter/15/08/2012) É essa audiência que vai receber as informações trabalhadas pelo programa e seu contexto. Nesse sentido, o GR apresenta-se, por sua história, formatação e relação com o público, um espaço significativo, para uma compreensão de como o brasileiro recebe informações sobre a temática migrações, ao tomar por referência, o principal produto telejornalístico da Rede Globo de Televisão, a partir do conceito definido por ela, como “lugar de aprofundamento dos temas nacionais”. (www.globo.com/globoreporter/15/08/2012)

4.5 A Construção da linguagem no Globo Repórter

Torna-se necessário compreender como se dá a construção da linguagem no Globo Repórter quando se buscará fazer uma análise, justamente do discurso desenvolvido pelo programa quanto as questões da temática desse trabalho: as migrações. Assim, como para toda a produção jornalística a Rede Globo desenvolve um padrão técnico e normas que compõem seu “padrão de qualidade” e no Globo Repórter não é diferente. A análise feita aqui, parte do treinamento chamado UNI-GLOBO em que a emissora através de seus jornalistas “repassa” o “como fazer” e as normas que compõem a “identidade” de cada programa jornalístico, como no caso do Globo Repórter.

O programa é um dos telejornais mais antigos do país sendo exibido há quarenta anos. Público fiel e números de audiência de massa. Segundo o setor de treinamento da emissora que o programa é assistido semanalmente por um público de cerca de 30 milhões de pessoas. E ainda segundo o Manual Globo de Jornalismo, edição Globo Repórter (2008), parte desse sucesso está ancorada na linguagem desenvolvida especificamente para o programa.

O sucesso da linguagem do Globo Repórter estaria nos textos simples e objetivos do programa, o que facilitaria a assimilação dos acontecimentos pelos telespectadores. São textos profundamente pesquisados, pensados para serem entendidos, de maneira que o brasileiro possa assimilar com tranquilidade e segurança. (MANUAL GLOBO DE JORNALISMO, 2008, p. 64).

A definição pela construção de um texto mais fácil de ser entendido está diretamente ligada ao uso de uma linguagem que já se coloca como um filtro para o telespectador. Assim, temas complexos da sociedade, como assuntos internacionais, ciências são facilitados através

da tradução da linguagem construída ao longo de uma edição, por mais que os mesmos sejam de difícil compreensão e necessitem de contextualizações maiores.

Em relação a produção textual, Lage (1997) define que a construção dos textos no telejornais é reforçada por critérios jornalísticos específicos. Para ele, essa elaboração para se chegar a uma produção textual de qualidade, passa, pelo bom sendo dos jornalistas. O que também para esse trabalho torna-se importante ressaltar, uma vez que a produção textual por parte do jornalista fará parte de uma das categorias de análise de conteúdo em relação ao Globo Repórter. Lage define que a linguagem jornalística deve ser coloquial, sem, contudo, perder o padrão da língua.

Do ponto de vista da eficiência da comunicação, o registro coloquial seria sempre preferível. É mais acessível para as pessoas de pouca escolaridade e, mesmo para as que estudaram ou lidam constantemente com a linguagem formal, permite mais rápida fruição e maior expressividade. [...] A conciliação entre esses dois interesses - de uma comunicação eficiente e de aceitação social. Resulta na restrição fundamental a que está sujeita a linguagem jornalística: ela é basicamente construída de palavras, expressões e regras combinatórias que são *possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal*. (LAGE, 1997, p. 37-38, grifo do autor).

As orientações do Manual para o Globo Repórter orientam que “os textos do programa ganham um caráter especial porque seriam mais bem elaborados do que os textos dos demais telejornais”. Aqui ressalta-se que a construção textual no GR não é apenas de um único jornalista como nas reportagens do telejornais factuais, mas uma equipe de jornalistas, produtores, editores, trabalha a elaboração dos textos juntamente com o repórter escalado para o programa.

O jornalista elabora um primeiro texto, mas, esse está sujeito a várias modificações, não só pelo editor, como acontece nos telejornais, mas a direção do programa também trabalha a dá opinião no processo de construção textual.

As orientações técnicas da editoria do Globo Repórter reforçam a importância do cuidado e o investimento com a linguagem do programa uma vez que o mesmo “atinge público diversificado, constituído por pessoas de diferentes camadas sociais”. Assim, a linguagem adotada pelo Globo Repórter, quando tem o apelo de “prender” o telespectador diante de um grande assunto, por mais de 30 minutos, e não por uma variedade de fatos, como no telejornal, tem marcas específicas e os discursos estariam assim, sendo reforçados. São essas opções de linguagem que ajudam o programa a atingir os diversos perfis de telespectadores.

As orientações com a elaboração da linguagem chamam a atenção também para a necessidade de planejamento das opções estilísticas dos textos e isso deve ser feito em conjunto com os jornalistas envolvidos em cada edição:

Deve-se considerar ainda que o Globo Repórter é um programa que aborda os mais diversos temas, às vezes de difícil entendimento, mas que se tornam acessíveis ao telespectador através de uma linguagem que pretende ser didática. (MANUAL GLOBO DE JORNALISMO, 2008, p. 78).

Nos próximos tópicos desse capítulo trabalhamos na perspectiva da análise dessa linguagem e sua relação com o discurso ao retratar a morte do Mineiro Jean Charles de Menezes no ano de 2005. As considerações feitas sobre o histórico, relação política e a linguagem do programa são fundamentais para entender como toda essa estrutura configura e “desconfigura” a temática migração em questão nesse trabalho.

CAPÍTULO V - A DESCONTEXTUALIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO NO GLOBO REPÓRTER

5.1- Análise discursiva das Sinopses do Globo Repórter

Trazemos para a análise discursiva as sinopses dos programas entre 1988 e 2006⁷ que apresentaram aspectos da migração enquanto um produto. O período então foi definido tendo como referência o arquivo organizado sobre o tema migração nas produções do programa Globo Repórter. O tema central das edições é Migrantes Brasileiros. O próprio título configura que a edição fará uma “apresentação” de quem são e como vivem os migrantes brasileiros no exterior. Tem-se aqui, portanto a “representação” do que é ser migrante anunciada na produção do Globo Repórter. A análise específica dessas edições traz em si a visão geral de como o programa constrói a idéia de migrante brasileiro para o seu público telespectador.

Ao contextualizar a migração textualmente enquanto estratégia de produto, o texto jornalístico em questão mostra em si à intencionalidade do oferecimento do conteúdo como produto. É a própria sedução, mas fora da contextualização da realidade do fenômeno migratório. São destaques para o sucesso e ganhos materiais recorrentes. É possível evidenciar essa estratégia discursiva nas seguintes chamadas das sinopses: *A migração de brasileiros para Portugal. Em busca de melhores condições de vida, a atual prosperidade da economia portuguesa conheça a história de brasileiros bem-sucedidos em Portugal. Porque eles trocaram o Brasil por Portugal?* (24/04/1988). Na chamada de 14/11/1993, mesmo falando dos custos da migração não documentada, o programa chama para o destaque dos ganhos com o trabalho nos Estados Unidos personificando numa manicure que é “bem aceita” pelos americanos:

Como vivem os brasileiros nos EUA o trabalho, a ambientação da América com a cara do Brasil. O trabalho de uma manicure que virou dona de um salão de beleza em Nova Iorque por que as americanas preferem o trabalho das brasileiras. As mansões construídas em Governador Valadares. o caminho da ilegalidade: valadarenses pagam até 10 mil dólares na montagem de documentos e as imagens de brasileiros atravessando ilegalmente a fronteira com o México a noite.

⁷ Esse recorte temporal se deu a partir da consulta ao departamento de arquivo da emissora sobre a disponibilidade de acesso ao conteúdo. Só a partir de 1988 os programas foram catalogados por temas.

Fairclough (2008) trabalha ainda a idéia do discurso mercantilizado e marketilizado, aqui aplicado a produção do Globo Repórter para as questões das migrações ao dar a narrativa um encaminhamento e reforço de consumo, como se a realidade apresentada fosse um produto a ser consumido. É o conceito de *comidificação*. Para o autor, a comodificação se dá na organização de domínios sociais, nas estruturas de produção, distribuição e consumo. “Discursos associados como a produção de bens de consumo colonizam outros discursos institucionais.” (Fairclough, 2008, p. 192).

A apresentação destacada incentiva as práticas sociais do migrante como trabalhar, juntar dinheiro, poder comprar. Sendo assim construídas na narrativa do discurso jornalístico como um produto sendo oferecido ao público consumidor. A força de tal organização textual: narração, imagens, depoimentos trazem valor ao produto oferecido. Mesmo diante da dificuldade de migrar ou mesmo a separação dos membros das famílias, o reforço ao projeto de migrar é evidenciado: “*mas quem foi deportado ainda pretende voltar para continuar o projeto da migração*” 14/11/2003 e ainda: “*as filas intermináveis na Polícia Federal para tirar passaporte*” 29/07/2005. Ou seja, a idéia de que migrar é estar também dentro da ordem do consumo e fazer parte dos processos da Globalização. Assim, tornar-se um migrante é também ter acesso ao consumo.

Essa é a função da comodificação, quando o texto base, no caso da simples narração, agora como sentido construído se torna outro texto que para Fairclough (2008) é da ordem do texto publicitário. O que para o recorte desse trabalho pode ser configurado na produção jornalística completamente descontextualizada das questões sociais que envolvem as migrações. O texto cosmodificado então vende o produto migração.

Esse tipo de texto jornalístico apresenta características publicitárias através da exposição e relato do fato têm-se sentidos de promoção mercantil. Nesse sentido, esse gênero discursivo pode levar o telespectador ao interesse e o desejo de migrar como possibilidade de se ter algo. De forma que o relato ganha em si uma força de persuasão tal que se apresenta como produto referendado pelo testemunhal.

Existe ainda o reforço das imagens, quem está de fora de um determinado padrão de consumo pode ser despertado pelo desejo, dentro dos critérios de uma economia globalizada, ao incentivo do consumo e para tal a saída pode está na migração. Os relatos dos migrantes em ascensão potencializam esse desejo. É o que Fairclough (2008) analisa como:

Setores da economia fora da produção de bens de consumo estão, de modo crescente, sendo arrastados para o modelo dos bens de consumo e para a

matriz do consumismo, e estão sob pressão para ‘empacotar’ suas atividades como bens de consumo e ‘vendê-las’ aos ‘consumidores’. (FAIRCLOUGH, 2008, p. 151).

O autor considera também que:

Textos do tipo informação e publicidade ou falar e vender são comuns em várias ordens de discurso institucionais na sociedade contemporânea. Eles testemunham um movimento colonizador da publicidade do domínio do mercado de bens de consumo, num sentido estrito, para uma variedade de outros domínios. (FAIRCLOUGH 2008, p. 151).

Apresentado sem uma análise significativa das relações migrações, globalização, condições sociais e consumo, o discurso jornalístico em determinados momentos em o Globo Repórter constrói esse sentido, mesmo que o compromisso primeiro seja apenas com a factualidade, o que em si também reforça a ideia do consumo imediato da informação sem a perspectiva de uma análise contextualizada sobre os fatos apresentados. É preciso levar em consideração que o programa Globo Repórter é apresentado pela Rede Globo “espaço de aprofundamento das notícias”.

5.2- A morte de Jean Charles no Globo Repórter

A morte de Jean Charles configura-se como um marco na problemática que envolve o processo migratório internacional na atualidade e levanta possibilidades de diversas análises das questões territoriais das migrações. Ainda segundo Assis & Martins (2009):

A morte de Jean Charles vai receber ampla cobertura pela imprensa, pois num momento no qual a travessia era, num certo sentido, *glamourizada* pelas imagens cinematográficas da telenovela “América” exibida pela rede Globo de televisão, no ano de 2005, e suscita novos sonhos de fazer a “América”, essa morte trágica trouxe de volta “a vida real”, a condição de migrante indocumentado, a intolerância e o racismo que tornam-se mais visibilizados e recolocam os limites da condição clandestina. (ASSIS & MARTINS, 2009, p. 4).

Jean Charles de Menezes foi assassinado numa estação de metrô em Londres, na Inglaterra, depois da polícia britânica o ter confundido como um “suposto” terrorista em 22 de julho de 2005. O município de Gonzaga, onde Jean nasceu está localizado a 90 quilômetros de Governador Valadares no Vale do Rio Doce em Minas Gerais, região que apresenta significativo fluxo migratório para o exterior, marcado historicamente no contexto regional:

A migração internacional de brasileiros da Região de Governador Valadares para os EUA é um fenômeno que teve início na década de 1960. No período de 1964 a 1968 emigraram, com visto de trabalho, 17 jovens na faixa etária dos 18 aos 27 anos. Pertenciam a famílias da elite valadarense, sabiam inglês e partiram motivados pelo desejo de conhecer um país que consideravam desenvolvido e cheio de grandes oportunidades. Esses primeiros emigrantes formaram os pontos iniciais da rede social e possibilitaram, anos depois, a configuração de um fluxo migratório de valadarenses para os EUA. (SIQUEIRA, 2009)

O censo do IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010 demonstra que os 5.921 habitantes, ou 33,45 recebem até um salário mínimo por mês. Apenas 6,5% ganham até dois salários mínimos e 2.534 habitantes declararam que não tem nenhum rendimento. O que faz a média de ganho de quem mora em Gonzaga ser de 238, 76 por mês. A emigração influencia na dinâmica social da cidade. A figura 09 mostra a placa de identificação sobre o caso da morte de Jean Charles ainda na entrada da cidade.



FIGURA 9- Foto publicada site G1.com entrada da cidade de Gonzaga/MG



Figura 10- Foto publicada pelo site G1.com interior do metro e foto recorte Jean

Nessa etapa passamos então a construir a análise discursiva mais ampliada sobre o programa. Tomamos como base duas edições específicas que trataram dos “reflexos” da morte do Mineiro Jean Charles de Menezes em Londres, os programas por serem mais recentes no processo de digitalização do arquivo da Rede Globo tem todos os textos visualizados na página do programa conforme anexo 03.

5.3- Análise discursiva das entrevistas: quem fala o que de qual lugar?

Para análise discursiva definimos a categoria entrevista como um objeto significativo para responder aos questionamentos do discurso: quem fala o que no lugar de quem? Assim, a modalidade “Entrevista” passa ser uma categoria de análise dessa proposta. Quando se fala nas entrevistas, tanto dos personagens quanto dos especialistas, aqui tido como fontes de análise dos fatos, como pesquisadores e outras autoridade, Fairclough (2008, p. 264) diz que as mesmas “são técnicas transcontextuais que são consideradas como recursos ou conjunto de instrumentos que podem ser usados para uma variedade ampla de estratégias em muitos e diversos textos”. Assim, selecionamos o programa de março de 2006 que traz no seu “contexto” um relato da vida dos migrantes em Londres depois da morte de Jean Charles. Os depoimentos dos personagens foram divididos em três categorias de discurso: Trabalho, Consumo e Família a perspectiva é a identificação desses personagens com as três realidades. (Quadro 07)

Identificação dos personagens

Categoria	Aspectos do conteúdo relacionados
Personagem	Trabalho- Consumo- Família

Quadro 07 - Descrição das entrevistas de personagens e especialistas

Para uma melhor análise dividimos o programa em duas partes: Na primeira, a narrativa jornalística visa “contextualizar” a luz do entendimento do programa sobre o que é migração, como estavam vivendo os brasileiros em Londres naquele momento. A segunda parte trata especificamente dos reflexos da morte de Jean Charles de Menezes, tanto para os

migrantes brasileiros em Londres, na visão do programa, quanto para os parentes e moradores da cidade de Gonzaga na Região Leste de Minas gerais.

Para isso, torna-se importante verificar a construção do texto jornalístico do repórter, e como o mesmo direciona a idéia do que seria “estar vivendo aquele momento”. É o *off* texto do repórter que gera os depoimentos e não o contrário. A história não é construída a partir das falas dos personagens mas a partir do texto se escolhe falas que se encaixam no discurso produzido. Assim, o jornalista tem uma força de direcionamento da realidade. É a idéia da verdade construída em que através de relatos verdadeiros se constrói na narrativa textual a partir do que se pretende falar e uma visão direcionada sobre a realidade. De forma que a verdade na fala não apresenta o contexto do texto, mas valida o texto porque na “fé pública” do jornalismo a fala do repórter será sempre verdade.

De forma que a contextualização do texto para a história do migrante Vagner, que segura cartaz de propaganda no centro de Londres, apresenta o julgamento do repórter sobre o tipo do trabalho de executado pelo migrante: “*É o emprego mais fácil: ficar plantado que nem um poste, segurando um cartaz com propaganda por algumas horas. Dá um dinheirinho*”. (Fala do repórter sobre o trabalho de Vagner)

Não é, portanto, o personagem quem fala que o emprego é o mais fácil e porque é o mais fácil. Nessa mesma construção da proposta do programa, quando inicia uma representação do que seria a vida do trabalho do migrante, tem-se também no texto a comparação com Andréia: “*Ele está aguentando. Já Andréia...*” (Fala do repórter sobre o trabalho de Andréia).

A estratégia discursiva aqui é ter em Andréia uma relação com a questão familiar na vida do brasileiro migrante: “*Estou morrendo de saudades*”. (Fala da migrante Andréia sobre a família)

As condições de moradia também são apresentadas na fala recortada de Andréia: “*Moro num apartamento com 22 pessoas das quais 17 são brasileiras*”.

Assim, as representações que o programa vai construindo dentro do território simbólico do Globo Repórter geram as identificações e as territorializações dentro desse espaço, nas experiências vividas pelos personagens. O texto reforça a característica do elemento trabalho na realidade da migração. Mas também num discurso da lógica do capital é a ideia da concorrência e ao mesmo tempo de uma suposta “valorização” do trabalho do migrante que trabalha “direito”, conforme evidencia trecho da narrativa jornalística: “*Mariana, baiana, também está atrás de uma grana e de dicas. É mais uma brasileira que*

tenta, na Inglaterra, uma mudança de vida”. (Fala do repórter sobre o trabalho da migrante Mariana).

O texto acima tenta mostrar em números que Mariana faz parte de muitas outras histórias, naturalizando assim, o estado de migrante: “*É fácil se ver por Londres os efeitos dessa imigração. Estimativas falam entre 150 mil e 200 mil brasileiros só na capital britânica. Ninguém sabe ao certo. Mas está na cara que o número é grande*”. (Fala do repórter sobre a emigração para a Inglaterra).

Para o programa a mão-de-obra do migrante brasileiro é valorizada e não faltariam oportunidades: “*Novos negócios pipocam por todo lado. Denise aproveitou e meteu a mão na massa. Depilação brasileira é famosa*”. (Fala do repórter sobre o trabalho dos brasileiros em Londres).

A fala da Depiladora Denise, entra então para valorizar o discurso do fluxo migratório e as vantagens, segundo a proposta do programa, legitimando o discurso do repórter: “*Todo mundo que vem e experimenta uma vez volta*”. (Fala migrante Denise sobre o trabalho em Londres)

Nessa primeira parte do programa quando a ideia é apresentar a vida do migrante sob os aspectos, trabalho, consumo e família, o programa tem nos fatos relatados e até nos números “oportunidades” de contextualização social das realidades que compõe o fenômeno migratório e seus atores, mas se mantém na apresentação do fato pelo fato, ou seja: na factualidade.

Percebe-se que a construção discursiva do programa em diversos momentos tem a potencialidade de despertar o desejo de emigrar. É o que Fairclough (2008) vai trabalhar como o conceito de sedução.

A colonização do mundo pelos sistemas da economia e do Estado provoca um deslocamento de usos comunicativos na linguagem por usos estratégicos da linguagem, orientados para o sucesso, para conseguir que as pessoas realizem coisas. (FAIRCLOUGH, 2008, p. 24).

Ao contextualizar a migração textualmente enquanto estratégia de produto o texto jornalístico em questão mostra em si a intencionalidade do oferecimento do conteúdo como produto. É a própria sedução, mas fora da contextualização da realidade do fenômeno migratório. São destaques para o sucesso e ganhos materiais recorrentes.

Fairclough (2008) trabalha ainda a idéia do discurso mercantilizado e marketilizado, aqui aplicado a produção do Globo Repórter para as questões das migrações ao dar a narrativa

um encaminhamento e reforço de consumo, como se a realidade apresentada fosse um produto a ser consumido. É o conceito de *comidificação*.

Para o autor, a comodificação se dá na “organização de domínios sociais”, nas estruturas de produção, distribuição e consumo. “Discursos associados como a produção de bens de consumo colonizam outros discursos institucionais.” (FAIRCLOUGH, 2008, p.142).

5.4- Contextualizações da morte de Jean Charles no Globo Repórter

Outra parte da edição do programa de março de 2006 é uma tentativa de mostrar as repercussões da morte de Jean Charles, tanto em relação ao trabalho do migrante em Londres, como também para os parentes e amigos que ficaram no Brasil a espera do dinheiro enviado pelos migrantes.

No primeiro momento, então, o programa não contextualiza o fenômeno migratório, mas apresenta a vida do migrante como um discurso intencionado de “oferecimento” do produto migração. Nessa outra parte do programa, a ser analisada, a morte de Jean Charles, entra como um “corte” dentro do discurso anterior, mas novamente um tema é trazido sem contextualização. É a valorização ainda do impacto da factualidade na produção da notícia jornalística e depois retorna ao discurso midiático da migração enquanto produto.

Nessa etapa trabalhamos as descrições da morte de Jean Charles nas perspectivas dos depoimentos e também no texto jornalístico. Foram criadas novas categorias de análise sendo: defesa institucional, naturalização da migração e morte Jean. O objetivo foi de identificar qual o reforço discursivo presentes nesses elementos a partir do relato da morte de Jean Charles a partir do texto do repórter e depois a partir das falas dos depoimentos dos personagens.

Texto do Repórter visto nas perspectivas:
Defesa Institucional
Naturalização da Migração
Morte Jean

Quadro -08 Contextualização da morte de Jean Charles pelo GR

Uma das identificações das relações de poder no texto da reportagem mostra justamente a idéia de Silva (2008) de que os discursos da mídia através do “jogo de linguagem” serão construídos sempre no sentido de valorizar e defender o poder: “A

linguagem passa, a partir de então, a ser cada vez mais enfocada como prática social e o discurso como um objeto historicamente produzido e interpretado em termos de sua relação com estruturas de poder e ideologia”. (SILVA, 2008, p. 265).

Nesse sentido a posição da reportagem surpreende com antecedência uma defesa da polícia britânica: *“Mas tudo isso foi um caso isolado, não houve alteração no comportamento das autoridades britânicas em relação aos brasileiros”*. (Fala do repórter sobre a defesa institucional).

Mais uma vez, o texto jornalístico “naturaliza” a ação da polícia e reduz a morte de Jean Charles de Menezes a um fato isolado e não a uma perseguição aos migrantes: *“A Repressão maior que se vive hoje é um fenômeno europeu contra os imigrantes ilegais”* (Fala do repórter sobre a naturalização da migração).

A fala do repórter é legitimada no depoimento de Daniel, o advogado brasileiro que atende migrantes com problemas de documentação. *“Segunda feira e um dia em que três, quatro ou cinco pessoas ligam para dizer que estão presas e precisam de uma assessoria legal”*.(Fala de Daniel sobre a naturalização da migração)

A fala confirmaria então o sentido dado pelo texto do repórter na defesa da “normalidade” do fato da morte, diante de problemas vivenciados por migrantes. O especialista traz em si uma autoridade de fala tal qual o discurso do próprio repórter, por isso, estrategicamente o advogado dá outra entrevista com o sentido de “análise” como sugere o texto: *“Daniel tem um escritório que atende a muitos brasileiros. Há 18 anos vivendo na Inglaterra, ele tem uma opinião original em relação ao impacto político da morte de Jean Charles”*. (Fala do repórter sobre a morte de Jean Charles)

É na fala do advogado que a intencionalidade de naturalização do fato ganha ainda mais reforço: *“Foi um brasileiro que teve muita sorte dentro da Inglaterra. Se fosse um árabe, a situação teria ficado bem mais difícil para eles”*. (Fala de Daniel sobre a morte de Jean Charles).

A análise não só “justifica” a ação da polícia, se comparado com a posição política dos britânicos para com os árabes, mas também introduz outra etapa do programa que é a repercussão política do caso na Inglaterra e também a idéia da imagem que o migrante brasileiro teria no país.

A construção dessa análise segue, portanto as diretrizes defendidas por Silva (2008):

A Análise Crítica do Discurso implica em colocar os estudos lingüístico-discursivos em favor dos que vivem em situação de desigualdade social. (...) O enfoque analítico voltado para a representação, categoria que nos permite descrever e interpretar finalidades e legitimações das práticas sociais. (SILVA, 2008, p.266).

Assim, a especificação das categorias analisadas acima ajuda a entender como o programa se estrutura em sua linguagem e discurso para passar sua visão direcionada sobre a temática. No próximo tópico trabalharemos justamente esses posicionamentos que chamaremos de julgamento por parte de o G.R. sobre a morte de Jean Charles de Menezes.

5.5- Pré Julgamento do Programa sobre a morte de Jean Charles de Menezes

O programa chega à última parte quando faz uma espécie de “moral da história”, identificando comportamentos “bons e ruins” que poderiam ou não comprometer a relação dos migrantes enquanto “trabalhadores” na Inglaterra. Definimos então as categorias Comportamento Bom e Comportamento Ruim a fim de identificar como o programa defende e faz um pré-julgamento através da articulação de seus discursos sobre o que é ser ou não um bom migrante. Tais aspectos são trabalhados primeiramente na perspectiva do texto do repórter sobre os “migrantes trabalhadores” independentemente se os mesmos são documentados ou não.

Fairclough (2003) considera que as escolhas textuais que a mídia traz ao abordar questões sociais e os efeitos ideológicos dessas escolhas vão endossar a realidade apresentada: *“consequências e efeitos sociais, políticos, cognitivos, morais e materiais”*.

Assim, a afirmativa do repórter traz esse sentido *“De fato, a imagem alegre, inocente, o estereotipo futebol-carnaval ajudaram a fazer com que as autoridades e o público britânicos parassem para pensar sobre os efeitos de uma política de confronto tão arriscada”* (Fala do repórter sobre os pré-julgamentos de “bom” e “ruim”).

Para Silva (2008) essa posição tem também a partir da Análise Crítica do Discurso “efeitos ideológicos que (sentidos de) textos possam ter sobre relações sociais, ações e interações, conhecimentos, crenças e atitudes, valores e identidades”.

Ainda quando o texto do repórter destaca comportamentos “bons e ruins” dos migrantes, acentua práticas sociais, mas definidas pela ação do discurso do repórter sobre o contexto e suas escolhas. No entanto, são posicionamentos que não vêm acrescidos de análises que legitimem tais afirmações. *“Os cartazes “somos todos londrinos” hoje inundam as ruas”* e a continuação do período *“Para o brasileiro, a integração às vezes, é complicada. É a falta de documentos, driblada pelo jeitinho, que vira esperteza e reputação dos brasileiros vem a baixo”*. (Fala do repórter sobre os pré-julgamentos de “bom” e “ruim”).

Observa-se que o texto jornalístico em sua estruturação através do relato do fato representa o mundo através de um discurso próprio. Silva (2008) configura o texto jornalístico e o publicitário também como “ordem do discurso jornalístico”, em que esses textos representam aspectos do mundo por meio de discursos “- modos particulares de representar”; e, por fim, identificam a si mesmas, aos outros, e a aspectos do mundo, por meio de estilos - “tipos de linguagem usados por uma categoria particular de pessoas relacionadas a sua identidade”.

Nesse sentido, a preocupação da Análise Crítica do Discurso vai ao encontro também com a identificação das relações de poder construídas no território do Globo Repórter a partir das ações de seus “atores” entre eles o discurso da narrativa jornalística sobre a temática.

Nessa perspectiva, e por ser uma ciência crítica, a ACD ocupa-se dos efeitos ideológicos do discurso, aqueles que, em circunstâncias particulares, podem contribuir para instaurar e sustentar relações de dominação, daí o fato de sua proposta de abordagem teórico-metodológica basear-se na crítica explanatória. (SILVA, 2008)

A construção do sentido certo e errado no comportamento do migrante ganha uma elaboração no texto jornalístico quando a narrativa traz: *“Subir na vida, para alguém que começou vendendo amendoim, foi um caminho de 21 anos. Luís hoje é uma referência para os brasileiros que chegam a Londres. Ele lamenta o mau comportamento de alguns que mancha a todos”*. (Fala do repórter sobre os pré-julgamentos de “bom” e “ruim”).

Novamente é usado pelo repórter a estratégia de legitimar o discurso da narrativa pelo depoimento. A organização textual constrói a ideia de comportamento tido como adequado de migrantes em Londres vem do personagem documentado e já erradicado em Londres: *“Os brasileiros aproveitaram muito a concepção do inglês de ser honesto e dar oportunidade para as pessoas e abusaram. Muitos pegaram empréstimo em bancos e foram embora sem pagar. Hoje em dia brasileiro não consegue abrir uma conta bancária. O brasileiro queimou seu próprio filme”*. (Fala do repórter sobre o “mau” migrante e trabalho).

O programa diminui o impacto da morte de Jean Charles também em outros momentos ao tratar da questão da segurança dos migrantes no dia a dia do trabalho em Londres, valorizando as condições possibilitadas para os migrantes naquele país em detrimento do fato da morte do mineiro de Gonzaga. Os trechos a seguir fortalecem o discurso geral do programa, uma vez que as falas são selecionadas para darem sentido ao objetivo geral da edição.

Assim, a seqüência dada para o final da reportagem, num chamado “Happy End” jornalístico, tem-se dois sentidos: o reforço do discurso da idéia do “bom migrante brasileiro”

e a aceitação da condição da situação de migrante, mesmo diante de fatos como da morte de Jean Charles. *“A maioria trabalha rala. Ilda tem um café. Lavou muito prato, se privou de muita coisa. Vida de imigrante não é fácil. Em Londres então...”*. (Fala do repórter sobre “bom” migrante e trabalho)

O depoimento do personagem diz especificamente de que o migrante vive com dificuldades e não tem privilégios. *“Aqui tudo é muito caro e nem todo mundo é filhinho de papai”*. (Fala da migrante Ilda sobre o “bom” migrante e trabalho)

A narrativa do repórter aproveita do termo “filhinho de papai” para fazer um trocadilho e acentuar através do discurso a visão institucional de uma Londres segura e, portanto, boa para o migrante. *“Tem filhinha de mamãe também. Ela (falando da Ilda) as levou quando as condições permitiram e a saudade apertou. Para elas, terrorismo, a morte de Jean Charles, tudo está distante. Muito mais próximo está a segurança, algo que o Brasil já não oferta”*. (Fala do repórter sobre “bom” migrante e trabalho)

Verifica-se que a questão de segurança em relação a criminalidade é reforçada no depoimento de personagem. Mas também como um reforço da ideia já pré-organizada do texto anterior do repórter. *“Me sinto mais segura do que se estivesse no Brasil. Aqui eu posso pegar um táxi e sair. Não tenho medo de sair à noite sozinha”*. (Fala da migrante Ilda sobre o “bom” migrante e trabalho)

O “Happy End” para a reportagem se dá na construção de uma narrativa que mistura um “tom” de emoção com a saudade, mas sempre com o reforço das condições do migrante em Londres: realização com o trabalho e segurança.

Novamente, nesse final, são característicos do discurso de “oferecimento” da ideia de migrar como um produto. São textos da reportagem: *“O dia a dia do brasileiro é uma batalha para a maioria. Dá satisfação para os que conseguiram um bom emprego, segurança nas ruas, o sorriso de sempre. Mas tem também a solidão. E quando a saudade aperta, o jeito é correr para comprar um feijão com arroz que alimenta a alma, traz um pouco de calma, dá até para sonhar que um dia é possível se combinar o salário da Europa com a alegria do Brasil”*. (Fala do repórter sobre “bom” migrante trabalho).

Os processos migratórios na atualidade modificam o estilo de vida, os costumes e tradições e geram representações diferentes. Sayad (2000, p. 05) constrói o conceito da “dor da saudade” ao abordar a perspectiva da condição de migrante. “era como se sentisse longe e perto à distância para pensar, desses dois mundos próximos e antagônicos, que lhe aguçava a razão e destravava a consciência da dor de está submetido a todas as urgências.”

No próximo tópico trabalhamos as identificações territoriais sobre a temática migração quando o programa articula através de seu discurso identidades e representações sobre migrações para a comunidade de Gonzaga, cidade natal de Jean Charles de Menezes.

5.6-Território Simbólico, Identidades e Territorialidades: o município de Gonzaga

Esse tópico apresenta uma análise sobre a organização discursiva do programa, através do texto do repórter sobre identidades, relações de poder e territorialidades quando se tem especificamente a descrição da cidade de Gonzaga, terra natal de Jean Charles de Menezes e as relações de moradores no relato sobre a morte do conterrâneo e bem como da própria ideia de migração que os mesmos construíram.

Assim, falamos de “Território Simbólico” e interessa-nos sua identificação nas diversas “vozes” que compõem a edição escolhida para análise: a saber, o que dizem e como dizem repórter (através do texto jornalístico), personagens e especialistas sobre o fenômeno migratório numa perspectiva identitária do Território Simbólico. De forma que nessas vozes estão as representações construídas pelo programa sobre o fenômeno migratório.

Acredita-se que essas identidades constituídas no discurso e pelo discurso ajudam a compor então a representação do GR sobre o tema migração. Assim, as falas, mesmos que “recortadas” dentro da dinâmica da factualidade da edição do programa, representam identidades construídas historicamente, por meio de “práticas discursivas”.

O tema da reportagem: “a dor que não passa” traz o relato, texto e depoimentos dos moradores de Gonzaga sobre a morte de Jean Charles e as perspectivas da migração na cidade. De acordo com Fairclough (2003), tanto pelas mídias, como na própria experiência as práticas discursivas são repetitivamente vividas e faladas no cotidiano e, são apropriadas pelo senso comum. O fluxo migratório na região de Gonzaga no Vale do Rio Doce tem esses dois sentidos. Mas na edição de um programa jornalístico essas práticas ganham caráter de unidade com se não houvesse separação entre a realidade vivida e a apresentada no programa.

Assim é a experiência da morte de Jean Charles que ganha sentido nas representações através dos discursos em outras dimensões. *“Incrustada num vale, cercada por montanhas verdes, Gonzaga, no leste de Minas Gerais, "era" o retrato do sossego. Hoje é uma cidade com medo do terrorismo, mesmo tão longe dele”*. (Fala do repórter sobre a cidade de Gonzaga após a morte de Jean Charles)

O medo está presente no dia a dia dos moradores da cidade como Maria do Socorro Araújo, que tem uma irmã e o marido nos Estados Unidos: *“A cada dia que passa a*

preocupação aumenta. Ficamos muito preocupados e chocados com uma coisa dessas". (Fala de Maria sobre a insegurança quanto aos familiares no exterior).

O carpinteiro Osvaldo Menezes e o motorista Acir Pereira têm cada um, dois filhos em solo americano. Os dois são tios de Jean Charles de Menezes: *"Estamos dormindo pouco porque a preocupação com os parentes que estão lá fora é muito grande. Falo com eles todo dia"*. (Fala de Osvaldo)

É no entrelaçamento das falas dos personagens e na condução textual da reportagem que é possível identificar as representações identitárias sobre a questão da migração. Aqui caracterizadas pelo medo após o episódio da morte de um conterrâneo e parente. Mas que também revelam as representações sobre as migrações. Tal soma se faz em imagens que se transformam num "dizer" de um espaço, mesmo que simbólico, gerando assim um território.

Segundo Hasbaert (1997) a compreensão do território passa por várias significações, sejam elas da ordem política e econômica, na idéia do concreto ou simbólico e até subjetivamente. Interessa a essa pesquisa as definições que asseguram o Globo Repórter como um "Território Simbólico", em que território tem o seguinte alcance:

Sempre e ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída por grupos sociais, como forma de 'controle simbólico' sobre o espaço onde vivem e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e a ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HASBAERT, 1997, p. 42).

Assim, Hasbaert (1997) estabelece que o território se constitui de elementos simbólicos e concretos. Ainda que o território se efetiva *"pelo conjunto de nossas experiências ou, em outras palavras, relações de poder, no/com/através do espaço"*. Na sua aplicação das relações culturais, território também poder ser definido simbólico e culturalmente. Uma vez que *"prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva"* em que se é também *"produto da apropriação feita através do imaginário e/ou da identidade social sobre o espaço"*. (HASBAERT, 2004 p. 78).

A fala do repórter, reproduzida a seguir, descreve este território. *"Um sofrimento que se repete em cada endereço de Gonzaga porque todo mundo tem pelo menos um parente em outro país. Dos 6 mil habitantes da cidade, 1,5 mil estão fora do Brasil. E, principalmente entre os homens, a maioria dos que não foram tentar a vida lá fora gostaria de ter ido"*. (Fala do repórter sobre Gonzaga).

Já na fala dos personagens a relação está no território concreto estrangeiro e representa o impacto com a morte de Jean Charles, uma vez que os que ficaram estão sob o impacto do acontecimento: *"Para mim, seria melhor que eles viessem embora. Qualquer coisinha, eles estão metendo bala, não querem nem saber"*. (Fala do morador de Gonzaga, Acir, se referindo aos policiais de outros países).

Raffestin (1993) trabalha o conceito de “espaço territorial” na perspectiva de que o espaço antecede ao território. Para ele isso dá porque o sujeito se apropria concreta e ou simbolicamente de um território. Assim, ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator ‘territorializa’ esse espaço. Isso porque os sujeitos (re) definem o território no seu dia a dia através das relações de força e poder, mesmo que ao falar sobre a realidade da migração. De forma que a fala de quem ficou traz uma “reconfiguração” do território concreto onde esse migrante está.

Essas falas são organizadas no território simbólico do Globo Repórter, gerando assim territorializações. De forma que o “espaço midiático” do G.R. define novos contornos para esse território e isso se dá nas relações discursivas que se apresentam nos depoimentos, imagens e texto da narrativa da reportagem. Assim, territorialidade também é *“o conjunto de relações mantidas pelo homem, enquanto pertencente a uma sociedade, com a exterioridade e a alteridade, com ajuda de mediações ou instrumentos”* (RAFFESTIN, 1998, p. 265).

De forma que o Globo Repórter enquanto instrumento midiático faz essa mediação, por isso, possibilita a configuração de um “território simbólico” sobre migrações a partir das vozes que falam sobre esse território. Torna-se importante ainda em Raffestin (1993) entender que a territorialidade não passa apenas por relações com territórios concretos, mas também por relações com territórios abstratos como língua, religiões, tecnologias, etc. Esta relação é então organizada segundo uma série de regras, comunicabilidade que está implícita na mesma relação societária.

Assim, as falas presentes nessa edição do Globo Repórter compõem e dizem sobre a construção desse espaço e por isso geram territorialidades que são em si redefinidas pela mediação do programa através dos recursos de edição, uma vez que se tem são falas selecionadas entre tantas outras e ainda apresentadas de acordo com a sequenciação da narrativa determinada pelo texto.

5.7- “Eu” não migrante e o “dizer” sobre o migrante

Apresentamos aqui características de identidades territoriais nas falas dos personagens especificamente e não no texto do repórter. No sentido de que são os atores que dizem através da experiência vivida na história local o sentido da migração. Ao falar estão assim dizendo de si. *“Não é apenas ritual simbólico, é também local de práticas ativas, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades” (Hasbaert, 1999, p. 172).* E ainda: *“as identidades só são territoriais quando sua estrutura depende da apropriação simbólica, no/com o território” (p.179).*

A partir do contexto histórico, social e econômico vivido sobre as relações que implicam o ato de migrar e a troca dessas experiências e informações que esses migrantes dizem e suas identidades territoriais. Porque os mesmos se apropriaram do “conhecimento” sobre esses territórios, estabeleceram assim uma relação de identificação positiva ou negativa, redefinindo esses espaços com as territorializações gerando assim, identidades sobre esses migrantes.

Assim, em relação às identidades apresentadas no Globo Repórter tem-se nas falas dos personagens um dizer do “Eu” não migrante e um dizer “Sobre” o migrante em relação ao outro que migrou, parentes e amigos: *“Mas a vontade de tentar a vida fora do Brasil já é quase uma tradição. O marceneiro Pedro Paulo da Silva, que conduz o filho de 3 anos pelas ruas da cidade, já traçou um destino para o menino”.*(Fala do repórter sobre a tradição brasileira de emigrar)

A fala do personagem deixa claro qual o destino traçado para o filho: *“Com certeza, quando ele tiver idade vai correr atrás de um futuro melhor. E do jeito que as coisas estão andando, vai ter que ser nos Estados Unidos”.* (Fala de Pedro Paulo sobre futuro do filho).

São essas falas agora “captadas” pelas câmeras que dizem do cotidiano dos moradores de Gonzaga e de como eles falam de si próprios e definem a experiência cotidiana da migração, ou seja, o “eu migrante”. Esses discursos foram construídos ao longo do histórico processo migratório e todas as suas relações e impactos na vida local, representando assim a construção social do fenômeno migratório.

Ressalta-se que mesmo sobre o impacto emocional da morte de Jean Charles de Menezes potencializado pela exposição midiática internacional do caso, o depoimento a seguir, mostra um dizer de quem não migrou sobre a migração: *“Mas será que a despedida de Jean Charles vai mudar essa história? O funcionário público Marcelo de Moura era amigo dele. Também estudou em escolas públicas e fez o curso técnico na adolescência. Foi quando*

os caminhos dos dois tomaram rumos diferentes. Marcelo optou pelo Brasil. Marcelo investiu nos estudos, se especializou em computadores, passou num concurso da prefeitura e hoje ainda faz faculdade de informática em Governador Valadares". (Fala do repórter sobre o "não migrante" brasileiro)

A fala do personagem demonstra que apesar da tradição, nem todos os brasileiros pensam em migrar: *"Eu não pensei em sair do país, muito pelo contrário (...) Eu começo a trabalhar às 8h e vou até às 16h. Vou para casa, tomo banho, lanche e viajo mais ou menos uma hora e meia até a faculdade. Fico umas quatro horas no curso. Isso dá um total de 17 horas diárias entre trabalho e estudos. Com certeza, tem valido a pena. Não me arrependo de não ter saído daqui*". (Fala de Marcelo sobre a migração).

O sentido aqui é de que as identidades vão se constituindo através dos acontecimentos, os indivíduos e suas relações com o próprio dizer sobre o "lugar - Gonzaga" e sobre as migrações, são elaborados diante desse contexto. Uma vez que, de certo modo, todos vivenciam os desdobramentos das migrações, até mesmo aqueles que não conseguiram migrar. Mas sendo impactados em suas identidades: *"É a história de Milton Santiago, que ajuda a manter a cidade limpa. Ele ganha um salário mínimo por mês. Aos 37 anos, é um dos poucos que não tentaram emigrar. Vontade, não faltou*". (Fala do repórter sobre a migração).

Em sua fala, o personagem deixa claro o desejo de emigrar: *"Falta de oportunidade e de dinheiro também, porque é bem caro ir. Mas se eu tivesse condições, teria ido*". (Fala do personagem Milton sobre a migração).

Sobre o alto valor da ida, citado pelo personagem, o repórter destacou: *"O gasto com uma travessia ilegal, para quem não consegue visto, chega a R\$ 25 mil"*. Diante da situação, Milton se conformou em ficar na cidade: *"Dá para viver aqui trabalhando como gari"*, afirma.

Uma vez que é pelo discurso que se tem a construção e desconstrução das identidades, tem-se na fala do gari de Gonzaga que a realidade, os sentimentos e até mesmo os valores identitários, no caso de ele não ser um migrante, é construído e reconstruído no discurso que se sobrepõe aos próprios fatos anunciados sobre a morte de Jean Charles. Assim, o Gari, tem outra forma de conceber o "espaço Gonzaga".

Assim, os atores sociais se relacionam juntando-se prática social e discurso. Mas é preciso ressaltar que a manifestação dos agentes se dá mesmo que não haja uma consciência discursiva, ou seja: intenção na construção. Ao contrário da narrativa jornalística que é sempre intencionada para se construir o sentido do que se quer representar. A força discursiva da relação texto, enquanto narrativa do fato, somada aos depoimentos, as entrevistas, gera

sentidos específicos que são em si reforçados pela própria visão do programa para o contexto do fenômeno migratório. Percebe-se que essa força discursiva organiza de forma geral um conceito tanto sobre a migração quanto da especificidade do momento, no caso a morte de Jean Charles e seu impacto na cidade de Gonzaga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os veículos e a imprensa se apropriam das questões sociais e trazem para os seus conteúdos, através de discursos próprios, interpretações de temáticas descontextualizadas do sentido da análise científica e sociológica que envolve o homem na contemporaneidade. Com as migrações não é diferente. A factualização da notícia ganha força mesmo quando levada para produtos tidos de aprofundamento jornalístico, como no caso de o Globo Repórter. É a força da mídia como diz Thompson:

O desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais de forma que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana, faz surgir uma complexa reorganização dos padrões de interação humana através do espaço e do tempo. (THOMPSON 1998, p. 77).

Reforça-se nesse momento que esses discursos produzidos pelas práticas sociais apresentam identidades e representações sobre um determinado acontecimento, no caso desse trabalho sobre as migrações. À luz das teorias da comunicação, em específico os Estudos Culturais e vistos nas perspectivas das Teorias Migratórias é possível fazer algumas considerações sobre esse “território midiático”, suas relações de poder, territorialidades e representações através da organização do discurso jornalístico no programa Globo Repórter da Rede Globo de Televisão. O universo do período pesquisado, compreendendo as sinopses dos programas ao longo de 1988 a 2006, bem como as edições específicas já no ano de 2006 que trataram das repercussões sobre a morte do mineiro da cidade de Gonzaga, Jean Charles de Meneses, foi significativo para a busca dos questionamentos iniciais desse trabalho.

Na perspectiva teórica das migrações, foi possível identificar o papel das redes e como elas se organizam enquanto articulações sociais sobre um determinado fenômeno, no caso desse trabalho das migrações. São as redes que possibilitam o crescimento da migração para os Estados Unidos a partir dos anos de 1960 na região de Governador Valadares, tendo seu auge na década de 1980. Localizados em um determinado “ponto” dessa rede é possível se conectar ao processo, mesmo que sem conhecimento da língua ou qualquer noção geográfica do país de destino.

Mas ao falar sobre o fenômeno migratório na atualidade há de se levar em consideração que está se falando em configurações e reconfigurações das sociedades através das mobilidades populacionais ao longo do desenvolvimento das sociedades. Essa logo no

primeiro momento de análise geral sobre o programa não é algo trabalhado jornalisticamente no conteúdo analisado. O que deixa a temática sem uma localização sobre os acontecimentos sociais que geram as migrações e suas consequências.

Assim, é possível pensar em um tempo e espaço dentro do espaço simbólico do território midiático. De forma que a mídia e seus produtos e dentro dos seus produtos seus discursos, geram esses relacionamentos sociais como produto do reforço do discurso midiático. Seja ele da propaganda ou do jornalismo. *“Num mundo caracterizado por múltiplas formas de transmissão da mídia, é também comuns que as mensagens da mídia sejam recebidas por outras organizações e incorporadas em novas mensagens, num processo que pode ser descrito como mediação estendida”*. THOMPSON. 1998. (p 100)

Nesse sentido os territórios midiáticos são territorializados a partir das ações discursivas dos atores sociais: os migrantes, e os personagens envolvidos, os especialistas ouvidos nas reportagens. Mas todos estão sobre o direcionamento do texto jornalístico, que estabelece nesse território simbólico as forças de poder. Mais que o relato do fato, a narrativa tem esse lugar de direcionamento, por isso ao longo desse trabalho e através da análise proposta, foi possível identificar por meio do discurso, como se da essa relação de poder. Ao mesmo tempo torna-se interessante verificar separadamente as ações desses atores sociais e nesse ponto, o entendimento de como se da a construção das identidades territorializadas. Uma vez que elas realmente passam pelo processo histórico até se tornarem ações nas práticas discursivas. Tais aspectos ajudaram a configurar o programa Globo Repórter como um Território Midiático.

Ao trabalhar num primeiro momento as análises das sinopses do Globo Repórter no decorrer de quase duas décadas percebeu-se que o tratamento dado à apresentação dos enunciados tem um cunho mercadológico. A idéia de migrar é passada pelo programa em diversos momentos como um produto, comprovando assim a hipótese inicial desse trabalho. Dentro do Capital é a lógica da globalização na modernidade em que tudo se transforma em produto e consumo, incluindo-se aqui as questões sociais como a migração. Dentro dessa lógica a organização discursiva do programa segue o mesmo sentido. É o produto midiático organizado na perspectiva da globalização em que na dialética do local e global, pessoas e sociedades também se tornam produtos midiáticos. No caso do programa Globo Repórter a força discursiva do mesmo gera referências sobre a temática migração. Ou seja: representações sobre o fenômeno migratório, mas sempre na perspectiva do programa que pode se configurado aqui como uma “vitrine” para o discurso maior da globalização.

Na lógica de Fairclough(2001) o discurso apresenta identidades e é sempre intencional, cria características construtivas e constitutivas sobre um determinado acontecimento. Ressalta-se que a metodologia da ACD possibilitou então essa identificação no discurso do programa. É a proposta tridimensional do discurso em que ele se dá a construção das relações de poder, através do texto, prática discursiva e prática social. É o programa, portanto que organiza as relações de poder através dos direcionamentos dos discursos.

Tal posicionamento se refere ao processo histórico do próprio programa e suas relações de poder, dentro do contexto econômico que representa e Rede Globo de Televisão. Ao analisar programas específicos, mas com a abordagem voltada para a morte do brasileiro Jean Charles de Menezes tínhamos a expectativa de entender como as marcas do processo histórico das migrações, presentes da cidade, por conta do próprio fluxo migratório do Vale do Rio Doce, influenciaria nos discursos dos personagens. Foi possível verificar que as identidades territoriais foram também construídas ao longo de um processo, que os não migrantes de Gonzaga tem em seus discursos definições específicas sobre o que é ser um migrante e como se relacionam com isso.

Não que se espera da narrativa jornalística um texto acadêmico e referenciado por teóricos, mas dentro da proposta do programa que se posiciona como referência de aprofundamento jornalístico sobre as “realidades sociais” não se tem uma apresentação que defina realmente o real por que do fenômeno migratório.

Pelas práticas discursivas, resultado do contexto das migrações foi possível verificar que essas falas são mesmo tematizadas e mesmo diante da dor da separação e da morte do conterrâneo migrar é algo enraizado na identidade local. Mas percebe-se também que o texto jornalístico tem também nesse contexto um tom de direcionamento. E quando analisado sob a perspectiva das teorias migratórias verificasse a ausência de uma contextualização social para além da factualidade.

É através da análise dos discursos dos diversos textos dentro do programa e texto aqui sendo considerado não apenas a narração textual do repórter, bem como suas fontes, os personagens e especialistas que se tem uma noção real de como se organiza o discurso do Globo Repórter quando trata da temática migração. É preciso considerar que a força discursiva que organiza o discurso do programa como um todo está na junção feita das histórias, fatos através das narrativas do repórter. Quando há uma supervalorização de defesa da própria política de migração para os estrangeiros em Londres. É o texto jornalístico que faz

essa defesa. As falas em si caminham para outros contextos que não especificamente o dizer institucional reforçado na organização da notícia.

Outro ponto dessa força discursiva da narrativa jornalística está na apresentação dos personagens que ficaram em Gonzaga, cidade natal de Jean Charles de Menezes, morto pela polícia britânica após ser confundido com terrorista. Há uma diferença, e isso se dá nas identidades apresentadas pelo repórter sobre os personagens em detrimento das próprias falas dos mesmos. O dizer sobre o “eu migrante” e o dizer sobre “o migrante” configura essas características, tanto territoriais como as territorialidades para os que ficaram e desejam ou não migrar.

Territorialidades, territorializações são, portanto identificáveis no território midiático do Globo Repórter, assim, foi possível identificar as identidades presentes nos discursos dos personagens. De forma que o objeto dessa pesquisa e a hipótese inicial se confirmam: o Globo Repórter não contextualiza o fenômeno migratório e na sua “organização” editorial: textos, entrevistas e imagens, apresenta de forma reforçada como o próprio programa vê, percebe e compreende o fenômeno migratório. De forma que as falas, mesmos que reais, fazem parte de uma “verdade construída”. Ou seja: são organizadas para reforçar a “visão” do programa sobre o fato. E ao fazer isso, têm-se uma repetição de todo o processo histórico ideológico da própria emissora ao longo de décadas. Assim, os discursos presentes no programa Globo Repórter sobre os movimentos migratórios são em si o discurso da emissora sobre a temática social. De forma que têm-se o programa apresentando uma forma de olhar sobre as migrações que é a representação do programa sobre a temática, mas desassociada de uma contextualização que apresente as migrações numa perspectiva que traga aos telespectadores um entendimento mais amplo de um contexto social tão marcante na realidade social tudo o que isso representa diante da força da Globalização, o consumo não só de bens e projeção social bem como de valores sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max – **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALSINA, Miquel Rodrigo – **La Construcción de la noticia**. Barcelona; Paídos, 1996.
- ANDRADE, João Batista. **O povo fala: um cineasta na área de jornalismo da TV brasileira**. São Paulo: Senac, 2002.
- Antonio Teixeira de Barros Jorge Antonio Menna duarte, regina Esteves Martinez. **Comunicação: discursos, práticas e tendência** / (organização)– São Paulo: Rideel; Brasília: UniCEUB, 2001.
- ASSIS, G.O. e Martins Welter, TIAGO- **De Gonzaga para Londres, a história de Jean Charles de Meneses e sus significados no contexto da migração contemporânea**.-UDESC-2009.
- ASSIS, G. O.; SASSAKI, E. Teorias das migrações internacionais. In: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 13, 2000, Caxambu. **Anais Eletrônicos**. Disponível em <http://www.abep.org.br>
- BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAUMAN, Z. **Vidas para consume: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.
- BARBEIRO, Heródoto, 1946 - **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002 – 3º reimpressão.
- BARBERO, M. J. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- BISTANE, Luciana – **Jornalismo de TV**/ Luciana Bistane e Luciane Bacellar. – São Paulo: Contexto, 2005 – Coleção Comunicação.
- BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira – **Teoria do efeito estético**/ Maria Antonieta Jordão de Oliveira Borba – Niterói: EdUFF, 2003.
- BORELLI & PRIOLLI. **A deusa ferida: por que a Rede Globo Não é mais a campeã absoluta de audiência**. Summus, 2000.
- BOURDIEU, Pierre – **Sobre televisão**/ Pierre Bourdieu - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. Ed. São Paulo: EDUSP, 2003
- CANCLINI, N. G. **A Globalização Imaginada**. Ed. Iluminuras. 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999
- CASTELLS. M. **O poder da identidade**. Contexto. São Paulo, 2006.
- CHAUI, M. **Simulacro e poder. Uma análise da mídia**. SP: Editora Fundação Perseu de Abramo, 2006.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo, 2006.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução Ângela S. M. Corrêa. SP:Contexto,2006.
- ESPÍNDOLA, H. S.; OOSTERBEEK, L. **Os desafios da gestão Integrada do Território**. Área Domenium, Portugal/Brasil, v.3, n.3, p. 19-39, fev. 2008.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**. Routledge: Taylor & Francis Group. London and New York, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Mabalhães. Editora: Universidade de Brasília, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London: Longman, 1989
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília. Universidade de Brasília, 2008.
- FERNADES, C.A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2º ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FOUCAULT. M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz F. B. Neves, Petrópolis. RJ: Vozes, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e introdução de Roberto Machado, 8.ª ed., RJ: Graal, 1982.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- _____. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GUARESCHI, Pedrinho.A. **Comunicação e Controle Social**- Vozes, 1993

- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GUIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro. Zahar, 2002.
- HALL, S. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, T.T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 103-133.
- HALL, S. **A Identidade em questão**. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro : DP & A, 1998
- HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo**.
- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade**. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005a
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.
- HAESBAERT, Rogério. **Concepções de território para entender a desterritorialização**. RJ: Prog. de Pós-Graduação em Geografia/UFF, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. **Território, cultura e des-territorialização**. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto L. **Religião, identidade e território**. RJ: EdUERJ, 2001.
- HALL, S. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, T.T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 103-133.
- HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado: a sociedade da novela**. Azhar, 2005
- HAMBURGER, Esther. **Diluído fronteiras: as novelas no cotidiano**. Azhar 2008.
- HANKS, William F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008.
- H. S. Borelli e PRIOLLI, Gabriel (coord.): **A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência**. São Paulo: Summus. 2000.
- LEFORT, C. **As formas da História**. 2^a.ed. SP:Brasiliense, 1990.
- JAUSS, Hans Robert – **Textos da estética da recepção**. **Coordenação e tradução de Luiz Costas Lima** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979
- JESPERS, Jean-Jacques – **Jornalismo Televisivo: princípios e métodos/ Jean-Jacques Jaspers**, - Coimbra: Minerva, 1998.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- LIMA, V. A. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

- LINS, Consuelo. *O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- KIENTZ, Albert - **Comunicação de massa: análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- MACEDO, C. FALCÃO, A., ALMEIDA, J.C.M. (org.) **TV ao vivo: depoimentos**. São Paulo: Ed, Brasiliense, 1988.
- MACIEL, Pedro – **Jornalismo de televisão: normas e práticas** / Pedro Maciel – Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1995.
- MACHADO, Arlindo – **A televisão levada a sério** / Arlindo Machado. 3º ed. – São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- MAINGUENAEU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2007.
- MATTELART, A. **Introdução aos estudos Culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MARCONDES FILHO, Ciro – **Política e Imaginário nos meios de comunicação para massas no Brasil** / Ciro Marcondes Filho – São Paulo: Summus, 1985.
- MARCONDES FILHO, Ciro – **Jornalismo fin-de-siècle** – São Paulo: Scritta, 1993.
- MARCONDES FILHO, Ciro – **Televisão** / Ciro Marcondes Filho – São Paulo: Scipione, 1994.
- MEDINA, Cremilda – **Notícia um produto a venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Alfa Ômega, 1988.
- Memória Globo JORNAL NACIOAL: a notícia faz história/** Memória Globo. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- MUNIZ, Paula. **Globo Repórter: os cineastas na televisão**. São Paulo: Aruanda, 13 ago 2001.
- ORLANDI, E. **Discurso e Texto**. Pontes, 2001.
- PATARRA, N.L. **Movimentos migratórios internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Estudos Avançados 20 (57), 2006.
- _____ **Migrações Internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos significados e políticas**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 19, n 3, p. 23-33, jul/set. 2005.

- PATARRA, N. L.; BAENINGER, R. **Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil**. In: PATARRA, N. L. (coord.) **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo. FNUAP; 1995, p. 79-87.
- PEDRO, Emília R. **Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos**. In: PEDRO, Emília R. (Org.). *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Caminho, 1998.
- PENA, Felipe – **Teoria do Jornalismo** / Felipe Pena. – São Paulo: Contexto, 2005.
- PRADO, João Rodolfo - **TV: quem vê quem** / João Rodolfo Prado (olhar cidade): Eldorado, 1987
- SAYAD,A. 2000, **O retorno: elemento constitutivo da condição imigrante**. Revista Travessias. São Paulo,200
- RABAÇA, C.A.; BARBOSA, G.G . **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2001.
- RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília. França. São Paulo: Ática, 1993.
- REDE GLOBO. **Manual de Jornalismo da Rede Globo**, Rio de Janeiro, 2010.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica*. São Paulo: Parábola, 2003.
- RESENDE, Viviane de Melo. RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- REZENDE, G. J. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- RIBEIRO, José Hamilton. **O gosto da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- RODRIGUES, A. D. **Comunicação e Cultura: a experiência cultural na era da informação**. Lisboa: Editorial Presença. 1994.
- RODRIGUES, R. H. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin**. 2005
- SANTOS, Milton. **O retorno do território**. In: SANTOS, Milton et. al (Orgs). **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1993,
- SAQUET, Marcos. **O tempo, o espaço e o território**. In: SOUZA, Edson; SOUZA, Álvaro e MAGNONI Jr., Lourenço. **Paisagem, território, região. Em busca da identidade**. Cascavel: Edunioeste, 2000.
- SAQUET, M.A. **Abordagens e concepções de território**. SP: Editora Expressão Popular, 2007.

SILVA, Francisco Paulo da. **Articulação entre poder e discurso em Michel Foucault**. In: SARGENTINI, V; BARBOSA, P. N. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos:Claraluz, 2004,

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil/Estados Unidos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SIQUEIRA, Sueli (2009), “**Mobilidade social: análise comparativa do retorno de brasileiros dos EUA e Portugal**”, in PADILLA, Beatriz e XAVIER, Maria (org.), *Revista Migrações - Número Temático. Migrações entre Portugal e América Latina*, Outubro 2009, n.º 5, Lisboa: ACIDI, pp. 135-154

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil-Estados Unidos/ Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.**

_____. **Emigração e retorno na perspectiva de gênero**. In: **Reunião Brasileira de Antropologia**, 2008, Porto Seguro. 26ª RBA Desigualdade na Diversidade. São Paulo: RBA, 2008.

_____. **Emigração internacional e o retorno a terra natal: realizações e frustrações**. XV ENCONTRO NACIONAL SOBRE EMIGRAÇÃO 15 A 17 DE OUTUBRO DE 2007 NEPO / UNICAMP.

_____. **Migrantes e empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares – Sonhos e frustrações no retorno**. 2006. 200f. Tese (doutorado em Ciências Humanas – Sociologia e Política) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

SIQUEIRA, Sueli, ASSIS, Gláucia de Oliviera, CAMPOS, Emerson César de. **As redes sociais e a configuração do primeiro fluxo emigratório brasileiro. Análise comparativa entre Criciúma e Governador Valadares**. In: ABREU, Jean Luiz Neves e ESPINDOLOAL, Haruf Salmen (orgs). **Território sociedade e modernidade**. Governador Valadares: Univale, 2010

SIQUEIRA, S.; COELHO, L. **A segunda geração dos emigrantes brasileiros na Nova Inglaterra**. Caderno NEDER. Dossiê da emigração. Governador Valadares: Editora Univale, v.1, n.2, 2008.

Van Dijk. T.A- **Discurso e Poder**. SÃO Paulo: Contexto 2008

TUCHMAN, G. **A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas**. In: TRAQUINA, N.(org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993a.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia:** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa - Notícias e serviços: nos telejornais da rede Globo/ Ana Carolina Rocha Pessôa Temer. – Rio de Janeiro: Sotese, 2001 cm.

VIZEU, Alfredo Eurico- **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo.** Bom Tempo- 2003.

WOLF, Mauro – **Teorias da Comunicação/** Mauro Wolf – Lisboa: Presença: 1994.

ANEXOS

01

Texto na íntegra: Globo Repórter

Março-2006

Efeitos da imigração em Londres



É o emprego mais fácil: ficar plantado que nem um poste, segurando um cartaz com propaganda por algumas horas. Dá um dinheirinho. "Por enquanto, dá pra eu me manter", diz Wagner. Ele está aguentando. Já Andréia... "Estou morrendo de saudade. Moro num apartamento com 22 pessoas, das quais 17 são brasileiras", conta a jovem.

Mariana, baiana, também está atrás de uma grana e de dicas. É mais uma brasileira que tenta, na Inglaterra, uma mudança de vida.

É fácil se ver por Londres os efeitos dessa imigração. Estimativas falam entre 150 mil e 200 mil brasileiros só na capital britânica. Ninguém sabe ao certo. Mas está na cara que o número é grande.

Novos negócios pipocam por todo lado. Denise aproveitou e meteu a mão na massa. Depilação brasileira e famosa. A depilação e ela atraem os fregueses. "Todo mundo que vem e experimenta uma vez volta", diz ela.

Mas o brasileiro também sente na pele uma outra imagem do policial britânico. Jean Charles de Menezes, o brasileiro confundido com um terrorista e executado pela polícia, ficou tristemente famoso. Quatorze meses se passaram...

A morte de Jean Charles foi um choque para os brasileiros e muitos deles participaram de manifestações de solidariedade à família e contra a violência policial. Mas tudo isso foi um caso isolado, não houve uma alteração no comportamento das autoridades britânicas em relação aos brasileiros. A repressão maior que se vive hoje é um fenômeno europeu contra os imigrantes ilegais.

Marcelo é um dos que conseguiram trabalho legal. Está bem de vida. Na loja dele, anúncios oferecem emprego, moradia e ajuda. Há dez anos em Londres, ele nota a dificuldade maior para os que chegam agora. "Muito mais gente é barrada na imigração hoje do que antes. Eles estão muito mais focados nos brasileiros que chegam aqui", diz o comerciante.

"Segunda-feira é um dia que três, quatro ou cinco pessoas ligam para dizer que estão presas e precisam de uma assessoria legal", conta o advogado Daniel, especializado em

assuntos ligados à imigração.

Daniel tem um escritório que atende a muitos brasileiros. Há 18 anos vivendo na Inglaterra, ele tem uma opinião original em relação ao impacto político da morte de Jean Charles: "Foi um brasileiro que teve muita sorte dentro da Inglaterra. Se fosse um árabe, a situação teria ficado bem difícil para eles".

De fato, a imagem alegre, inocente, o estereotipo futebol-carnaval ajudaram a fazer com que as autoridades e o público britânicos parassem para pensar sobre os efeitos de uma política de confronto tão arriscada.

Os cartazes "Somos todos londrinos" hoje inundam as ruas. Para o brasileiro, a integração, às vezes, é complicada. É a falta de documentos, driblada pelo jeitinho, que vira esperteza e a reputação dos brasileiros vem abaixo.

Subir na vida, para alguém que começou vendendo amendoim, foi um caminho de 21 anos. Luis hoje é uma referência para os brasileiros que chegam a Londres. Ele lamenta o mau comportamento de alguns que mancha a todos.

"Os brasileiros aproveitaram muito a concepção do inglês de ser honesto e dar oportunidade para as pessoas. E abusaram. Muitos pegaram empréstimos em bancos e foram embora sem pagar. Hoje em dia um brasileiro não consegue abrir uma conta bancária. O brasileiro queimou seu próprio filme", comenta Luis.

A maioria trabalha, rala. Ilda hoje tem um café. Lavou muito prato, se privou de muita coisa. Vida de imigrante não é fácil. Em Londres, então... "Aqui tudo é muito caro e nem todo mundo é filhinho de papai", ressalta Ilda.

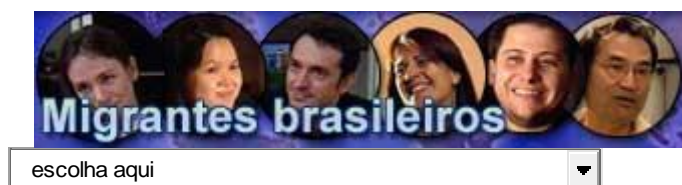
Tem filhinha de mamãe também. Ela as levou quando as condições permitiram e a saudade apertou. Para elas, terrorismo, a morte de Jean Charles, tudo isso está distante. Muito mais próxima está a sensação de segurança, algo que o Brasil já não oferecia.

"Me sinto mais segura do que se estivesse no Brasil. Aqui eu posso pegar um táxi e sair. Não tenho medo de sair à noite sozinha", diz uma das filhas de Ilda.

O dia-a-dia do brasileiro é uma batalha para a maioria. Dá satisfação para os que conseguiram um bom emprego, segurança nas ruas, o sorriso de sempre. Mas tem também a solidão.

E quando a saudade aperta, o jeito é correr para um feijão com arroz que alimenta a alma, traz um pouco de calma, dá até para sonhar que um dia é possível se combinar o salário da Europa com a alegria do Brasil.

02



Medo nos EUA



A prosperidade passou ao largo. Foi embora rio abaixo. Antigas mansões abandonadas e fábricas fechadas falam de um passado que não volta mais. Riverside, a dez minutos de Filadélfia, é uma cidade dormitório. De 8 mil habitantes, mais de 3 mil são brasileiros que foram em busca de tranqüilidade e aluguéis baratos. As poucas lojas do lugar exploram a saudade de um distante país tropical.

A população americana é branca, pobre, desempregada. Os jovens são punks, racistas e agressivos.

Riverside é um lugar que parou no tempo. A economia da cidade girava em torno de uma fábrica de relógios, que fechou. Nos últimos cinco anos, milhares de brasileiros foram morar em Riverside. Reergueram a economia da cidade e agora estão sendo perseguidos e forçados a ir embora.

A proprietária de um salão de beleza Aparecida Guedes, a Cida, está tendo que fechar o estabelecimento por falta de clientes. Vai perder tudo o que ganhou em anos de trabalho duro nos Estados Unidos. "Foi muita luta para chegar até aqui e me desfazer de tudo assim, à toa. Estou muito mal", conta Cida.

Para expulsar os brasileiros, Riverside adotou uma lei: multa de US\$ 1 mil para quem dá emprego ou aluga residência a imigrantes sem documentos. Na maioria, os brasileiros entraram pelo México, não têm documentos americanos.

Suzanete Silva chegou de Mato Grosso há cinco anos e meio. Hoje tem uma pequena empresa no setor de limpeza doméstica. Mas tem que sair da casa onde mora.

"Para mim é insustentável, muito difícil. Mas se não tiver outro jeito... Quem está no Brasil não tem noção. A dor e a solidão são imensas. Você ganha dinheiro porque quer ir para o Brasil com estabilidade. Eu vim para ser dona de mim", diz a empresária.

Os imigrantes de Riverside foram à rua protestar e enfrentaram uma multidão de americanos

enfurecidos, que pediam que fossem embora. Até a bandeira racista do sul dos Estados Unidos apareceu.

A jovem Andréia Rocha, que chegou do Rio para estudar, estava na manifestação. "Eles me vaiaram, me xingaram, me agrediram verbalmente. Eu me senti péssima. Não me sinto inferior, mas me sinto humilhada de certa forma. Porque eu estou aqui estudando, quero melhorar minha vida e tenho meus objetivos. Não estou aqui para ficar ouvindo desaforo de ninguém", desabafa Andréia.

O empresário americano David Verduin lidera uma coalizão de empresários americanos e brasileiros que entrou na Justiça contra a lei antiimigrante de Riverside. Ele morou 20 anos no Brasil e se considera brasileiro de coração. Também sofreu ao ver os brasileiros serem ofendidos.

"Nós ficamos chorando porque eu vi o ódio. Isso é triste, muito triste", diz David. O empresário acredita que a lei vai ser derrubada na Justiça.

Cerca de mil brasileiros já foram embora de Riverside. Mas a maioria ainda está na cidade. O goiano Sérgio Fallone abriu um restaurante há dois anos. Para ele, mais do que racismo, os americanos têm inveja dos brasileiros.

"Eles têm inveja da roupa que seus filhos vestem, do padrão de vida que você leva. Isso os incomoda. Eles não sabem o quão abençoados são de nascer num país desse. Porque a gente vem para cá sem falar a língua, sem saber nada, trabalha e ganha dinheiro. E hoje, na economia de Riverside, quem detém o poder econômico são os imigrantes", diz Sérgio.

O medo se espalhou por outras cidades, como Danbury, bem mais ao norte. Só neste ano, mais de 20 brasileiros já foram presos e deportados. A família do administrador de empresas Geraldo de Souza já foi acordada duas vezes por policiais batendo na porta, procurando outro brasileiro que morava no mesmo endereço.

"Eu passei uma semana sem dormir. Acordava entre 2h e 4h, pensando. Parecia que alguém ia bater na porta. Ou eu tirava isso ou ia embora para o Brasil. Mas o que eu ia fazer no Brasil? Imigrante ilegal aqui se sente inseguro todo o tempo", diz Geraldo.

O paraense João Rocha trabalha num centro católico e reza para não ser preso de novo como foi ao entrar no país. "Eu fui algemado pelos pés, braços e pela barriga. No terceiro dia, fui à Corte amarrado. Outras 40 pessoas foram amarradas junto comigo", lembra. João aconselha: "Não venha ilegal, porque quem vem ilegal sofre".

Há dois anos sem ver a mulher e as filhas, João sofre ainda mais com a saudade. "Neste mundo aqui, só restam carta e fotos".

Luto em Gonzaga



Incrustada num vale, cercada por montanhas verdes, Gonzaga, no leste de Minas Gerais, "era" o retrato do sossego. Hoje é uma cidade com medo do terrorismo, mesmo tão longe

dele.

"A cada dia que passa a preocupação aumenta. Ficamos muito preocupados e chocados com uma coisa dessas", diz a cantineira Maria do Socorro Araújo, que tem uma irmã e o marido nos Estados Unidos. O carpinteiro Osvaldo Menezes e o motorista Acir Pereira têm, cada um, dois filhos em solo americano.

"Estamos dormindo pouco porque a preocupação com os parentes que estão lá fora é muito grande. Falo com eles todo dia", conta seu Osvaldo. Ele se emociona como quem já foi atingido pela dor. Seu Osvaldo e seu Acir também são tios do brasileiro Jean Charles Menezes. Agora, temem pelos filhos.

"Para mim, seria melhor que eles viessem embora. Qualquer coisinha, eles

estão metendo bala, não querem nem saber", diz seu Acir, se referindo a policiais de outros países.

Um sofrimento que se repete em cada endereço de Gonzaga porque todo mundo tem pelo menos um parente em outro país. Dos 6 mil habitantes da cidade, 1,5 mil estão fora do Brasil. E, principalmente entre os homens, a maioria dos que não foram tentar a vida lá fora gostaria de ter ido.

É a história de Milton Santiago, que ajuda a manter a cidade limpa. Ele ganha um salário mínimo por mês. Aos 37 anos, é um dos poucos que não tentaram emigrar. Vontade, não faltou. "Falta de oportunidade e de dinheiro também, porque é bem caro ir. Mas se eu tivesse condições, teria ido", diz o gari.

O gasto com uma travessia ilegal, para quem não consegue visto, chega a R\$ 25 mil. E Milton se conformou em ficar na cidade. "Dá para viver aqui trabalhando como gari", afirma.

Mas a vontade de tentar a vida fora do Brasil já é quase uma tradição. O marceneiro Pedro Paulo da Silva, que conduz o filho de 3 anos pelas ruas da cidade, já traçou um destino para o menino. "Com certeza, quando ele tiver idade vai correr atrás de um futuro melhor. E do jeito que as coisas estão andando, vai ter que ser nos Estados Unidos", avalia.

Mas será que a despedida de Jean Charles vai mudar essa história? O funcionário público Marcelo de Moura era amigo dele. Também estudou em escolas públicas e fez o curso técnico na adolescência. Foi quando os caminhos dos dois tomaram rumos diferentes. Marcelo optou pelo Brasil. "Eu não pensei em sair do país, muito pelo contrário", diz ele.

Marcelo investiu nos estudos, se especializou em computadores, passou num concurso da prefeitura e hoje ainda faz faculdade de informática em Governador Valadares.

"Eu começo a trabalhar às 8h e vou até às 16h. Vou para casa, tomo banho, lanche e viajo mais ou menos uma hora e meia até a faculdade. Fico umas quatro horas no curso. Isso dá um total de 17 horas diárias entre trabalho e estudos. Com certeza, tem valido a pena. Não me arrependo de não ter saído daqui", garante Marcelo.

Outros jovens começam a avaliar se compensa enfrentar o risco.

"Acho que a pessoa deve tentar buscar seu sonho aqui no Brasil mesmo. Se ela tiver força de vontade, acho que consegue. Não precisa ir para longe para tentar enriquecer, buscar um futuro", diz a estudante Ilma Helene de Figueiredo.

Ilma é prima de Jean Charles. Ela tem pelo menos 20 parentes fora do país. Todos são da cidade que está de luto. Gonzaga parou nesta semana – na dor e na solidariedade, para confortar os pais do brasileiro morto em Londres. Uma perda que, para seu Matozinho e dona Maria Otoni Menezes, não tem volta.

Agora, só é possível evitar que o erro se repita.

“Eu quero que Deus abençoe todas as mães, para que nenhuma delas sofra a dor que eu estou sofrendo. Eu quero paz no mundo inteiro, para que as mães possam deitar na cama e dormir tranquilamente. Que elas sintam que seu filho esteja sendo respeitado como cidadão”, diz a mãe de Jean Charles.

ANEXO 04- PESQUISA DOCUMENTAL ARQUIVO GLOBO

Pesquisa 33218 / orçamento

Período: 29/04/1988 Até:

Título.....: BRASILEIROS EM PORTUGAL - DIRECAO DE SILVIA SAYAD

Dados Técnicos:

Local.....: LISBOA

Repórter...:

Fonte.....: TV GLOBO(SATELITE)

Programa...: GLOBO REPORTER

Duração C...: 60

Cassete: 0055393/0055394 Som....: Sim

Duração M...: 00:17'28"

Cromia.: P&B e Colorido Tipo...: Original

Timecode...: 00:16'49"

Bitola.: 3/4

Matéria: Editada

Contrato...:

Observação.: ;G.REP.-N.201

Sinopse....: A MIGRACAO DE BRASILEIROS PARA PORTUGAL,EM BUSCA DE MELHORES CONDICOES DE VIDA A ATUAL PROSPERIDADE DA ECONOMIA PORTUGUESA.MIGRANTES BRASILEIROS BEM-SUCEDIDO S.SUCESSO DOS DENTISTAS BRASILEIROS EM PORTUGAL.BRASILEIROS DESEMPREGADOS.DEPO IMENTOS. / GARCIA JUNIOR, DUBLADOR BRASILEIRA, QUE TRABALHA COMO LOCUTOR DA RADIO CIDADE DE LISBOA-FM, FAZ IMITACAO DA VOZ DO PERSONAGEM "HE MAN" / LOCUTORES BRASILEIROS NOS ESTUDIOS DA RADIO CIDADE / IMAGEM DE EQUIPAMENTOS NO ESTUDIO DE RADIO

Conforme a utilização informada, uso EDUCACIONAL, o valor do programa acima é de R\$ 160,00.

Período: 03/05/1991 Até:

Título.....: CLANDESTINOS NOS EUA

Dados Técnicos:

Local.....: EUA;MEXICO

Repórter...:

Fonte.....: TV GLOBO(SATELITE)

Programa...: GLOBO REPORTER

Duração C.: 60 Cassete: 0072295/0072296 Som....: Sim

Duração M.: 00:25'38" Cromia.: Colorido Tipo...: Original

Timecode...: 00:13'35 Bitola.: 1/2 Matéria: Editada

Contrato...:

Observação.: ;G.REP.-N.316

Sinopse....: O DRAMA DOS MEXICANOS QUE TENTAM ATRAVESSAR ILEGALMENTE A FRONTEIRA AMERICANA EM BUSCA DE MELHORES CONDICÕES DE VIDA NOS EUA - IMAGENS FEITAS COM LENTES ESPECIAIS QUE DISPENSAM LUZ PARA FILMAR A NOITE Conforme a utilização informada, uso EDUCACIONAL, o valor do programa acima é de R\$ 160,00.

Período: 22/11/1991 Até:

Título.....: DENTISTAS BRASILEIROS EM PORTUGAL

Dados Técnicos:

Local.....: PORTUGAL

Repórter...:

Fonte.....: TV GLOBO(SATELITE); RADIOTELEVISAO PORTUGUESA

Programa...: GLOBO REPORTER

Duração C.: 60 Cassete: 0076278/0076279 Som....: Sim

Duração M.: 00:08'11" Cromia.: Colorido Tipo...: Original

Timecode...: 00:35'53 Bitola.: 1/2 Matéria: Editada

Contrato...: 1084/19 - PROGRAMA JORNALISTICO PORTUGUES

Observação.: ;G.REP.-N.344 – **temos apenas esse bloco.**

Sinopse....: STAND-UP DE PEDRO BIAL/PONTE SOBRE O RIO TEJO/DENTISTA BRASILEIRO PAULO MARQUES/ DENTISTA BRASILEIRO FLAVIO PORTALET/CARROS RODANDO POR ESTRADA EM PORTUGAL/ENTRE VISTA COM FLAVIO PORTALET/ENTREVISTA COM ANTONIETA MARQUES,ENFE RMEIRA DE PAULO MARQUES/PAULO MARQUES ATENDE PACIENTE/ENTREVISTA COM PAULO MARQUES/BONDE ANDANDO PELA CIDADE DO PORTO/ENTREVISTA COM HIRAN TRINDADE,DENTISTA BRASILEIRO QUE TRABA LHA NA CIDADE DO PORTO/NOTICIAS EM JORNAIS PORTUGUESES DENEGRINDO IMAGEM DOS BRASILEIROS/FONTES DE CARVALHO LIDER DOS DENTISTAS

PORTUGUESES/DEPUTADO BRASILEIRO JOSE LOURENCO
 DISCUTE COM FONTES DE CARVALHO NUM PROGRAMA
 JORNALISTICO DA TV POR TUGUESA/PARLAMENTARES
 BRASILEIROS E

PORTUGUESES SE REUNEM/ENT.C/EDITH ESTRELA,DE
 PUTA PORTUGUESA/ENTREVISTA COM PORTUGUESES NA RUAS/CHANCELER
 PORTUGUES JOAO DE D EUS PINHEIRO DIZ QUE SEU DENTISTA E
 BRASILEIRO/ENT.C/JOAO DE DEUS/ENT.C/LUIS VIC ENTE LAMPREIA,EMBAIXAD
 OR EM LISBOA/CLOSE DE SORRISOS DE PORTUGUESES/S.CREDITOS
 Conforme a utilização informada, uso EDUCACIONAL, o valor da matéria acima é de
 R\$ 150,00.

Período: 14/11/2003 Até:

Título.....: BRASILEIROS NO EXTERIOR/ 1.PARTE

Dados Técnicos:

Local.....: NOVA IORQUE

Repórter...: PAGLIA,ERNESTO; PONTUAL,JORGE

Fonte.....: TV GLOBO

Programa...: GLOBO REPORTER

Duração C.: 60 Cassete: 0178823/0178827 Som....: Sim

Duração M.: 00:12'24" Cromia.: Colorido Tipo...: Original

Timecode...: 00:01'22" Bitola.: 1/2 Matéria: Editada

Contrato...:

Observação.: PGM 894 / IMAGENS ORLANDO MOREIRA ; SHERMAN COSTA

Sinopse....: MAOS MEXENDO EM FITINHAS COM AS CORES E A BANDEIRA
 DO BRASIL / PLANO FECHADO DE HOMEM ANDANDO COM CAMISA COM
 BANDEIRA DO BRASIL / HOMEM COM A CAMISA DA SELEÇÃO BRASILEIRA
 NUMERO 11 DE RONALDINHO / BANDEIRAS E CAMISAS COM AS CORES DO
 BRASIL PENDURADAS EM FEIRA EM SUBURBIO DE NOVA IORQUE / PESSOAS
 ANDANDO EM FEIRA / MULHER VENDENDO AGUA DE COCO / MULHER
 FAZENDO CHURRASQUINHO NA FEIRA / PESSOAS ANDANDO NA FEIRA EM
 NOVA IORQUE / BALOES DE GAS VERDES E AMARELOS / CAMISA COM MAPA
 DO BRASIL / CRIANÇAS BRASILEIRAS COM CAMISAS DO BRASIL / MULHER
 COM COCO NAS MAOS / ADOLESCENTES COM CAMISAS DO BRASIL / MALAS
 SENDO CARREGADAS EM AEROPORTO / AVIAO LEVANTA VOO - EM FAST /
 PAINES COM NUMEROS E DESTINOS DE VOOS EM AEROPORTO / MAOS
 CONTANDO DOLARES / PESSOAS ATRAVESSAM RUA EM NOVA IORQUE /
 FACHADA DE LOJA BRASILEIRA EM NOVA IORQUE / FACHADA DE SALAO DE

BELEZA "IPANEMA" EM NOVA IORQUE / RAPAZ LATINO ANDA EM RUA DE NOVA IORQUE / EDIÇÃO DE ROSTOS DE MULHERES BRASILEIRAS QUE MORAM EM NOVA IORQUE E SAO DONAS DE SALAO DE BELEZA - SAO AS IRMAS PADILHA / EDICAO COM OS ROSTOS DELAS E OS SINAIS DE TRANSITO "WALK" ; "DONT WALK"/ CLOSE DE MAOS DE MANICURE LIXANDO UNHA / CLOSE DE MAOS DE MANICURE CORTANDO CUTICULA COM ALICATE / CLOSE DE MAOS FAZENDO UNHA / FACHADA DO SALAO DE BELEZA DA MODA EM NOVA IORUQE "J. SISTERS" , DAS BRASILEIRAS PADILHA / FOTO DAS SETE IRMAS , DONAS DO SALAO , QUE VIERAM DO ESPIRITO SANTO / CLOSE DE MAOS DE MANICURES FAZENDO UNHAS / ENT. COM DEPILADORA JANE PADILHA SOBRE COMO INTRODUZIU A DEPILAÇÃO NO SALAO / PALAVRA "BRAZILIAN " EM DICIONARIO DE LINGUA INGLESA - A PALAVRA NO DICIONARIO VIROU SINONIMO DE DEPILAÇÃO A CERA NA VIRILHA PARA PODER USAR BIQUINI / FOTOS EM P&B DE GWINETH PALTROW, SANDRA BULLOCK ; MELANIE GRIFFITH ; LIV TAYLOR - TODAS CLIENTES DO SALAO DAS BRASILEIRAS / CLOSE MAO FAZENDO DEPILAÇÃO COM CERA / CLOSE MAOS FAZENDO AS UNHAS / MANSAO DAS IRMAS PADILHA EM NOVA IORQUE / PISCINA / FAMILIA REUNIDA PARA UM CHURRASCO / CRIANÇAS PULANDO EM CAMA ELASTICA / CARNE SENDO CORTADA NO ESPETO / IRMAS PADILHA SAMBANDO / JANE PADILHA FALA QUE FARIA ALGUMA COISA PRODUTIVA EM QUALQUER LUGAR DO MUNDO / ENT. COM JOSELY PADILHA SOBRE AS OPORTUNIDADES QUE TIVERAM NOS EUA ; SOBRE SEUS FILHOS TEREM NASCIDO NOS EUA ; SOBRE A OPORTUNIDADE QUE ESTA ESTA DANDO AOS FILHOS / CLOSE DE MAOS TIRANDO CUTICULA DE PE / CLOSE ROSTOS DAS IRMAS PADILHA TRABALHANDO / MAOS FAZENDO ESCOVA / JANE PADILHA FALA QUE PENSAVA EM SE APOSENTAR E IR MORAR NO BRASIL / ENT. COM JOSELY SOBRE NAO TER PLANOS DE VOLTAR AO BRASIL/ ENT. COM JOYCE PADILHA SOBRE GOSTAR DE SEU TRABALHO NOS EUA / CLOSE DE MAOS PINTANDO UNHA / CLOSE DE VIDRO DE ESMALTE NAS MAOS DE MULHER / CLOSE EM ROSTO DE MENINA COM CAMISA DO BRASIL MANDANDO BEIJO / FAMILIA BRASILEIRA ACENA / BANDEIRAS DO BRASIL EXPOSTAS EM FEIRA / ANTROPOLOGA MAXINE MARGOLIS ANDANDO / ENT. COM MAXINE , QUE ESTUDA A IMIGRAÇÃO BRASILEIRA , SOBRE OS BRASILEIROS LEGAIS E ILEGAIS NOS EUA / PESSOAS ANDANDO EM RUA DE NOVA IORQUE / CARROS

NAS RUAS / EDIÇÃO EM FAST DE CARROS E PEDESTRES / STAND UP REP. JORGE PONTUAL / VISTA DE CIMA DA CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES / STAND UP REP. ERNESTO PAGLIA / MANSOES EM GOVERNADOR VALADARES / BAIRRO DE CLASSE MEDIA ALTA QUASE TODO CONSTRUIDO COM DINHEIRO DE BRASILEIROS QUE TRABALHAM NOS EUA E INGLATERRA / CORRETOR DE IMOVEIS MOSTRA MANSAO EM OBRAS / OPERARIOS TRABALHAM NA OBRA / ENT. COM CORRETOR DE IMOVEIS JOAO LOMEU , SOBRE O TEMPO MEDIO QUE AS PESSOAS LEVAM PARA JUNTAR DINHEIRO NO EXTERIOR PARA CONSTRUIR OU COMPRAR UMA CASA - 2 ANOS / ENTRADA DA CASA DA EX-EMPREGADA DOMESTICA MARIA SANTANA / MARIA RECEBE O REPORTER E MOSTRA A GRANDE CASA / ENT. COM MARIA SOBRE SUA PESSIMA SITUAÇÃO FINANCEIRA ANTES DOS FILHOS IREM TRABALHAR NOS EUA ; CONTA QUE NAO TINHA NEM FOGAO EM CASA / MOVEIS E ELETRODOMESTICOS NA CASA DE MARIA / GARÇONETE GERUSA DE SOUZA FAZ CARINHO NOS CABELOS DA FILHA AINDA CRIANÇA / FILHO DE GERUSA , MATEUS DE UM ANO E TRES MESES , NO COLO DO AVO - GERUSA MORA NOS EUA E DEIXA OS FILHOS MORANDO NO BRASIL COM OS PAIS ; ELA SUSTENTA A FAMILIA COM O TRABALHO EM UMA LANCHONETE EM BOSTON / ENT. COM GERUSA SOBRE DEIXAR OS FILHOS NO BRASIL PARA TRABALHAR NOS EUA ; AFIRMA QUE QUANDO VOLTAR AO BRASIL SEU FILHO NEM VAI RECONHECE-LA ; FALA QUE FAZ ISTO PELO BEM DOS FILHOS / FILHA DE GERUSA BRINCA NO CHAO / MATEUS NO COLO DE GERUSA / IMS. EM P&B DE ARQUIVO DA FAMILIA HILEL EM GOVERNADOR VALADARES NA DECADA DE 40 : MULHERES JOGANDO BOLA ; MULHERES DE BICICLETA ; CARRO ; OPERARIOS TRABALHANDO ; FACHADA DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS ; FUNCIONARIOS ESTRANGEIROS EM VALADARES ; FOTO DE MISTER SIMPSON - ENGENHEIRO AMERICANO QUE ERA FAMOSO EM VALADARES NA EPOCA / MAOS DE HOMEM ANDANDO SEGURANDO PASTA EM GOVERNADOR VALADARES / PERNAS DO HOMEM ANDANDO / VARIOS TAKES DAS MAOS DO HOMEM ANDANDO SEGURANDO PASTA / ENT. COM HOMEM NAO IDENTIFICADO QUE E CHAMADA DE " CONSUL " - QUE E UM AGENCIADOR DE PESSOAS PARA OS EUA - SOBRE ELE GANHAR MUITO DINHEIRO COM O TRAFICO DE TRABALHADORES PARA OS EUA ; AFIRMA QUE COBRA 10 MIL DOLARES POR PESSOA / CLOSE DO VISTO AMERICANO FALSO QUE E VENDIDO PELO AGENCIADOR / PASTA NA

MAO DO HOMEM / PAN DA PASTA ATE SEU OLHO / BANDEIRA DO MEXICO / ARTE COM MAPA MOSTRANDO O CAMINHO DO IMIGRANTE ILEGAL DO BRASIL AO MEXICO E ENTAO PARA OS EUA / IMS. DE ARQUIVO DE IMIGRANTES ENTRANDO ILEGALMENTE NOS EUA PELA FRONTEIRAS COM O MEXICO ; IMIGRANTES CORRENDO A NOITE ; IMIGRANTES VISTOS POR TELA DE COMPUTADOR ; IMIGRANTE PULANDO CERCA NA FRONTEIRA / AGENCIADOR FALA QUE AS VEZES A VIAGEM NAO DA CERTO ; QUE AS PESSOAS SE ARRISCAM POR CAUSA DOS DOLARES QUE PODEM GANHAR NOS EUA ; AFIRMA QUE GANHA CERCA DE 200 MIL DOLARES POR MES COM ESTE TRABALHO QUE SABE QUE E ILEGAL

Período: 14/11/2003 Até:

Título.....: BRASILEIROS NO EXTERIOR/ 2.PARTE

Dados Técnicos:

Local.....: BOSTON ; GOVERNADOR VALADARES

Repórter...: PAGLIA,ERNESTO; PONTUAL,JORGE

Fonte.....: TV GLOBO

Programa...: GLOBO REPORTER

Duração C.: 60 Cassete: 0178823/0178827 Som....: Sim

Duração M.: 00:11'03" Cromia.: Colorido Tipo...: Original

Timecode...: 00:14'10" Bitola.: 1/2 Matéria: Editada

Contrato...: 2497/35 - ENTREVISTA COM BRASILEIRO QUE TRABALHOU NO EXTERIOR

Observação.: PGM 894 / IMAGENS ORLANDO MOREIRA ; SHERMAN COSTA E FERNANDO CALIXTO NO BRASIL

Sinopse....: ESTATUA DA LIBERDADE / PLANO FECHADO DE PEDESTRES EM RUA / BANDEIRA AMERICANA / PESSOAS ATRAS DAS GRADES EM CASA DE DETENÇÃO EM BOSTON - FILMADAS DE FORA DO PREDIO / PAN NA FACHADA DA CASA DE DETENÇÃO EM BOSTON / SOBE SOM DE BRASILEIROS PRESOS NA CASA DE DETENÇÃO SOBRE AS PESSIMAS CONDIÇÕES EM QUE VIVEM NA CASA DE DETENÇÃO ; SOBRE SEREM TRATADOS COMO CRIMINOSOS E QUE FICAM NA MESMA ALA DE CRIMINOSOS PERIGOSOS ; SOBRE CERCA DE QUARENTA BRASILEIROS ESTAREM PRESOS LA ; SOBRE SO COMEREM PAO O DIA INTEIRO ; SOBRE FICAREM SEM ROUPA NA PRISAO / FACHADA DA CASA DE DETENÇÃO / HOMEM ACENA DE FORA DA CASA DE DETENÇÃO / PESSOAS QUE TENTAM VISITAR PARENTES VOLTAM DA PORTA SEM CONSEGUIR

ENTRAR / ENT. COM PINTOR BRASILEIRO ARI DE SOUZA SOBRE ESTE SER O SEGUNDO FINAL DE SEMANA QUE TENTA VISITAR SEU PARENTE SEM CONSEGUIR / MAOS DE PRESO ATRAS DE GRADE EM JANELA / BIG CLOSE DO ROSTO DA GOIANA MARIA DO CARMO / FOTO DE MARIA DO CARMO AO LADO DO MARIDO - COM ROSTO TAMPADO - E DO FILHO / IMS. DE ARQUIVO DE SETEMBRO DE 2003 : MARIA DO CARMO EM SUA CASA PERTO DE BOSTON GRAVIDA DE NOVE MESES - O MARIDO ESTAVA PRESO NA IMIGRAÇÃO / ENT. DE ARQUIVO COM MARIA DO CARMO SOBRE O BEBE QUE VAI NASCER SEM O PAI QUE ESTA PRESO ; CONTA COMO O MARIDO FOI PRESO / FILHA DE MARIA DO CARMO BRINCA COM LANTERNA / FOTO DO MARIDO DE MARIA DO CARMO COM O ROSTO TAMPADO / OUTRO FILHO DE MARIA DO CARMO / ENT. COM O FILHO DO CASAL DE DEZ ANOS , PAULO AMORIM , SOBRE A PRISAO DO PAI / CLOSE DE MARIA DO CARMO CHORANDO / CLOSE DE PAULO CHORANDO / MARIA DO CARMO ARRUMA ROUPAS DA FILHA QUE VAI NASCER / PASTOR EVANGELICO CARLOS PENA FALA SOBRE A SITUAÇÃO DE MARIA DO CARMO NOS EUA / FILHO OLHANDO AS FOTOS DO PAI / FOTO DE MARIA DO CARMO COM O MARIDO - NESTA FOTO O ROSTO DO MARIDO APARECE / IMS. ATUAIS DE MARIA DO CARMO COM O BEBE RECEM NASCIDO NO COLO - BRENDA NASCEU E O PAI JA ESTA DE VOLTA AO BRASIL / MARIDO DE MARIA DO CARMO FALA COM A FAMILIA PELA INTERNET / IMAGEM DO MARIDO NA TELA DO COMPUTADOR - SOBE SOM DE SUA VOZ / FILHO GRITA " PAI " / FILHOS FICAM FELIZES / IMAGEM DO MARIDO EM FRENTE AO COMPUTADOR NO BRASIL - ELE ESTA EM ANAPOLIS ESTADO DE GOIAS E NAO QUER SER IDENTIFICADO POIS AINDA QUER VOLTAR AOS EUA / CLOSE EM MARIA DO CARMO EMOCIONADA / IMAGEM DA FAMILIA NA TELA DO COMPUTADOR / CLOSE NO BEBE BRENDA / OLHOS DO MARIDO OLHANDO A FAMILIA PELO COMPUTADOR / FILHO FALA QUE ESTA COM SAUDADES E CHORA / REP. ERNESTO PAGLIA COM A FAMILIA DE DONA NATALIA EM GOVERNADOR VALADARES - O MARIDO ESTA NOS EUA TRABALHANDO / FOTO DO MARIDO QUE ESTA NOS EUA / NOVA OFICINA DE MARCENARIA COMPRADA COM O DINHEIRO DO MARIDO QUE ESTA NOS EUA / TRAVELLING NA CASA DE NATALIA / MOTOCICLETA ZERO QUILOMETROS COMPRADA COM O DINHEIRO DO MARIDO / FILHOS DO CASAL / FILHA DO CASAL , NAGIANE LACERDA , FALA SOBRE A SAUDADE DO PAI / MENINA BORDANDO / FAMILIA OLHANDO

AS FOTOS DO PAI EM PAINEL / NAGIANE FALA SOBRE COMO VAI SER QUANDO O PAI VOLTAR / CLOSE NO ROSTO DE JOSE ALVES DOS SANTOS - PAI DE GILMAR QUE MORREU AO TENTAR ENTRAR NOS EUA / FOTO DO VENDEDOR GILMAR DOS SANTOS MORTO AO TENTAR ENTRAR ILEGALMENTE NOS EUA / TELEGRAMA QUE INFORMOU A MORTE DO VENDEDOR A FAMILIA EM GOVERNADOR VALADARES / ENT. COMO PAI DE GILMAR SOBRE O DIA QUE O FILHO FOI PARA OS EUA / MATERIA DE JORNAL SOBRE GILMAR QUE FOI UM VENDEDOR PREMIADO NA CIDADE / FOTO DE GILMAR / ENT. COM A MAE DE GILMAR , MARIA DOS SANTOS , SOBRE O SOFRIMENTO DE TER PERDIDO O FILHO E NAO TER DINHEIRO PARA TRAZER O CORPO / FOTO DE GILMAR VAI SENDO DESFOCADA /

Tempo total de duração do Programa na íntegra: “BRASILEIROS NO EXTERIOR”:
42 minutos e 10 segundos.

Conforme a utilização informada, uso EDUCACIONAL, o valor do programa acima é de R\$ 220,00.

Período: 29/07/2005 Até:

Título.....: UM FUTURO NO EXTERIOR/ 1.PARTE

Dados Técnicos:

Local.....: GOVERNADOR VALADARES ; EUA ; MEXICO ; GONZAGA

Repórter...: MADEIRA, ISMAR

Fonte.....: TV GLOBO

Programa...: GLOBO REPORTER

Duração C.: 60 Cassete: 0193275/0193279 Som....: Sim

Duração M.: 00:15'31" Cromia.: Colorido Tipo...: Original

Timecode...: 00:01'46" Bitola.: 1/2 Matéria: Editada

Contrato...:

Observação.: PGM 977

Sinopse.....: APRESENTAÇÃO SERGIO CHAPELIN / IMIGRANTES CORRENDO NA FRONTEIRA ENTRE EUA E MEXICO / ENT. COM PEDREIRO E FUNCIONARIO PUBLICO DELZO GARCIA SOBRE A TRAVESSIA ENTRE AS FRONTEIRAS ; CONTA COMO E DIFICIL E ARRISCADO FAZER ESTA TRAVESSIA DE MANEIRA ILEGAL / IMAGENS ESVERDEADAS DE IMIGRANTES ILEGAIS ANDANDO PELA FRONTEIRA / DELZO TRABALHANDO COMO PEDREIRO / MALA NAS MAOS DE HOMEM ANDANDO EM RUA DE GOVERNADOR VALADARES / IMAGENS NOTURNAS DE ILEGAIS SE ESCONDENDO NA FRONTEIRA / DELZO FALA QUE SE ALGUEM PASSAR MAL E

ABANDONADO NO MEIO DO CAMINHO PELOS " COIOTES" - PESSOAS QUE COMANDAM A TRAVESSIA ILEGAL / STAND UP REP. ISMAR MADEIRA / SITIO EM GOVERNADOR VALADARES / VACA MUGINDO - SOBE SOM / FAZENDEIRO MOENDO CANA DE AÇUCAR - O PROPRIO FAZENDEIRO FAZ O SERVIÇO DOS PEOES QUE NAO CONSEGUE CONTRATAR / ENT. COM FAZENDEIRO JOAO CESAR DA COSTA SOBRE A CARENCA DE MAO DE OBRA EM GOVERNADOR VALADARES POIS OS JOVENS MIGRAM PARA FORA DO PAIS / JOAO TOCA GADO / VAQUEIRO MARCOS MARTINS ANDA NA FAZENDA / ENT. COM MARCOS MARTINS QUE AFIRMA QUE TAMBEM QUER SAIR DO PAIS / CASA COM PISCINA / OPERARIOS TRABALHANDO - EM GOVERNADOR VALADARES TAMBEM FALTAM TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL / ENT. COM MEMBRO DO SINDICATO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE GOVERNADOR VALADARES , PAULO GUIMARAES , SOBRE A FALTA DE MAO DE OBRA NO LOCAL / SOCIOLOGA FLAVIANE TAVARES DA SILVA FALA QUE NAO CONSEGUE TERMINAR A OBRA DE SUA CASA POR FALTA DE MAO DE OBRA / MAOS BATENDO EM TIJOLOS / MAOS PASSAM CIMENTO EM PAREDE / ARTE COM MAPA DOS EUA MOSTRANDO O VOLUME DE REMESSAS DE DINHEIRO DOS EUA PARA BRASIL - SÓ PARA GOVERNADOR VALADARES FORAM ENVIADOS 10 MILHOES DE DOLARES / CASAS CONSTRUIDAS COM DINHEIRO DOS IMIGRANTES / MAO ABRE PORTA DA SEDE DA POLICIA FEDERAL DE GOVERNADOR VALADARES / JOVENS EM FILA PARA TIRAR PASSAPORTES / PAN NA FILA / FUNCIONARIOS DA POLICIA FEDERAL ATENDENDO AS PESSOAS / SOBE SOM DE FUNCIONARIA ADVERTINDO JOVEM QUE " AS VEZES VOCES PAGAM COM A PROPRIA VIDA A BUSCA DE UM SONHO " / PASSAPORTE SENDO ENTREGUE A JOVEM / JOVEM ASSINA PASSAPORTE / ENT. COM DELEGADO DA POLICIA FEDERAL , MARINHO SILVA REZENDE , SOBRE O PERFIL DAS PESSOAS QUE TENTAM IR PARA O EXTERIOR ILEGALMENTE / PAN EM SLOW NA FILA DE JOVENS NA POLICIA FEDERAL / DELEGADO MARINHO FALA SOBRE AS QUADRILHAS QUE PROMOVEM A TRAVESSIA ILEGAL PARA OS EUA / MAO PEGA PASSAPORTE EM PILHA / MULHER ASSINA PASSAPORTE / RAPAZ COM BONE ESCRITO " USA" / FILA DE PESSOAS NA SEDE DA POLICIA FEDEERAL / PROFESSOR DOUGLAS PEGA PASSAPORTE / ENT. COM DOUGLAS SOBRE TRABALHAR COMO ESCRAVO NO BRASIL / DOUGLAS COM PASSAPORTE NAS MAOS / PASSAPORTE DO PEDREIRO DELZO / PESSOAS FAZENDO A TRAVESSIA ILEGAL NA FRONTEIRA DOS EUA COM MEXICO / ENT. COM DELZO QUE TENTOU MAS NAO CONSEGUIU FAZER A TRAVESSIA POIS NA HORA DE CRUZAR A FRONTEIRA O COIOTE PEDIU MAIS MIL DOLARES ; ELE NAO TINHA E FOI ENTREGUE A IMIGRAÇÃO / DELZO MOSTRA A PULSEIRA DE IDENTIFICAÇÃO DA PENITENCIARIO ONDE FICOU PRESO - ELE FOI DEPORTADO ESTE ANO / FALA SERGIO CHAPELIN /

11'15" ZOOM OUT DA CIDADE DE GONZAGA ONDE NASCEU JEAN CHARLES DE MENEZES / VISTA DE CIMA DE HOMEM MONTADO A CAVALO AO LADO DE CACHORRO / HOMEM LENDO MATERIA SOBRE JEAN CHARLES EM JORNAL / PICHACAO EM MURO SOBRE JEAN CHARLES / PESSOAS NA CIDADE CONSTERNADAS / GRAVURA COM DUAS MAOS IMITANDO POMBO ESCRITO "PAZ" / CANTINEIRA MARIA DO SOCORRO FALA SOBRE A PREOCUPACAO COM SEUS PARENTES NOS EUA / CLOSE EM SEU OSVALDO E SEU ACIR - CADA UM TEM DOIS FILHOS NOS EUA / ENT. COM CARPINTEIRO OSVALDO SOBRE SEUS FILHOS NOS EUA - ELE CHORA / ENT. COM MOTORISTA ACIR PEREIRA SOBRE SEUS FILHOS NOS EUA / STAND UP REP. ISMAR MADEIRA / GARI TRABALHANDO / ENT. COM O GARI MILTON SANTIAGO SOBRE PORQUE NAO IMIGROU PARA O EXTERIOR ; AFIRMA QUE SE TIVESSE DINHEIRO IRIA PARA FORA DO PAIS / HOMEM PUXA CAVALO COM DUAS CRIANÇAS EM CIMA / CLOSE ROSTO DO MENINO NO CAVALO / ENT. COM O PAI , MARCENEIRO PEDRO PAULO DA SILVA , SOBRE QUERER QUE SEU FILHO VA PARA OS EUA QUANDO CRESCER / IMAGENS DO CORTEJO DE JEAN CHARLES EM GONZAGA / AMIGO DE JEAN , MARCELO , TRABALHANDO EM COMPUTADOR / ENT. COM O FUNCIONARIO PUBLICO MARCELO DE MOURA QUE AFIRMA QUE NAO QUERER SAIR DO PAIS ; FALA COMO SAO SEUS ESTUDOS E TRABALHO NO BRASIL / VARIOS TAKES DE MARCELO NO COMPUTADOR / ZOOM IN EM DUAS ADOLESCENTES / ENT. COM ESTUDANTE ILMA DE FIGUEIREDO - PRIMA DE JEAN CHARLES - SOBRE SER POSSIVEL VENCER NA VIDA NO BRASIL / PESSOAS CONSTERNADAS EM GONZAGA / AMIGOS ABRAÇAM E CONFORTAM OS PAIS DE JEAN CHARLES / ENT. COM A MAE DE JEAN CHARLES , MARIA MENEZES , QUE AFIRMA QUERER PAZ NO MUNDO PARA NENHUMA MAE SOFRER COMO ELA / IMS. DE ARQUIVO DE JEAN CHARLES / MENINO DE CHUPETA ACENA PARA CAMERA / PAI DE JEAN COM FOTO DO FILHO NAS MAOS - ZOOM IN NA FOTO

Tempo total de duração do Programa na íntegra: “UM FUTURO NO EXTERIOR”: 42 minutos e 10 segundos.

Conforme a utilização informada, uso EDUCACIONAL, o valor do programa acima é de R\$ 220,00.

Período: 22/09/2006 Até:

Título.....: MIGRANTES BRASILEIROS / 1.PARTE**Dados Técnicos:**

Local.....: GONZAGA ; GOVERNADOR VALADARES ; RIVERSIDE ; DANBURY

Repórter...: MADEIRA, ISMAR; PONTUAL, JORGE

Fonte.....: TV GLOBO

Programa...: GLOBO REPORTER

Duração C...: 60 Cassete: 0204407/0204412 Som....: Sim

Duração M...: 00:14'19" Cromia.: Colorido Tipo...: Original

Timecode...: 00:01'13" Bitola.: Disco Óptico Matéria: Editada

Contrato...:

Observação.: PGM 1024

Sinopse.....: APRESENTAÇÃO SERGIO CHAPELIN / EDIÇÃO: ANA HELENA GOMES (GOVERNADOR VALADARES E GONZAGA); CÉSAR CARDOSO (LONDRES); NORBERTO ODA (PARAGUAI) ; SÔNIA BRIDI (CHINA) / REPORTAGEM:

FERNANDO PARRACHO (PARAGUAI) ; ISMAR MADEIRA (GOVERNADOR VALADARES E GONZAGA); JORGE PONTUAL (ESTADOS UNIDOS) ; MARCOS UCHOA (LONDRES) ; PAULO RENATO SOARES (SÃO PAULO) ; SÔNIA BRIDI (CHINA) / PRODUÇÃO: ANA RITA MENDONÇA (SÃO PAULO) ; CRISTINA LOOSE (PARAGUAI) ; GONÇALO GOMES (LONDRES) ; JORGE GHIARONI (GOVERNADOR VALADARES E GONZAGA) ; RENATA CHIARA (ESTADOS UNIDOS) / COLABORAÇÃO: ALBUQUERQUE JÚNIOR (GOVERNADOR VALADARES E GONZAGA) / EDIÇÃO DE IMAGENS: ADRIANA NAGEL (PARAGUAI) ;

CESAR CARDOSO (LONDRES) ; FRANCISCO CARVALHO (GOVERNADOR VALADARES E GONZAGA) ; JOÃO D'ALESSANDRO (ESTADOS UNIDOS) ; LÍLIAN CAVALHEIRO (SÃO PAULO) / IMAGENS: JEAN RIBEIRO (PARAGUAI)

JOSÉ HENRIQUE (SÃO PAULO) ; LÚCIO RODRIGUES (ESTADOS UNIDOS) PAULO ZERO (CHINA) ; SAULO LUIZ (GOVERNADOR VALADARES E GONZAGA) ; SÉRGIO GILZ (LONDRES) ; SHERMAN COSTA (ESTADOS UNIDOS) / ÁUDIO: DONIZETE DOS SANTOS (SÃO PAULO) ; EDUARDO DE SOUZA (SÃO PAULO) ; PAULO CÉSAR LIMA (SÃO PAULO) ; RUBENS CAMARGO (SÃO PAULO) / TÉCNICOS: CLAUDEMIR ARAÚJO (PARAGUAI) ; JAIR PIMENTEL (SÃO PAULO)

LUIZ FRACHETA (SÃO PAULO) ; RODINEI EUGÊNIO (GOVERNADOR VALADARES E GONZAGA) / CRIANÇAS BRINCAM DE RODA A NOITE NA CIDADE DE GONZAGA , MINAS / MÃE COM QUATRO FILHAS EM VOLTA / ENTREVISTA COM A ESTUDANTE GISLENE FERREIRA DA CRUZ SOBRE A PREOCUPAÇÃO COM O PAI , OSVALDO , QUE ESTÁ ILEGALMENTE NOS EUA / HOMEM A CAVALO NA CIDADE DE GONZAGA / HOMEM CARREGA MALA NAS COSTAS / ROSTO DE DOIS HOMENS / HOMEM BALANÇA BANDEIRA DOS EUA CONTRA A LUZ DO SOL / ENTREVISTA COM O COMERCIANTE GIOVANI DA

SILVA SOBRE OS CIDADÃOS DE GONZAGA QUE ESTÃO ILEGAIS NOS EUA / IMAGENS DE ARQUIVO DE IMIGRANTES SENDO CAÇADOS E PRESOS NA FRONTEIRA DOS EUA ; PASSEATA PEDINDO JUSTIÇA PARA OS IMIGRANTES NOS EUA / ENTREVISTA COM O COMERCIANTE CLEIDSON DE ARAÚJO SOBRE COMO OS IMIGRANTES SÃO DESCRIMINADOS NOS EUA / ZOOM IN NO NÚMERO DA CASA DA FAMÍLIA FERREIRA DA CRUZ - O HOMEM DA CASA , O PEDREIRO OSVALDO, LEVA VIDA DE CLANDESTINO NOS ESTADOS UNIDOS / ENTREVISTA COM GISLENE, FILHA DO PEDREIRO OSVALDO , SOBRE A PREOCUPAÇÃO COM SEU PAI / FOTO DE OSVALDO / ENTREVISTA COM A DONA DE CASA MARIA MIRTEZ DA CRUZ, MULHER DE OSVALDO , SOBRE A PREOCUPAÇÃO COMO MARIDO / PAN EM CLOSE NOS ROSTOS DAS MENINAS / MENINAS AFIRMAM QUE É MUITO DIFÍCIL FICAR LONGE DO PAI / ZOOM IN NA FOTO DE OSVALDO / MARIA MIRTEZ FALA QUE O MARIDO FOI PARA OS EUA HA DOIS ANOS / ZOOM IN EM DONA DE CASA MARIA OTONI DE MENEZES, MÃE DO BRASILEIRO JEAN CHARLES DE MENEZES , NA JANELA DE CASA / ARTE MOSTRANDO O ESTADO DE MINAS COMO O MAIOR POLO DE EMIGRAÇÃO DO BRASIL - NA PEQUENA GONZAGA E NAS CIDADES VIZINHAS, O MAPA DO MAIOR PÓLO DE EMIGRAÇÃO DO PAÍS É RESULTADO DE UM ESTUDO INÉDITO QUE ACABA DE SER CONCLUÍDO; A SOCIÓLOGA SUELI SIQUEIRA FEZ A MAIS COMPLETA PESQUISA JÁ REALIZADA SOBRE A REGIÃO QUE EXPORTA BRASILEIROS DESDE A DÉCADA DE 60 / A SOCIÓLOGA SUELI SIQUEIRA TRABALHA EM LAPTOP / RÁPIDOS TAKES DE ARQUIVO DE CIDADES DE MINAS E DE NOVA IORQUE / ENTREVISTA COM A SOCIÓLOGA SUELI SIQUEIRA SOBRE A IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NOS EUA / PLACA NA ENTRADA DA CIDADE DE GOVERNADOR VALADARES DANDO BOAS VINDAS EM PORTUGUES E INGLES / CARROS DE LUXO E CASAS EM RUAS DE GOVERNADOR VALADARES - BENS CONQUISTADOS POR BRASILEIROS QUE FIZERAM DINHEIRO NOS EUA / PESSOAS DE BICICLETA NAS RUAS DA CIDADE / PESSOAS NA CALÇADA / TAKES DE PESSOAS NAS RUAS DE NOVA IORQUE / ENTREVISTA COM A SOCIÓLOGA SUELI SIQUEIRA SOBRE OS CIDADÃOS AMERICANOS ESTAREM OCUPANDO VAGAS NO MERCADO SECUNDÁRIO DE EMPREGO , COMO A CONSTRUÇÃO CIVIL , QUE ANTES ERAM OCUPADAS POR IMIGRANTES / NOVOS PRÉDIOS EM CONSTRUÇÃO EM CIDADES DE MINAS / ENTREVISTA COM PAULO MARCOS COSTA, DA ASSOCIAÇÃO DOS PARENTES E AMIGOS DOS

EMIGRANTES DE MINAS GERAIS (ASPAEMIG) , SOBRE A DIMINUIÇÃO DOS INVESTIMENTOS NAS CIDADES DE MINAS COM A REPRESSÃO AOS IMIGRANTES NOS EUA / PAN FECHADA NA FACHADA DA POLICIA FEDERAL EM GOVERNADOR VALADARES / IMAGENS DE ARQUIVO DO GLOBO REPÓRTER MOSTRANDO GRANDE FILA DA PORTA DA POLICIA FEDERAL ,PESSOAS QUE QUERIAM TIRAR O PASSAPORTE / IMAGENS ATUAIS DA POLICIA FEDERAL / PEQUENA FILA DE PESSOAS QUERENDO TIRAR PASSAPORTE / MÃOS MANIPULAM PASSAPORTE / ARTE MOSTRA QUEDA DO NÚMERO DE PEDIDOS DE PASSAPORTES / MÃO MANIPULAM NOTAS DE DOLAR E REAL / STAND UP REPORTER ISMAR MADEIRA - SEGUNDO A ASPAEMIG, 60% DE TODA A ARRECADAÇÃO DA PREFEITURA DE GOVERNADOR VALADARES VÊM DOS BRASILEIROS QUE ESTÃO NOS ESTADOS UNIDOS. RESULTADO DA COBRANÇA DE IMPOSTOS SOBRE OS INVESTIMENTOS QUE ELES FAZEM NA CIDADE, COMO OS LOTEAMENTOS, POR EXEMPLO / A SOCIÓLOGA CAMILA FARIA PEREIRA EM GOVERNADOR VALADARES / FOTOS DOS PAIS DE CAMILA QUE ESTÃO HA SEIS ANOS NOS EUA / ENTREVISTA COM CAMILA SOBRE A SAUDADE QUE TEM DOS PAIS / CAMILA EM ONIBUS / CAMILA COM SEU CACHORRO / FAMÍLIA FERREIRA DA CRUZ EM GONZAGA / ENTREVISTA COM FAMILIARES ; MULHER E FILHAS DE OSVALDO FERREIRA DA CRUZ , SOBRE A FALTA DE SENTEM DO PAI / CAMILA ESTENDE ROUPAS EM VARAL / CAMILA SEGURA FOTOS DOS PAIS / CAMILA FALA DA FALTA QUE SENTE DOS PAIS / CLEIDSON DE MENEZES JOGA SUA FILA BEBE PARA CIMA E A BEIJA / ENTREVISTA COM CLEIDSON SOBRE A VAGA DE TRABALHO QUE TEVE QUE COMPRAR POR 300 DOLARES QUANDO ESTAVA NOS EUA / FOTOS DE CLEIDSON NOS EUA / FOTO DE SUA MULHER GRÁVIDA - CLEIDSON NÃO ESTAVA NO BRASIL QUANDO SUA FILHA NASCEU / CLEIDSON TRABALHANDO NA FEITURA DE FRALDAS DESCARTÁVEIS / CLEIDSON COM FILMADORA NAS MÃOS / CLOSE FILHA DE CLEIDSON / ENTREVISTA COM SUA MULHER WELMA DE MENEZES SOBRE A FELICIDADE DE SEU MARIDO TER VOLTADO / CLEIDSON AFIRMA QUE ESTÁ REALIZADO POR TER VOLTADO / CIDADE DE RIVERSIDE, A DEZ MINUTOS DE FILADÉLFIA - RIVERSIDE É UMA CIDADE DORMITÓRIO ; DE 8 MIL HABITANTES, MAIS DE 3 MIL SÃO BRASILEIROS QUE FORAM EM BUSCA DE TRANQUÍLIDADE E ALUGUÉIS BARATOS / PLACA INDICANDO A CIDADE / RIO NA CIDADE / MANSÃO ABANDONADA / FÁBRICA FECHADA / HOMEM

ATRAVESSA RUA / METRO DE SUPERFICIE / TRAVELLING EM CASAS DE RIVERSIDE / SENHOR NA PORTA DE CASA / DUAS MULHERES ANDAM EM RUA COM SEUS FILHOS - UMA EMPURRA CARRINHO DE BEBÊ / CASA / PAN EM LOJAS / FACHADA DA " LANCHONETE BRASIL " / HOMEM EM JANELA / JOVENS AMERICANOS EM RUA / HOMEM FAZ SINAL OFENSIVO COM O DEDO PARA CINEGRAFISTA - OS JOVENS DA CIDADE SÃO RACISTAS E AGRESSIVOS - RIVERSIDE É UM LUGAR QUE PAROU NO TEMPO. A ECONOMIA DA CIDADE GIRAVA EM TORNO DE UMA FÁBRICA DE RELÓGIOS, QUE FECHOU. NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS, MILHARES DE BRASILEIROS FORAM MORAR EM RIVERSIDE. REERGUERAM A ECONOMIA DA CIDADE E AGORA ESTÃO SENDO PERSEGUIDOS E FORÇADOS A IR EMBORA / A PROPRIETÁRIA DE UM SALÃO DE BELEZA APARECIDA GUEDES, A CIDA, TRABALHA NO SALÃO / APENAS UMA CLIENTE NO SALÃO - CIDA ESTÁ TENDO QUE FECHAR O ESTABELECIMENTO POR FALTA DE CLIENTES ; VAI PERDER TUDO O QUE GANHOU EM ANOS DE TRABALHO / FACHADA DO SALÃO / CARTAZ ANUNCIA QUE O SALÃO ESTÁ A VENDA / ENTREVISTA COM CIDA SOBRE A LUTA PARA CONSTRUIR SEU SALÃO ; AFIRMA QUE ESTÁ MUITO MAL POR TER QUE FECHAR AS PORTAS / BANDEIRA DO BRASIL NA PORTA DO SALÃO / RUAS DE RIVERSIDE / BRASILEIRA SUZANETE SILVA , QUE CHEGOU DE MATO GROSSO HÁ CINCO ANOS E MEIO - HOJE TEM UMA PEQUENA EMPRESA NO SETOR DE LIMPEZA DOMÉSTICA / SUZANETE ANDA EM DIREÇÃO A SUA CASA / ENTREVISTA COM SUZANETE SOBRE A DOR E A SOLIDÃO QUE SENTE / PASSEATA DE IMIGRANTES PROTESTANDO NAS RUAS DE RIVERSIDE / MULTIDÃO DE AMERICANOS ENFURECIDOS GRITAM PARA OS IMIGRANTES IREM EMBORA / HOMEM COM BANDEIRA RACISTA DO SUL DOS EUA EM CARRO / ENTREVISTA COM A JOVEM ANDRÉIA ROCHA, QUE CHEGOU DO RIO PARA ESTUDAR E QUE ESTAVA NA MANIFESTAÇÃO , SOBRE A HUMILHAÇÃO QUE FOI SUBMETIDA DURANTE A MANIFESTAÇÃO / ENTREVISTA COM O EMPRESÁRIO AMERICANO DAVID VERDUIN QUE LIDERA UMA COALIZÃO DE EMPRESÁRIOS AMERICANOS E BRASILEIROS QUE ENTROU NA JUSTIÇA CONTRA A LEI ANTIIMIGRANTE DE RIVERSIDE (PARA EXPULSAR OS BRASILEIROS, RIVERSIDE ADOTOU UMA LEI: MULTA DE US\$ 1 MIL PARA QUEM DÁ EMPREGO OU ALUGA RESIDÊNCIA A IMIGRANTES SEM DOCUMENTOS) ; DAVID AFIRMA QUE VAI DERRUBAR A LEI NA JUSTIÇA / FACHADA DE MERCADO / O GOIANO SÉRGIO FALLONE

TRABALHA NA COZINHA DE SEU RESTAURANTE / ENTREVISTA COM SERGIO QUE AFIRMA QUE OS AMERICANOS TEM INVEJA DOS BRASILEIROS / CIDADE DE DANBURY, BEM MAIS AO NORTE - SÓ NESTE ANO, MAIS DE 20 BRASILEIROS JÁ FORAM PRESOS E DEPORTADOS NESTA CIDADE / IMIGRANTES NAS RUAS / A FAMÍLIA DO ADMINISTRADOR DE EMPRESAS GERALDO DE SOUZA NA SALA DE CASA / ENTREVISTA COM GERALDO SOBRE SUA FAMÍLIA JÁ TER SIDO ACORDADA DUAS VEZES POR POLICIAIS BATENDO NA PORTA, PROCURANDO OUTRO BRASILEIRO QUE MORAVA NO MESMO ENDEREÇO / SIMULAÇÃO DE POLICIAS BATENDO NA PORTA / O PARAENSE JOÃO ROCHA QUE TRABALHA NUM CENTRO CATÓLICO / ENTREVISTA COM JOÃO ROCHA SOBRE TER SIDO PRESO AO ENTRAR NO PAÍS ; SOBRE TER SIDO ALGEMADO NOS PÉS , MÃOS E BARRIGA ; QUE FOI A CORTE AMARRADO COM OUTROS 40 IMIGRANTES / JOÃO LÊ CARTA DA FAMÍLIA E FALA SOBRE A SAUDADE DA FAMÍLIA

Tempo total de duração do Programa na íntegra: “MIGRANTES BRASILEIROS”: 42 minutos e 10 segundos.

Conforme a utilização informada, uso EDUCACIONAL, o valor do programa acima é de R\$ 220,00.



equipe

Blocos escolha aqui

Último Programa

Edições Anteriores

Informações

Programas
InesquecíveisHistória do
Programa

Equipe

Newsletter

Fale Conosco

Vídeos

Telejornais

Bom Dia Brasil

Jornal Hoje

Jornal Nacional

Jornal da Globo

Globo Rural

Fantástico

DFTV

RJTV

SPTV

PEGN

Ação

Globo News

Outros Veículos

Jornal O Globo

Diário de São Paulo

Revista Época

Rádio CBN

Efeitos da imigração em Londres



É o emprego mais fácil: ficar plantado que nem um poste, segurando um cartaz com propaganda por algumas horas. Dá um dinheirinho. "Por enquanto, dá pra eu me manter", diz Wagner. Ele está aguentando. Já Andréia... "Estou morrendo de saudade. Moro num apartamento com 22 pessoas, das quais 17 são brasileiras", conta a jovem.

Mariana, baiana, também está atrás de uma grana e de dicas. É mais uma brasileira que tenta, na Inglaterra, uma mudança de vida.

É fácil se ver por Londres os efeitos dessa imigração. Estimativas falam entre 150 mil e 200 mil brasileiros só na capital britânica. Ninguém sabe ao certo. Mas está na cara que o número é grande.

Novos negócios pipocam por todo lado. Denise aproveitou e meteu a mão na massa. Depilação brasileira e famosa. A depilação e ela atraem os fregueses. "Todo mundo que vem e experimenta uma vez volta", diz ela.

Mas o brasileiro também sente na pele outra imagem do policial britânico. Jean Charles de Menezes, o brasileiro confundido com um terrorista e executado pela polícia, ficou tristemente famoso. Quatorze meses se passaram...

A morte de Jean Charles foi um choque para os brasileiros e muitos deles participaram de manifestações de solidariedade à família e contra a violência policial. Mas tudo isso foi um caso isolado, não houve uma alteração no comportamento das autoridades britânicas em relação aos brasileiros. A repressão maior que se vive hoje é um fenômeno europeu contra os imigrantes ilegais.

Marcelo é um dos que conseguiram trabalho legal. Está bem de vida. Na loja dele, anúncios oferecem emprego, moradia e ajuda. Há dez anos em Londres, ele nota a dificuldade maior para os que chegam agora. "Muito mais gente é barrada na imigração hoje do que antes. Eles estão muito mais focados nos brasileiros que chegam aqui", diz o comerciante.

"Segunda-feira é um dia que três, quatro ou cinco pessoas ligam para dizer que estão presas e precisam de uma assessora legal", conta o advogado Daniel, especializado em assuntos ligados à imigração.

Daniel tem um escritório que atende a muitos brasileiros. Há 16 anos vivendo na Inglaterra, ele tem uma opinião original em relação ao impacto político da morte de Jean Charles: "Foi um brasileiro que teve muita sorte dentro da Inglaterra. Se fosse um árabe, a situação teria ficado bem difícil para eles".

De fato, a imagem alegre, inocente, o estereótipo futebol-carnaval ajudaram a fazer com que as autoridades e o público britânicos parassem para pensar sobre os efeitos de uma política de confronto tão arriscada.

Busca

OK

DO-IN



O médico homeopata e acupunturista Marco Giostri mostra pontos da automassagem contra diversos males, como dores no pescoço e cólicas menstruais.

BASTIDORES



Em vídeo, imagens exclusivas das gravações.

RECEITAS



Veja como preparar saborosos pratos da Dieta Mediterrânea.

Mais lidos

Comida viva

Pesquisadores descobrem o soro da memória

Farinha de banana verde

Assine nossa
newsletter